



Departamento de Antropologia

**“Filhos do Betão
30 Anos de *skate* em Portugal;
Skate, identidade e subculturas juvenis em espaço urbano”**

Nuno Miguel Pereira Menezes

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia – Imagem e Comunicação

Orientadora:
Professora Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com agregação no
ISCTE – IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Setembro 2010



Departamento de Antropologia

**“Filhos do Betão
30 Anos de *skate* em Portugal;
Skate, identidade e subculturas juvenis em espaço urbano”**

Nuno Miguel Pereira Menezes

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia – Imagem e Comunicação

Orientadora:
Professora Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com agregação no
ISCTE – IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha amiga e companheira Maria Rita Alves dos Santos da Costa e Silva, que muito me ajudou e sempre me acompanhou desde o início desta dissertação dando-me sempre o alento necessário, não só nos momentos mais enfermos do meu estado de espírito mas também nos momentos em que a minha fé e confiança neste trabalho se encontrava abalada, reavivando assim as minhas forças, motivando-me a continuar, e colocando-me em sentido contra as adversidades com que me fui deparando. Obrigado Marita, sem ti este trabalho nem teria começado.

Quero agradecer também ao meu grande amigo Vasco Neves por me ter cedido uma série de informação e de me ter disponibilizado o seu tempo, para além de me ter direccionado aos locais certos e apresentado às pessoas correctas.

Quero agradecer ainda aos meus amigos brasileiros, Giancarlo Machado e Carlos Yindio Tassaró por me terem fornecido as mais variadas e importantes informações e por se terem mostrado sempre disponíveis em todas as ocasiões que solicitei a sua colaboração e apoio.

Quero ainda expressar a minha enorme gratidão à minha Orientadora, Professora Doutora Graça Índias Cordeiro que se dispôs a me acompanhar colocando-me no bom caminho, dando-me suas melhores sugestões e orientações.

Por último os meus agradecimentos vão também para a equipa da *Radical Skate Clube*, que me permitiu acesso livre ao Skateparque *Ski – Skate* em todas as situações que lá compareci, para além de se terem sempre mostrado interessados em colaborar neste trabalho; quero ainda felicitar esta organização pelo excelente trabalho que tem vindo a desenvolver desde 1990 no âmbito desta actividade desportiva, o *Skate*.

Obrigado a todos, sem a vossa ajuda este trabalho não seria possível.

Lisboa, 15 de Setembro de 2010

Nuno Miguel Pereira Menezes

Resumo

A presente dissertação propõe-se a investigar a contribuição da prática de *skate* para a construção de identidade em subculturas juvenis em espaços urbanos. Será realizada uma contextualização histórica da prática de skate em Portugal e no mundo. Com base em conceitos como identidade (Giddens, 1997), subcultura (Becker, 1991) e Tribos Urbanas (Maffesoli, 1998), procurou-se enquadrar a prática de skate no contexto urbano e definir qual o perfil dos praticantes de skate,

De forma a atingir esses objectivos, a metodologia aplicada triangulou várias técnicas, nomeadamente, análise documental, observação, entrevistas e histórias de vida.

Os resultados indicam que a prática do *skate* é resultado de uma apropriação dos espaços urbanos e da utilização das suas características arquitectónicas, o que por vezes constitui uma fonte de conflito social. A maioria dos praticantes de *skate* em Portugal são jovens de sexo masculino que vivem em meio urbano e pertencem a meios sócio-económicos favorecidos. Em termo identitário, os *skaters* definem-se, não só pela prática de um desporto, como por comportamentos, linguagem, atitudes e dinâmicas de interacção próprias. As implicações em termos da intervenção e do estudo de grupos juvenis são discutidas.

Palavras-chave – Grupos Juvenis, identidade, skate, skaters, tribos urbanas

Abstract

This study proposes to investigate the contribution of *skateboarding* practice in the construction of identity in youth subcultures in the urban space. A historical overview of the practice of *skateboarding* in Portugal and around the world is made. Based on concepts such as *identity* (Giddens, 1997), *subculture* (Becker, 1991) and *urban tribes* (Maffesoli, 1998), the practice of *skateboarding* in urban contexts is contextualized, and to a profile of the *skaters* is drawn.

To achieve these objectives, the methodology used triangulated several techniques, including document analysis, observation, interviews and life stories.

Results indicate that the practice of *skateboarding* is a result of appropriation of urban spaces and the use of its architectural features; that appropriation is sometimes a source of social conflict. Most *skaters* in Portugal are young males who live in urban areas and belong to advantaged socio-economic groups. In terms of identity, the *skaters* are defined not only by the practice of a sport, but with specific aspects, such as behavior, language, attitudes and dynamics of interaction itself. The implications for youth studies and intervention will be discussed.

Key words – Youth Groups, identity, skate, skaters, urban tribes

Índice

1. Introdução.....	VIII
2. A Prática de <i>Skate</i> Enquanto Objecto de Estudo Antropológico.....	1
2.1. Abordagens ao Estudo da Juventude e dos Grupos Juvenis.....	2
2.2. Abordagem ao Estudo do Grupo Juvenil dos <i>Skaters</i>	8
2.3. Objectivos deste Estudo	12
3. Metodologia	14
3.1. Observação	14
3.1.1. Objectivos e procedimentos da observação.....	14
3.1.2. Amostra da observação	16
3.2. Análise documental	17
3.2.1. Objectivos da análise documental	17
3.2.2. Fontes documentais analisadas.....	18
3.3. Entrevistas	18
3.3.2. Objectivo e procedimento das entrevistas	18
3.3.1. Amostra das entrevistas.....	19
3.4. História de Vida.....	20
3.4.1. Objectivo e procedimento da História de vida	20
4. Resultados	21
4.1. O Que é o <i>Skate</i> ?	21
4.1.1. Como é constituído um <i>skate</i> ?.....	21
4.2. História do <i>Skate</i>	23
4.2.1. O <i>Skate</i> no mundo	23
4.2.2. O <i>skate</i> em Portugal	33
4.3. A prática de <i>Skate</i> e o Espaço Urbano.....	37
4.3.1. O <i>skate</i> enquanto desporto urbano	38
4.3.2. Utilização de espaços públicos e conflituosidade.....	39
4.3.3. O <i>skate</i> e a sociedade.....	41
4.4. Caracterização dos Praticantes de <i>skate</i>	43
4.4.1. Género	43
4.4.2. Idade	45
4.4.3. Estrato socioeconómico.....	47
4.4.4. Zonas de residência	49
4.4.5. Perfis dos praticantes.....	50
4.5. Aspectos identitários	52
4.5.1. <i>Skaters</i> no seio dos Grupos Juvenis.....	52
4.5.2. Iniciação e Dinâmicas de Grupo.....	52
4.5.4. Indumentária.....	55
4.5.5. Linguagem.....	56
5. Discussão.....	59
5.1. Implicações Teóricas	60
5.2. Implicações Práticas	63
5.3. Limitações	64
5.4. Conclusão	66
6. Referências Bibliográficas	67
7. Anexos.....	70
Anexo A: Entrevistas Cedidas pelo Informante Chave	70
Anexo B: Entrevista ao Informante	82
Anexo C: Entrevista de História de vida	84
Anexo D: Observações.....	91
Anexo E: Descrição dos locais de observação	98
Anexo F: <i>Curriculum Vitae</i>	100

1. Introdução

O objectivo central desta investigação será determinar qual a contribuição da prática de *skate* para a construção de identidade em subculturas juvenis em espaços urbanos. Para atingir esse objectivo foram colocadas algumas questões de partida, nomeadamente: 1) *O que é o skate?* 2) *Qual a história da modalidade skate em Portugal e no mundo?* 3) *Qual a relação entre a prática de skate e o espaço urbano?* 4) *Quem são os praticantes de skate?* 5) *Quais os aspectos identitários característicos dos praticantes de skate?*

De forma a atingir esses objectivos foi aplicada uma metodologia que triangulou várias técnicas, nomeadamente, análise documental, observação, entrevistas e histórias de vida.

Os resultados serão apresentados em cinco secções. Em primeiro lugar será efectuada uma caracterização do *skate* enquanto objecto dos seus praticantes. Seguidamente será realizada uma contextualização histórica relativa ao desenvolvimento da modalidade a nível internacional e nacional. Na terceira secção será exposta a preposição de que a prática de *skate* se encontra intrinsecamente relacionada com o espaço urbano, explorando-se os pressupostos arquitectónicos inerentes à modalidade, assim como a conflituosidade gerada pela apropriação dos espaços públicos. Na quarta secção procurar-se-á realizar uma caracterização sócio-demográfica do grupo estudado (*skaters/praticantes de skate*), em termos de género, idade, classe social e zona de residência finalizando-se com uma exposição dos perfis dos principais sub-grupos dentro dos praticantes de *skate*. Por último serão explorados aspectos de natureza identitária, contextualizando-se o grupo dos *skaters* no seio das culturas juvenis, o processo de iniciação, as dinâmicas de grupo, indumentária e linguagem própria.

Para finalizar é apresentada uma discussão dos resultados obtidos em termos de implicações teóricas e práticas dos mesmos.

Seguidamente será realizada uma contextualização dos principais conceitos e correntes teóricas seguidas ao longo deste trabalho.

2. A Prática de Skate Enquanto Objecto de Estudo Antropológico

O estudo antropológico de grupos juvenis urbanos da actualidade exige uma análise que identifique a complexidade de discursos que envolvem esses universos culturais e as práticas dos seus participantes. Será exactamente esse o objectivo do presente trabalho. Pretender-se-á analisar o processo identitário do grupo dos *skaters*.

Para efectuar um estudo com este grupo, formado pelos participantes desta modalidade desportiva foi necessário recorrer a conceitos como *subcultura* (Dick Hebdige 1996), *tribo urbana* (Michel Maffesoli 1998), e *identidade* (Anthony Giddens, 1997). Estes são os principais conceitos utilizados para o estudo das sub-culturas juvenis, recorrentes nas duas últimas décadas. É igualmente em torno destes conceitos que será, seguidamente, construída e apresentada uma revisão de literatura crítica, de forma a procurar o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla acerca dos modos como essas manifestações se configuram no caso do sub-grupo juvenil a ser estudado, os praticantes de *skate*. Além de uma análise de teor sociológico e antropológico, será efectuada uma pesquisa de cariz histórico de forma a poder ser feita uma contextualização histórica deste desporto em Portugal nos últimos 30 anos.

Nesta análise etnográfica, o ponto de partida da problemática será efectivamente responder a questão: Qual a contribuição da prática de *skate* para a construção de identidade em subculturas juvenis em espaços urbanos. Será em torno desta problemática que se procurará organizar a literatura relevante. Procurar-se-á demonstrar que, mais do que apenas uma modalidade desportiva, a prática de *skate* é percebida pelos praticantes desta modalidade, como um elemento distintivo com ramificações em termos de ideologias, simbologias estéticas, normas de conduta, valores e utilização de léxico específico que têm impacto sobre a identidade e comportamento do grupo e acima de tudo comprovar a ideia de que o *skate* para além de um desporto é também um *modo de vida*¹ como muitos dos entrevistados referem.

Seguidamente serão apresentadas as perspectivas conceptuais e teóricas mais relevantes para a problemática a ser investigada. Em primeiro lugar será delineada uma breve exposição das principais abordagens ao estudo da juventude e dos grupos juvenis desde a década de 60. Seguidamente estas abordagens serão relacionadas com o estudo do grupo específico a ser estudado ao longo desta investigação, os praticantes da modalidade desportiva de *skate*. Embora este grupo tenha até agora sido pouco estudado, procurar-se á igualmente apresentar

¹ Categoria conceptualizada por os próprios praticantes; vide anexo A e B

os principais resultados de investigações anteriores que tenham incidido sobre este grupo juvenil.

2.1. Abordagens ao Estudo da Juventude e dos Grupos Juvenis

É nos anos 60 e 70 que a juventude e os seus *subgrupos* começam a ser considerados pelas ciências sociais como um objecto de estudo. Uma das principais abordagens avançadas para explicar as particularidades identitárias da juventude foi a corrente geracional (Machado Pais, 1993), defendendo a ideia de que a juventude é entendida dentro de uma fase de vida. Essa corrente enfatiza por sua vez o campo semântico unitário de análise da juventude. Admite a existência de uma cultura juvenil que de certa maneira se oporia à cultura de outras gerações, às gerações adultas, e esta oposição poderia assumir diferentes contornos de descontinuidades inter-geracionais, tendo em conta todo um processo de socialização contínua ou de ruptura, crise ou conflitos, ilustrado através do conflito de gerações (Mendel 1969). Perante esta corrente a renovação ou reprodução social e a continuidade da sociedade dependeriam do confronto entre gerações que seriam dialecticamente submetidas a determinadas tensões numa tentativa de se chegar a uma mudança.

Num outro prisma surge-nos também a corrente classista (Machado Pais, 1993) que propõe que toda a reprodução social é fundamentalmente observada sob uma reprodução de classes sociais, sendo esta a sua principal defesa em relação à corrente geracional, e neste caso o seu argumento principal seria de que a transição dos jovens para a idade adulta, as suas convicções e consequentemente as suas ideologias dependeriam em grande medida da pertença a uma dada classe social.

Na década de 60, o trabalho do sociólogo Howard Becker constituiu um avanço para os estudos da *Sociologia do Desvio*. Este autor questionava a abordagem de *desvio* presente nos estudos sociológicos, ressaltando que a criação de *desvio* está relacionada a um acto colectivo geralmente praticado pelos grupos ou *ganges* de jovens, como Machado Pais (1993) chega a apelidar. Os grupos juvenis são configurados como se de espaços de criação cultural se tratassem e tornam-se vias de articulação de identidades colectivas. De acordo com Becker (1991) existem alguns aspectos caracterizadores essenciais deste tipo de associativismo, nomeadamente, uma perspectiva colectiva e um determinado grau de formalidade e organização. Neste sentido, uma banda de música ou um grupo de escuteiros são igualmente exemplos de grupos juvenis, pois, além de afinidades pessoais ou amizades, há um objectivo

comum que os faz encontrar de maneira concertada. Não será contudo no âmbito dos grupos formais de pertença juvenil que este trabalho de investigação irá incidir.

As primeiras conceptualizações definem a juventude como parte de uma «*contra-cultura*», radicalizada, rebelde e conflituosa (Roszac, 1970), com o crescente desejo de afirmação, autonomia e reconhecimento pela sociedade (e.g., Howard Becker 1991). Becker (1991) questiona a abordagem de *desvio* presente nos estudos sociológicos, ressaltando que a criação de desvio está relacionada a um acto colectivo comumente encontrado em grupos de jovens. Este é um dos primeiros passos para a aplicação da noção de *contra-cultura* (Becker, 1991), pois com a crescente implantação dos meios de comunicação, novas formas de publicidade, a difusão de normas, valores, gostos e padrões de comportamento surgem em detrimento das culturas tradicionais e locais como a religião e a família, ganhando uma dimensão mais universal e aproximando a juventude em todo o mundo a um ideário comum, em torno de uma afirmação de liberdade que culmina numa mobilização de contestação (Giddens, 1996).

Hebdige (1996) tenta descrever ao longo do seu livro a noção de *subcultura* com uma intrínseca ligação à ideia de formas expressivas e ritualizadas de grupos subordinados. Para o autor, uma subcultura é uma área em que grupos de pessoas desafiam os significados dominantes associados aos produtos culturais. A relevância do seu trabalho para o presente projecto, particularmente, prende-se com os elementos que sugere para caracterizar subcultura, sendo estes, a ideologia, a resistência social, a construção da identidade, a simbologia e a estética. É no conjunto destas características que encontramos um modelo para a compreensão do *skate* e do grupo em torno deste, sendo por isso, relevante abordar cada um destes elementos de forma a responder à problemática central: Qual a contribuição da prática de *skate* para a formação identitária dos jovens que praticam essa modalidade? Será esta actividade apenas encarada como uma prática desportiva *per se*, ou poderá ser interiorizada como elemento simbólico e de apropriação de uma identidade distintiva, em termos de ideologia e estética, interpretadas pelos membros como forma de resistência social, ao encontro do que foi conceptualizado por Hebdige (1996).

A ideia de «subcultura» (Hebdige, 1996) foi utilizada como ponto de partida do conceito de *tribos urbanas*, proposto por alguns teóricos como é o caso de Michel Maffesoli (1998). Este conceito representou um ponto de viragem nos estudos de grupos juvenis e no próprio desenrolar dos estudos culturais. Embora *subcultura* (Hebdige, 1996) se caracterizasse por uma oposição sistémica à cultura dominante, podendo então ser descrita

como uma *contra-cultura* (Becker, 1991), este conceito vem enfatizar o facto de que é preciso evitar o erro de analisar essas manifestações através de uma óptica reducionista que as vem posicionar como forma de resistência única a uma cultura dominante e hegemónica. Este facto pode ser ilustrado pela multiplicidade de *contra-culturas* juvenis (Becker, 1991), não representativos da totalidade demográfica da geração juvenil, como por exemplo *punks*, *hippies*, *mods* ou *skinheads*. Esta multiplicidade, que por vezes induz generalizações e leituras incorrectas do grande conjunto juventude, representa a prova viva de que não podemos analisar a juventude como um grupo homogéneo, mas sim como um conjunto de grupos que, dentro de alguns pontos de concordância, apresentam uma enorme diversidade a vários níveis, e consequentemente, uma pletora de contrariedades (Maffesoli, 1998). A cultura juvenil pode ser entendida como um sistema de valores socialmente atribuídos à juventude, esta interligada à ideia de uma dada fase da vida, com valores e comportamentos e atitudes a que os jovens de diferentes meios e origens sociais aderem e decidem adoptar. A espontaneidade da juventude é encarada como uma possibilidade de expressividade, de auto-realização e de uma pseudo-independência do controlo social (Machado Pais, 1993). A irreverência da juventude é muitas das vezes ponto de partida e a base perfeita para o eclodir de mobilizações, contestações e antagonismos que poderão ser a origem de grandes mudanças sociais.

O próprio conceito de cultura tem sido utilizado como mecanismo que permite compreender os diferentes significados e valores associados a diferentes comportamentos específicos em diferentes grupos juvenis; ambas as tendências sociológicas da juventude, nomeadamente a classista e a geracional argumentam que estas culturas juvenis e as suas expressões específicas serão efectivamente o produto de internalização de regras e normas que se definem e se apresentam como processos de socialização no seio dos próprios grupos juvenis, mas também num meio anterior mas mais importante que é o da cultura dominante (Machado Pais, 1993).

É Michel Maffesoli (1998) que vem colocar o termo, *tribos urbanas* em voga. Segundo este autor o fenómeno de tribos urbanas, ao invés de se apresentar como uma única sub-cultura, é visível em múltiplas redes, grupos de afinidades e de interesses comuns, ou até mesmo laços de vizinhança. Estas *tribos* constituem grupos ou micro-grupos que têm como principal objectivo estabelecer redes de amizade com base numa comunhão de interesses, ideologias e agregações específicas que se manifestam numa conformidade de comportamentos, atitudes, normas e valores, hábitos, maneiras de se vestir, esquemas de relacionamentos e linguagem própria. No seu livro, “*Le temps des tribus: le déclin de*

l'individualisme dans les sociétés postmodernes”, Michel Maffesoli (1998) afirma que este conceito poderia ser alargado a uma série de colectividades, entusiastas desportivos e agrupamentos de jovens, assim, este conceito pode ser aplicado ao estudo da prática de *skate* como elemento distintivo de uma das *tribos-urbanas* (Maffesoli, 1998) juvenis.

Machado Pais (2004) considera o termo, *tribos urbanas* referenciando-o com uma noção similar à de José Guilherme Magnani (2007). Os autores atribuem ao conceito o sentido metafórico, ou seja defendem a classificação de analogias como recurso de análise de grupos de jovens com identidades e praticas próprias que se demarcam ao nível do visual, linguagem, atitudes e cultura própria. Ambos os autores vão percepcionar estas características como forma de distinguir os diferentes grupos juvenis. Os *skaters* estarão dentro deste esquema, serão um grupo de relevância em termos de investigação pois são detentores de uma cultura e identidade particular dentro de um esquema desportivo que será o seu principal mecanismo de demarcação e prática específica (Chantelat, Fodimbi e Camy, 1996). Dentro deste conceito de identidade (Giddens, 1997) encontra-se também um conceito de «*cultura de grupo*» normalmente associado a grupos de jovens com práticas específicas como menciona, Mary Bucholtz (2002) no seu artigo *Youth and Cultural Practice*. Ao consideramos este fenómeno de *cultura de Grupo*, apercebemo-nos que este se encontra directamente associado a um conceito de maior relevância, desta feita, o conceito de *identidade*; esta «*identidade*» seguindo Giddens (1997), é em grande parte definida pela adopção de um estilo de vida para além de se formar mediante a expressividade da *performance* ritual que determina toda a interacção individual associada a uma particular cultura de grupo (Goffman, 1959).

De acordo com Giddens (1996) o fenómeno da juventude e toda a sua multiplicidade, como tende a ser encarado nos nossos dias, surge como uma das *consequências da modernidade*, motivado por uma sociedade urbana em constante mudança exposta a um advento de novas métricas e lógicas sociais. O autor vem defender que o urbanismo se impõe como um espaço de interacção de diversos movimentos sociais e forças dinâmicas da modernidade que nos transportam para uma irreversível tendência de globalização (Simões, 2001). A globalização (Simões, 2001) é representada pelas tendências que ligam indivíduos a sistemas de grande escala como parte de uma dialéctica de mudança que opera tanto a nível local como nos seus pólos globais. Esta afirmação vem no decorrer de toda uma teoria da reflexividade da modernidade proposta por Giddens (1996). Autores defendem que estas tendências têm profundas influências nas normações da «*coesão cultural e social*», planificando novos comportamentos e ao mesmo tempo colocando-os em prática. O Robert

OS FILHOS DO BETÃO

Burguess (1986) considera que “*a Juventude é uma categoria socialmente construída formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais e políticas; uma categoria sujeita, pois a modificar-se ao longo do tempo*” (Burguess, 1986:17). Os jovens seriam, assim, os mais propensos a actuar como principais agentes desta mudança.

Os jovens dispõem de excesso de tempo que é consumido numa série de actividades de lazer, contrariamente aos adultos, que como dever e responsabilidade têm de defender posições que já não se englobam na esfera de interesses dos jovens (Pais 1993). Os jovens dispõem de tempo para poderem orientar as suas horas de lazer e é efectivamente nestas horas que complementam o seu processo de socialização, sendo possível argumentar que este complemento, ou como Machado Pais (1993) o define, a socialização secundária, é realizada dentro do grupo de amigos, ou na *tribo* (Maffesoli, 1998) a que pertencem. Ou seja, em paralelo, e por vezes oposição, ao processo de socialização hegemónico, existe ainda um outro que interfere directamente na construção da *identidade individual* de cada um dos jovens (Giddens, 1997). Assim, o grupo de amigos complementa e incorpora parte deste tempo de lazer. Dentro do próprio grupo de amigos existe toda uma dialéctica de interacção de cariz social cuja matriz principal vem de encontro a um processo de socialização particular e diferenciador.

A este processo, que será uma das componentes centrais da problemática abordada neste trabalho, passaremos a nos referir como o «*processo de socialização de grupo*», pois dele dependem as condições que vão demarcar a lógica de aceitação ou não aceitação no seio do grupo. Este processo surge da interacção entre os constituintes do grupo e é mediado por regras básicas de comportamento que são praticadas dentro do seio do grupo. Neste conjunto de regras poderemos incluir todas as condicionantes exteriores que se apresentam como símbolos de pertença do grupo ou seja, o visual, as atitudes a linguagem, comportamento, etc.

Constata-se que este «*processo de socialização de grupo*» será sem dúvida um dos elementos principais na formação da *cultura de grupo* (Bucholtz, 2002) e na constituição da identidade de grupo. Numa afronta à sugestão de Bucholtz, podemos enumerar que uma conjugação entre estas duas condicionantes e a ideologia assumida pelo grupo é de facto uma espécie de *sopa primordial*, da constituição da identidade de um determinado grupo. José Machado Pais (1993) sugere que, para melhor compreendermos as diferentes culturas juvenis, será necessários seguir e analisar as actividades desenvolvidas pelos jovens nestas horas de lazer. É exactamente isso que se propõe realizar neste trabalho, será através de um acompanhamento das horas de lazer, e neste esquema de ocupações de tempo que os

praticantes desta modalidade dedicam à prática do *skate*, procurar-se-á analisar estes elementos explícitos e implícitos de pretensão grupal. Nesta óptica de análise de ocupações de tempo de lazer integramos então o *skate*, como uma prática desportiva intimamente ligada à essência do espaço físico urbano que se apropria dessas horas de lazer para se integrar no quotidiano dos jovens podendo assumir contornos socializantes.

A partir das abordagens apresentadas anteriormente podemos distinguir duas perspectivas distintas acerca do estudo da juventude. Por um lado, podemos observar o conceito de juventude no seu sentido homogéneo. Este é o caso da abordagem intergeracional, em que é realizada uma dicotomia entre a juventude e outras gerações, ou seja, entre o que é ser jovem *versus* o que é ser criança, o que é ser jovem *versus* o que é ser adulto, o que é ser jovem *versus* o que é ser idoso, por outras palavras, o que é ser jovem *versus* o que não é ser jovem. Nesta abordagem, necessariamente o que será focado são os aspectos *partilhados* pelos jovens que se apresentam como distintivos face a outros grupos geracionais, enfatizando-se assim uma visão homogénea da juventude. Uma abordagem distinta ou Heterógenea, é proposta pelas teorias que defendem conceitos como, *subculturas* (Hebdige, 1996), *contra-cultura* (Becker, 1991) ou *tribos urbanas* (Maffesoli, 1998). Partindo destas conceptualizações a juventude é observada como um conjunto social, que dentro dele próprio define uma série de diferenças que se apresentam sob a forma de identidades diferenciadas como consequência das grandes diferenças existentes entre os jovens. A distinção entre estas abordagens encontra-se naturalmente, interligada ao processo de construção do *self* como individualidade ou de *self identity* como *identidade individual* (Giddens, 1997) em oposição a uma *identidade grupal*, como Mary Bucholtz (2002) considera.

A distinção entre estas duas abordagens não é nova, de acordo com Sedas Nunes (1968) “A juventude aparece cada vez menos associada a uma categoria de idade, e cada vez mais a um conjunto diversificado de modos de vida”. Esta afirmação vem na sequência da análise dualista levada a cabo pelo autor como baseia o seu pressuposto metodológico onde apresenta duas tendências do estudo da juventude:

1. A juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida prevalecendo a busca de aspectos mais uniformes e homogéneos que caracterizam essa fase da vida; aspectos que fariam parte de uma *Cultura Juvenil* específica definida por uma faixa etária
2. A Juventude é vista como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de pertença a diferentes classes sociais,

diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, interesses diferentes, e diferentes oportunidades ocupacionais.

Ao analisarmos esta lógica proposta por Sedas Nunes (1968) verificamos que esta ideia, um *conjunto social necessariamente diversificado*, nos obriga a termos em conta a noção de alteridade (Velho, 1994) para compreendermos este fenómeno de diferentes culturas Juvenis; visto que a noção de alteridade (Velho, 1994) implica percebermos que a constituição de identidade está intimamente ligada ao reconhecimento pela diferença, ou seja, na ideia de «eu em oposição ao outro», ou o grupo enquanto grupo específico em relação e oposição a outros grupos também eles próprios distintos sendo que a diferença constitui a vida social, na medida em que ela faz parte das relações sociais. Deste modo, a diferença é encarada como, simultaneamente, a base da vida social e uma fonte permanente geradora de tensão e conflito (Velho, 1994).

Para este grupo o território é também uma componente fundamental para a sua reprodução, desenvolvimento e sobrevivência. Iain Borden (2001), apresenta-nos, por sua vez, um dicotomia entre o *skate* e a Arquitectura; Borden (2001) afirma que o *skate* depende efectivamente de micro-espacos nas ruas das grandes cidades, e apresenta-se como uma entidade dinâmica que intervém tendo em conta as características estruturais físicas das cidades modernas. Nesta abordagem Borden (2001) vem deixar transparecer a ideia de que a prática do desporto e a sua dialéctica se encontra relacionada com as próprias possibilidades da arquitectura urbana moderna sustentando que ambos estes planos se inter-relacionam na medida em que o *skate* redefine a paisagem urbana contraindo desta forma o desenvolvimento da própria arquitectura urbana.

2.2. Abordagem ao Estudo do Grupo Juvenil dos Skaters

Ao ser efectuada uma pesquisa bibliográfica dos grupos juvenis e no contexto da prática de *skate*, não foram encontrados estudos de cariz antropológico, ou sociológico que abordassem efectivamente este grupo em particular. Todavia, foram encontrados estudos acerca de desportos radicais e de desporto urbano que se revelaram úteis para a compreensão e interpretação da influência do desporto nas relações, no seio de grupos juvenis. Um dos trabalhos que mais influenciou este estudo foi sem dúvida o trabalho de Iain Borden, *Skateboarding, space and the city: architecture and the body* editado em 2001, que apesar de

ser um paralelismo entre *skate*, urbanismo e arquitectura, se revela recheado de pormenores sociológicos de grande interesse para a investigação em caso.

Seguindo o fenómeno da Globalização (Simões, 2001) como uma das consequências da modernidade, podemos referir que os processos de segregação, marginalização e as profundas alterações e mudanças nas relações familiares e de intimidade na nova cidade do pós-modernismo, vêm reestruturar e reconfigurar as relações sociais. A confiança passa dos parâmetros familiares para se alargar a outros grupos que terão também o seu grau de intimidade. O processo de industrialização, o capitalismo, e consequentemente o urbanismo e globalização impõem-se como palco e espaço de interacção de diversos movimentos e grupos sociais (Giddens, 1997). Seguindo esta lógica, a prática desportiva, enquanto uma actividade protagonizada por actores sociais, poderá se constituir, especialmente quando desenvolvida para além dos domínios lúdicos e recreativos, como uma forma de resistência cultural e uma forma ou uma prática contra-hegemónica pela qual os seus actores poderão vir a transformar as condições de reprodução da sociedade.

A constituição de grupo em si e o grau de afinidade que ele representa para os seus constituintes muitas das vezes parece sobrepor-se às relações familiares e se instituir como o principal órgão socializador (Giddens, 1996).

Carlos Feixa (2002) acentua que, diferentes actividades motivam diferentes comportamentos, de modo que este grupo específico alberga comportamentos em grande parte motivados pela prática desportiva em si.

O *skate* enquanto desporto que unifica os seus praticantes, parece apresentar uma tendência para se definir como um desporto hegemonicamente masculino, pois a grande maioria dos seus praticantes são do sexo masculino, havendo algumas barreiras de origem social ou fisionómica e performativa enquanto desempenho físico, que parecem afectar directamente a participação dos praticantes do sexo feminino (Yiannakis, e Melnick, 2001), sendo que esta tendência se engloba no tema de *nature versus nurture* e das diferenças de género. Margaret Mead (2001) é por sua vez uma das autoras que mais se debruça sobre esta temática de género e das diferenças sóciobiológicas entre géneros.

Partindo da distinção, anteriormente apresentada, entre uma visão homogénea versus heterogénea da juventude poder-se-á afirmar que o alinhamento teórico seguido aproxima-se mais de uma visão heterogénea. De acordo com Machado Pais (1993) ao examinarmos a juventude temos que nos consciencializar de que estamos perante um campo que apenas pode ser conceptualizado incluindo a característica indissociável manifestada pela sua inerente

diversidade. Assim, uma das condições necessárias a uma correcta análise do conceito de juventude, implica sempre ter em conta que existem diferentes e múltiplos grupos dentro do aglomerado global.

Assim, defende-se uma perspectiva de construção do *self* como identidade individual (Giddens 1997) e simultaneamente identidade grupal, (Bucholtz 2002). O objectivo central será desconstruir a contribuição de ambos os processos alcançando a compreensão sobre a sobreposição destes dois sistemas de construção de identidade no grupo específico dos praticantes de *skate*.

Qualquer grupo juvenil é um potencial produtor de material cultural pois ela é também uma componente de interligação com a sua identidade (Thornton, 1996).

Os *skaters* serão conceptualizados como um grupo de jovens que têm em comum a prática de um desporto. Estes jovens formam um grupo que órbita em torno de uma prática exclusiva, que necessita de espaços de acção. O grupo vai realizando uma apropriação de espaços que se situam em zonas públicas de características exclusivamente urbanas (Borden, 2001). Neste caso e seguindo este aspecto o *Skate* poderá ser visto como um desporto com uma prática essencialmente e fundamentalmente urbana; o *skater* é simultaneamente um agente de mudança do ambiente arquitectónico envolvente como também a sua acção e essencialmente a sua prática é afectada e se desenvolve a partir de mudanças das condições arquitectónicas do espaço urbano (Borden, 2001). Ao contrário do que seria defendido pelas correntes classistas (Pais, 1993), os jovens que se incluem neste grupo aparentam vir de quase todos os quadrantes sociais.

Dentro do eixo de acção da prática em si ou seja no seu território, surgem uma série de conflitos. Estes conflitos podem ser dirigidos à autoridade, inserindo-se numa lógica de *desvio* (Hebdige, 1996) no seu sentido clássico, mas podem ser também dirigidos a outros grupos de jovens, normalmente em competição pela apropriação de espaços, em disputas de territorialidade ou até com o simples transeunte que *habita* esses espaços (Hannerz, 1980), gerando climas de tensão intra e inter-generacionais (Pais, 1993).

Este grupo aparece assim como uma *tribo urbana* (Maffesoli, 1998). Os conflitos que nascem da apropriação do espaço tendem a gerar a marginalização do *skate* como desporto e dos *skaters* enquanto praticantes dessa modalidade desportiva. A consequente marginalização do grupo encontra-se relacionada com a acusação feita pela sociedade em geral, ou pelo simples transeunte em particular, de destruição e ocupação indevida de espaços públicos e por vezes privados. Esta é na quase generalidade de vezes a acusação mais recorrente feita a este

OS FILHOS DO BETÃO

grupo. Na orla destes conflitos está o território urbano, o qual é um factor de discórdia e de conflitos e o qual será também o nicho do grupo.

Os *skaters* necessitam de todo o espaço urbano que encontrem, pois eles visualizam nas características do local urbano um espaço para praticar o seu desporto e desta forma prosseguir no desenvolvimento das suas apetências para o próprio desporto em questão (Borden, 2001). Mediante a observação feita neste campo e algumas sugestões feitas em algumas conversas com praticantes poderemos até afirmar que os *skaters* vêm no mais minúsculo degrau o maior obstáculo que pode haver e é nesta afirmação que denotamos o paradoxo de toda a relação entre o simples transeunte enquanto sujeito que *habita* (Hannerz, 1980) o espaço público e o *skater* enquanto praticante individual ou o grupo enquanto *tribo* (Maffesoli, 1998) dentro do seu território de desempenho da sua actividade. Isto implica compreender que estes fenómenos de territorialidade são um meio potenciador e gerador de conflitos, contudo ulteriormente a toda esta lógica temos que compreender também que este território é essencial à sobrevivência do grupo e é também uma componente íntima da sua identidade e cultura. E isto recorrendo novamente à ideia de que esta noção estaria certamente interligada à escolha de estilo de vida visto que o “*indivíduo gere a sua própria vida, relaciona-se consigo próprio com outras pessoas e com o ambiente*” (Rapley, 2003:78-80).

Muitos dos seus praticantes afirmam que o *skate* para além de um desporto é também um modo de vida.

Ao analisarmos o *skate* no contexto das subculturas urbanas será possível identificar as características subculturais que se manifestam neste desporto assentes sobretudo numa identidade própria. A prática do *skate* pertence à imensidão dos espaços urbanos, seja entre os espaços urbanizados mais densos e caóticos ou nos seus parques mais recolhidos. Este desporto constituirá então o eclodir de uma subcultura, que toma a própria dinâmica por si criada como forma cultural, e tem como base ideológica um sentimento de competição, e união com o espaço de prática que faz com que a sua utilização não se demarque pela ruptura com os valores estabelecidos, mas sim, mediante o seu desenvolvimento progressivo (Borden, 2001). Tal assumpção é utilizada novamente por Borden para estabelecer a sua relação *skate* e *arquitectura*.

É na conjugação de todos estes aspectos que ganha vida uma nova subcultura. O *skate* poderá ser observado como um instrumento de liberdade e um mecanismo de redefinição da paisagem urbana. Poderá ser percepcionado que para os praticantes de *skate* o que antes seriam barreiras ou obstáculos tornam-se continuações naturais de ruas ou passeios. Este

desporto parece criar, deste modo, um mundo paralelo de liberdade de movimento e expressão, uma performatividade (Souriau, 1990) de toda uma essência de movimentação do corpo dentro de um esquema simbiótico entre o *skater* e a sua prancha, singularizado por uma interacção com a amálgama de obstáculos e inibições do contexto arquitectónico urbano e suburbano (Borden, 2001).

2.3. Objectivos deste Estudo

O objectivo central deste trabalho será avaliar os contributos da prática do *skate* para a identidade de grupo entre os praticantes desta modalidade. O maior conhecimento desta realidade poderá ter várias aplicações, tanto em termos do estudo académico dos fenómenos relacionados com grupos juvenis, assim como, em termos aplicados para a intervenção nestes mesmos grupos.

Como objectivos conceptuais esta investigação pretende contribuir para:

- Uma melhor compreensão da construção da identidade em grupos juvenis, nomeadamente os praticantes de *skate*
- Uma melhor compreensão dos processos de apropriação do espaço público pelos grupos juvenis, nomeadamente os praticantes de *skate*
- Uma melhor compreensão das características sócio-demográficas específicas dos praticantes de *skate*

Como objectivos aplicados este trabalho pretende contribuir para:

- Intervenção em grupos de juvenis
- Promoção da prática desportiva
- Promoção de atitudes saudáveis, disciplina e de espírito de competitividade desportiva
- Gestão dos espaços urbanos e planificação de espaços de lazer destinados a actividades desportivas juvenis
- Manutenção optimizada de infra-estruturas e do património

De forma a abordar este objectivo foram colocadas algumas questões de partida, nomeadamente: 1) *O que é o skate?* 2) *Qual a história da modalidade skate em Portugal e no mundo?* 3) *Qual a relação entre a prática de skate e o espaço urbano?* 4) *Quem são os praticantes de skate?* 5) *Quais os aspectos identitários característicos dos praticantes de skate?*

Procurar-se-á assim dar a conhecer a História deste desporto em Portugal nos últimos 30 anos, e é verdadeiramente neste aspecto que este se apresenta de maior valia visto não existir qualquer obra editada sobre a História do *skate* em Portugal. Além disso, pretende-se contextualizar a prática de *skateboard* como um desporto essencialmente urbano visto que as suas raízes, nicho e área de impacto se encontram efectivamente em zonas urbanas e suburbanas. Este estudo vai tentar ainda objectivar um perfil do praticante de *skate*, tanto em termos sócio-demográficos, identificando qual a origem social, diferenças de género e etárias e zonas principais de residência neste grupo; como em termos identitários, definindo aspectos visíveis e simbólicos definidores da pretensa a este grupo.

Será importante afirmar também que poucos foram os trabalhos produzidos ao nível da investigação entre grupos de jovens em Portugal, como por exemplo o estudo sobre skinheads efectuado por Rita Maria Fava (2000) e segundo a pesquisa efectuada, não existem estudos efectuados especificamente com este grupo em território nacional. É particularmente notória a ausência de estudos, que contextualizem historicamente este desporto em Portugal. Considera-se então que este trabalho poderá ser um bom complemento ao conhecimento produzido ao nível de grupos juvenis dentro das Ciências Sociais, contribuindo para a compreensão dos processos de produção e reprodução de cultura e construção de identidade no seio destes grupos. Para além de possibilitar o conhecimento acerca dos mecanismos que mantêm esses grupos coesos, acerca dos órgãos que reproduzem e produzem condutas valores e comportamentos adoptados pelas suas partes constituintes, complementando com efeito, a investigação em grupos juvenis nas Ciências Sociais.

De forma a abordar as questões propostas e responder aos objectivos planeados, adoptou-se uma metodologia baseada na observação participante mediante elaboração de grelhas de observação, entrevistas e reconstrução de histórias de vida de elementos chave, recolha de discursos assim como de diversos materiais documentais. Na secção seguinte as várias técnicas empregues a nível metodológico serão expostas mas pormenorizadamente.

3. Metodologia

De forma a efectuar um estudo antropológico sobre um grupo juvenil, será necessário recorrer a pressupostos e técnicas metodológicas empíricas de cariz científico a fim de se conseguir aceder a uma análise objectiva e rigorosa apartada, o quanto possível, de influências subjectivas. Os dados para este estudo foram recolhidos através de vários métodos. De forma a alcançar resultados robustos foi realizada uma triangulação entre a observação, análise documental, entrevistas e história de vida.

É de salvaguardar o facto de, tendo a recolha de dados se limitado à zona metropolitana de Lisboa, a mesma só poder representar essa mesma realidade. Porém, visto existir alguma continuidade entre os praticantes desta modalidade nos vários pontos do país, reflectida na existência de eventos a nível nacional e observada no acompanhamento de alguns desses eventos, presume-se que os dados recolhidos poderão ser, de certo modo, representativos da realidade nacional.

Seguidamente serão identificadas as técnicas metodológicas empregues nesta pesquisa, quais os pressupostos teóricos e práticos que justificam a escolha destes métodos, qual a amostra representada e por último, quais os instrumentos que serviram de suporte a algumas dessas técnicas. De forma a facilitar a interpretação da informação a seguinte secção encontra-se subdividida consoante as várias técnicas de recolha de dados empregues.

3.1. Observação

3.1.1. Objectivos e procedimentos da observação

A observação é um método de recolha de dados que se baseia na observação do grupo em si. Esta pode ser participante ou não participante, o que implica a interacção ou não com o grupo em questão. A construção da observação terá que ser sempre efectuada num contexto *emic etic* tal como Pike (1971) o refere. Neste contexto de observação a explicação terá que ser efectuada tendo em conta, tanto o ponto de vista do analista, como o ponto de vista do analisado.

Previamente a uma recolha mais sistemática de dados, foi realizado um acompanhamento de uma das etapas do *Circuito Nacional de Skate 2009/2010*. Procurou-se

realizar uma observação passiva e não estruturada das dinâmicas que ocorrem nesses contextos.

Nas observações subsequentes optou-se por um processo de observação semi-estruturada mediante o preenchimento de grelhas de observação obedecendo a parâmetros previamente estipulados². É de salientar que, de forma a melhor captar os pormenores da dinâmica de interacção entre os praticantes de *skate* observados e ao mesmo tempo não perturbar artificialmente essa dinâmica através do impacto do observador, variou-se o nível de interacção entre observadores e observados (Pais, 1993). A observação participante, em que o observador não só interagiu directamente com os observados, como também juntamente com eles executou a modalidade de *skate*, foi intercalada com uma observação não participante, em que o observador se limitou a estar presente no espaço, observar e registar os elementos pertinentes (passiva).

Os principais parâmetros avaliados durante as observações considerados foram:

- Local – descrição do local de prática.
- Tipo de Observação – participante (intervindo com os praticantes e praticando inclusivamente) ou passiva (efectuando uma observação apartada na tentativa de evitar interferências).
- Idade – idade percebida dos praticantes, sendo efectuada uma atribuição aproximada da idade dos praticantes observados.
- Sexo dos praticantes – masculino ou feminino
- Número de elementos – número de praticantes no local de observação.
- Vestuário – indumentária e estilo de roupa utilizadas, incluindo os logótipos visíveis das marcas de roupa.
- Desempenho – em termos de experiência percebida e de proficiência na modalidade.
- Número de horas dedicadas – referente ao tempo dispendido na prática do desporto. Relativamente a este item, este foi avaliado segundo o tempo prestado por os jovens que se encontravam nos locais durante o período de observação em campo. Esta explicação prende-se com o facto de que muitos dos praticantes chegam a passar muitas horas no local de prática contudo podem não estar a praticar mas simplesmente a conviver, ou podem praticar mas fim de um tempo desistir ficando a assistir os outros ou a dialogar.

² As grelhas resultantes destas observações podem ser consultadas no Anexo D

- Linguagem – terminologias específicas utilizadas
- Dinâmicas – em termos de organização hierárquica, funcionalidade e estrutura de utilização do espaço para a prática.

3.1.2. Amostra da observação

Locais de observação:

Na selecção dos locais de observação foi tido em conta o facto de se querer encontrar os locais aonde houvesse maior concentração e diversidade de praticantes deste desporto. Neste caso, e visto estas observações estarem direccionadas à zona metropolitana de Lisboa, foi decidida a escolha de locais dentro de zonas suburbanas com alta densidade populacional, aonde houvesse uma maior azáfama neste desporto.

Para isso, foram realizadas observações em 4 locais³ distintos, sendo 3 destes locais *skateparques*, ou seja infra-estruturas específicas para a prática deste tipo de desportos, nomeadamente: *skateparque* de Odivelas; *skateparque* Ski-Skate Amadora – Alfragide; *skateparque* Vasco da Gama. O último local escolhido foi um local público, nomeadamente, a Praça da Figueira, que apesar de não constituir um espaço específico para a prática, possui as propriedades de espaço e a forte concentração e utilização por parte de *skaters*, que assim o definem.

Estes quatro locais representam a amostra de locais seleccionados. Os factores de ponderação utilizados na escolha dos locais de observação basearam-se não só num íntimo conhecimento dos locais de prática em Lisboa, mas foram também resultado de pesquisa e discussões tanto com o informante chave como com outros elementos ligados ao *grupo*. Destas discussões e segundo uma prévia análise a diversos espaços, tendo em conta a sua acessibilidade, foram então seleccionados estes 4 locais. Os *skateparques* foram seleccionados em função de serem espaços representativos, nichos, do grupo em si, perto de zonas residenciais. O espaço público foi seleccionado por ser um dos locais públicos de eleição para a prática no centro de Lisboa, aonde de acordo com o informante chave “todos os *skaters* passam”.

³ Descrição dos Locais de Observação pode ser consultada em Anexo E

Grupo observado:

Os praticantes que se encontram nos locais seleccionados aquando da observação serão por sua vez a amostra em termos de grupo. Como é verificado, é feita uma distinção entre uma amostra espacial e uma amostra de grupo (Machado Pais, 1993). Estes são espaços de interacção dos agentes dos grupos e é neste espaço que a vida social do grupo atinge o seu esplendor (Machado Pais, 1993). A amostra representativa do grupo dos *skaters* serão os jovens que se encontram a praticar *skate* no momento da observação. Ao analisar comportamentos dentro de um dado espaço urbano, estes mesmos espaços são parte da amostra, em uníssono com as personagens sociais que circulam e operam dentro desses mesmos espaços.

Estima-se que o grupo de participantes observados será, até certo ponto, representativo dos praticantes de *skate* nos espaços escolhidos, visto que foram realizadas várias observações em diferentes momentos nos vários locais de observação seleccionados.

3.2. Análise documental

3.2.1. Objectivos da análise documental

A análise documental refere-se, essencialmente, à identificação de documentos pertinentes para o objecto de estudo em análise e no escrutínio desses documentos, de forma a reunir informação relevante que responda às questões da investigação. Assim, ao realizar uma análise documental o investigador faz uso de arquivos de informação previamente reunidos por outros investigadores, agentes institucionais, ou outros elementos com conhecimentos pertinentes para a temática em estudo, tais como revistas e livros da especialidade, bem como, *blogs* e *sites* dedicados a esta temática na *internet*.

Através da utilização desta técnica o investigador ganha acesso a informações privilegiadas que seriam de outra forma difíceis de obter. Mediante esta técnica será possível aceder a factos relevantes para a contextualização histórica da modalidade em Portugal e no mundo, assim como recolher alguma informação prévia em relação a potenciais agentes a contactar e a aspectos externalizados de identidade deste meio desportivo.

3.2.2. Fontes documentais analisadas

Num primeiro ponto de partida, foi efectuada uma revisão exaustiva da literatura académica e não académica existente. A revisão de literatura incidiu particularmente sobre a temática dos grupos urbanos, identidade e especificidades de grupo; o desporto como performance e factor de coesão grupal e os desportos radicais. Através desta revisão de literatura foram identificados conceitos relevantes a explorar durante a recolha de dados empíricos. Visto haver uma escassez em estudos sobre a prática de *skate* em Portugal procedeu-se à revisão de estudos já realizados como o caso do Livro Onda dura de E. Britto (2000) noutros países tais como o Brasil, que conta com um grande número de praticantes desta modalidade, e em contextos diferentes, como factor de comparação dos dados recolhidos.

Paralelamente foi realizada uma análise dos sites institucionais de diversas organizações nacionais e estrangeiras relacionadas com esta modalidade. Sendo o *skate* um desporto pouco institucionalizado, esta foi a melhor forma encontrada para reunir informação referente às associações que dinamizam este desporto, aos principais eventos relacionados com esta modalidade, assim como acerca dos actores chave envolvidos. Esta foi também uma forma de recolher informação acerca da sua evolução histórica a nível nacional e internacional assim como identificar contactos úteis para a prossecução deste estudo.

3.3. Entrevistas

3.3.2. Objectivo e procedimento das entrevistas

A entrevista em ciências sociais, é uma técnica que permite ao investigador agir e contracenar directamente com o interlocutor e consequentemente permite também, através de um direccionamento preciso do interlocutor e do seu discurso, aceder às informações chave que o investigador procura e ambiciona encontrar (Becker, 1994). Metodologicamente foi utilizado o sistema de entrevista semi-dirigida; foram elaboradas questões guias relativamente abertas sem uma ordem pré-estabelecida, acompanhadas com uma orientação progressiva por parte do investigador, de encontro aos seus objectivos.

Estas entrevistas foram estruturadas em dois grupos. Um destes grupos foi formulado para aceder a informação relativa a um contexto histórico e outra bateria de questões direccionadas ao acesso a informações de cariz sociológico. A análise destas entrevistas terá sido efectuada segundo uma metodologia análise de conteúdo e comparação entre dados e

outras entrevistas (Vala, 1986). Esta escolha foi efectuada em função daquilo que se pretende pesquisar: a história do *skate* em Portugal, e qual a contribuição da prática deste desporto para a construção da identidade e sociabilidade de jovens em grupos urbanos.

3.3.1. Amostra das entrevistas

Foram realizadas duas entrevistas a um informante chave. O informante chave a que se recorreu é um elemento que, não só cresceu a praticar esta modalidade desportiva, como desde há já bastante tempo, desenvolve a sua actividade profissional a tempo inteiro em actividades relacionadas com a organização de eventos de *skate* a nível regional e nacional. Recentemente este informante esteve envolvido na fundação do primeiro *skateparque* em Portugal a funcionar em interior (*in-door*), o que veio abrir novas possibilidades da prática em condições climatéricas desfavoráveis. Este espaço, o *skateparque Ski-Skate* foi um dos locais seleccionados para a realização de observações para este trabalho. Além disso, o dito informante gere um *site* nacional dedicado à divulgação da prática de *skate* e dos principais eventos a nível nacional e internacional da modalidade. Assim sendo, esta é sem dúvida uma pessoa com acesso a informação privilegiada acerca deste meio desportivo e a sua cooperação e revelou-se imprescindível para a realização deste trabalho.

A primeira entrevista realizada⁴ apresentou algumas questões gerais sobre a prática deste desporto, relacionando-se com as suas percepções acerca dos elementos sócio-demográficos e identitários dos praticantes de *skate* em Portugal, assim como acerca da evolução deste desporto em território nacional. O conteúdo da segunda entrevista⁵, visto procurar delinear a história de vida do informante será abordada no ponto seguinte.

Através do informante foi possível estabelecer contacto com a mais influente associação de *skate* a nível nacional, nomeadamente o *Radical Skate Clube*. O contacto com os membros desta associação foi também uma mais-valia para o presente trabalho. Sendo uma fonte de informação valiosa relativamente à história deste desporto em Portugal e às suas raízes sócio-económicas. Simultaneamente através do *Radical Skate Clube*, bem como do informante chave, procurou-se também ter acesso a registos de eventos anteriores assim como de eventuais documentos para consulta. Desta forma a foi possível acompanhar algumas pessoas protagonistas pela implantação e desenvolvimento da prática do *skateboard* enquanto desporto de alta competição em Portugal.

⁴ Transcrição da entrevista realizada pode ser consultada em Anexo B

⁵ Transcrição da entrevista, História de Vida pode ser consultada em Anexo C

É importante ainda referir que além das entrevistas realizadas para efeito deste estudo foi possível ter acesso a um corpo de 6 entrevistas⁶ de acesso público, realizadas ao longo dos últimos 4 anos por elementos pertencentes a esta associação a grandes nomes do *skate* nacional. Embora estas entrevistas não tenham sido planeadas para ir ao encontro das temáticas abordadas neste trabalho, o facto de tocarem em vários aspectos chave de interesses para esta investigação revelou-as como fontes de informação cruciais, permitindo, não só uma economia de tempo para o investigador como o acesso a informação sócio-demográfica, identitária e histórica de várias décadas de *skate* em Portugal.

3.4. História de Vida

O aspecto incontornável e marcante desta metodologia é o seu objecto de estudo ser o indivíduo, na sua singularidade e individualidade. As contribuições mais recentes e construtivas para esta metodologia foram propostas por a Escola de Chicago e mais concretamente por George Herbert Mead (1993); este passa a considerar que o indivíduo é um ser complexo com diferentes dimensões que constrói as suas relações em função do outro sendo que a acção humana mais não passa de um processo comunicativo.

3.4.1. Objectivo e procedimento da História de vida

A entrevista de História de vida⁷ debruçou-se sobre a experiencia pessoal de vida do informante chave de forma a construir a sua história ou percurso de vida. Procurou-se abordar o seu percurso desde o momento em que este começa a praticar a modalidade até aos dias de hoje. Esta última entrevista foi também elaborada tendo em conta o seu valor, não só em termos de contribuição para a pesquisa dos factores sócio-demográficos e identitários como também para uma contextualização histórica do *skate* em Portugal.

⁶ A transcrição destas entrevistas pode ser consultada no Anexo A

⁷ A transcrição da História de vida pode ser consultada em Anexo C

4. Resultados

4.1. O Que é o Skate?

A prática de *skate* engloba-se na categoria de desportos radicais. Os praticantes desta modalidade devem-se equilibrar em pé sobre um engenho, uma espécie de tábua com rodas, equipada com um equipamento que sustenta quatro rodas permitindo-lhes deslizar sobre superfícies. Deva então deslocar-se, efectuando uma série de manobras com diferentes graus de complexidade e dificuldade, tendo como prerrogativa o movimento permanente

4.1.1. Como é constituído um skate?

O *skate* é constituído por 7 partes, todas estas partes integrantes são imprescindíveis para o seu correcto funcionamento. Seguidamente será apresentada uma breve descrição de cada um dos componentes:

1. Prancha – a prancha (Shape/board), é uma tábua de madeira composta de várias camadas de madeira fina coladas e comprimidas; tem quatro furos na zona dianteira e quatro furos na zona traseira de forma a poderem ser acoplados os engenhos que sustentam as rodas. A tábua possui um *nose* (nariz) e um *tail* (cauda), ambas estas zonas permitem efectuar manobras. Existem hoje vários tipos de pranchas, com pouca ou muita inclinação, ou com pouca ou muita largura, podendo escolher-se a medida que mais se adequa a cada tipo de manobras e estilo.
2. Lixa – tem a função de dar maior aderência dos pés dos praticantes à prancha e ajudar a levantar o *skate* do chão ao efectuar as manobras.
3. Trecos – ou Trucks, são os eixos do *skate*, a peça fundamental, onde se encaixam as rodas os rolamentos e o amortecedor que suaviza os impactos causados pelo atrito e pelos saltos. Estes são por sua vez constituídos por uma parte inferior contemplada por duas extremidades terminadas em parafuso responsáveis pela sustentação das rodas e consequentemente dos rolamentos (estes são colocados no interior das rodas); estas são aprisionadas com uma porca. A peça inferior do treco é a base, responsável pela conexão aos amortecedores, e posteriormente à prancha. A base do treco ou peça superior é por sua vez ligada à parte superior do treco através de um parafuso denominado de *Kingpin*. Os

OS FILHOS DO BETÃO

trecos são geralmente confeccionados em alumínio, e em ligas metálicas leves ou até de diversos outros materiais consoante a qualidade e a marca dos fabricantes.

4. Amortecedores ou Bases – estes encontram-se entre a parte superior dos trecos e a prancha. Têm a função de amortecer os impactos e proteger o resto dos constituintes. São fabricados e podem ser adquiridos contudo, muitas vezes são confeccionados pelos próprios praticantes com outro tipo de materiais como por exemplo a câmara-de-ar de pneus de bicicletas.
5. Parafusos e porcas – o *skate* é constituído por 10 parafusos e 4 porcas. Oito dos parafusos são utilizados para fixar os amortecedores e os trecos à prancha enquanto outros dois os *Kingpins* são necessários á junção das duas partes dos trecos. As quatro porcas seguram as rodas às extremidades dos trecos.
6. Rolamentos – os rolamentos são os elementos responsáveis por dar maior capacidade de deslize às rodas. Estes encontram-se fixados dentro das rodas e fazem a junção com a extremidade dos trecos.
7. Rodas – as rodas trabalham em conjunto com os rolamentos apesar de serem independentes. São feitas de poliuretano e têm diversas dimensões. O tamanho das rodas influi na velocidade e na manoberabilidade do *skate*. O grau de dureza do material tem também uma importância fundamental no desempenho da aderência e resistência ao atrito. A qualidade das mesmas varia tendo em conta os fabricantes.

É também de referir que existem inúmeros fabricantes que produzem apenas equipamentos para *skate* e alguns deles são especializados especificamente na concepção de certas partes do *skate*. É uma indústria que se tem mantido sustentada pela popularidade do *skate* desde os finais da última década do século XX.

4.2. História do Skate

4.2.1. O Skate no mundo

O *Skateboard* possui uma História rica em inovações e está repleto de histórias intrigantes, engraçadas e caricatas. Muitas dessas histórias estão documentadas em grande detalhe no livro Michael Brooke (1999), *The Concrete Wave: The History of Skateboarding*. Apesar de, na verdade, não se saber ao certo qual o momento exacto do aparecimento do *skate*, este texto irá abordar o desenvolvimento da modalidade desde o início do século XX, fazendo uma retrospectiva histórica desde o seu aparecimento, até aos dias de hoje.

O *skate*, surge primeiramente como um brinquedo, associado a um meio de locomoção. E ao que parece o *skate* parece ter surgido também ele próprio como subsequência de um meio de locomoção muito anterior, ou seja os *Patins*. Os *patins* surgiram em função da possibilidade de locomoção. Já em 3000 a.C. se haviam utilizado ossos de animais de forma serem amarrados nos pés, para que grupos de humanos se pudessem deslocar a grandes distâncias, movimentando-se e impulsionando o corpo com umas varas de madeira para melhor se poder deslizar no gelo e na neve (retirado de About.com, Mary Bellis, Ice Skates, 2010) surgindo assim os patins de gelo; associado a isto temos a possibilidade de locomoção, e é a partir daqui que podemos até afirmar que se dá uma revolução nos meios de transporte.

Embora os detalhes acerca do surgimento do *skate* permaneçam incertos, tem sido sugerido que os primeiros *skates* assemelhavam-se a *trotinetes* (Brooke, 1999). Esses engenhos, que datam do início do século XX, são caracterizadas por terem acoplado na parte inferior dois *roller skates* (patins), um à frente e outro atrás, com duas rodas feitas de rolamentos, tendo assente na tábua um volante semelhante ao de uma bicicleta. Foi precisamente um objecto que terá sido inventado pelos meados do século XX, sem ser possível efectivamente precisar o ano do seu surgimento (Brooke, 1999). Durante o decorrer das décadas seguintes este objecto sofreu imensas alterações, tendo mudado o visual da *trotinete* e sendo alternados os eixos de *roller skates* para apenas uma roda sustentada por uma peça própria. Daí em diante deixam de ser fabricadas *trotinetes* com quatro rodas.

Existe, porém, uma história alternativa acerca do surgimento do *skate*. Tem sido sugerido (retirado de: skatecuriosidade, Pioneiro do *skate* no Mundo, 2010) que terá sido, Doc Ball, californiano, que em 1918 decide separar as duas partes de um *roller skate*, ou seja um patim, e colar ambas as partes numa tábua de madeira. Nasce aqui um objecto com as mesmas características de um *skate*, sem que haja qualquer ligação à *trotinete*. Este objecto permitia

deslocar-se apoiando um joelho na tábua, ao mesmo tempo que se impulsionava com a outra perna.

Independentemente dos pormenores exactos do surgimento do *skate*, até aos anos 50 existe um período obscuro da história da sua evolução em que este objecto implantou-se enquanto um brinquedo entre as crianças nos Estados Unidos da América (EUA) e na Europa. De facto existem algumas fotografias e vídeos que demonstram que este brinquedo parecia estar em uso na Europa nos anos 40 do século passado. Existem filmagens de 1943, que fazem parte de um documentário exibido pela *Discovery Channel*⁸, onde podemos observar os filhos de Goebbels⁹ a brincar num objecto similar ao engenho cuja autoria é atribuída a Doc Ball em 1918.

A partir daqui poderemos argumentar que este objecto esteve realmente em uso, enquanto brinquedo, desde os inícios do século XX. Contudo o acesso a qualquer informação relativa a este tipo de objectos antes da segunda metade do século XX é escassa e de difícil acesso graças à pouca relevância social que a infância e as actividades desenvolvidas pelas crianças assumem neste período. Assim, a História do *skate* até à segunda metade do século XX é realmente muito turva mas indica que ao invés de uma actividade desportiva, o *skate* seria utilizado como um brinquedo, em grande parte semelhante ao tradicional carrinho de rolamentos, por crianças.

Seguidamente será descrita a evolução do *skate* desde a década de 50 do século passado até ao presente, a partir do seu estatuto inicial enquanto brinquedo até ao seu estatuto actual de símbolo de pertença grupal juvenil e de equipamento sofisticado de uma modalidade desportiva profissional.

Década de 1950:

Por volta dos anos 50 surgem alterações significativas no design dos *skates*. Começam a ser efectuadas modificações nos *trecos/trucks* (o dispositivo que sustenta as rodas) o que abre novas possibilidades de manobra no engenho. Nos finais dos anos 50, o *surf* torna-se cada vez mais popular entre os jovens. O *skateboarding* abre para este grupo a possibilidade de *navegar o asfalto* com uma prancha de madeira e quatro rodas. É por conseguinte quando a moda do *surf* se encontra em pleno auge, que os *surfistas* se apercebem que o *skate* pode

⁸ Acessível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/blogLer.php?categoria=11>

⁹ General de Propaganda Militar de Hitler

OS FILHOS DO BETÃO

recriar a sensação de surfar uma onda e é daí também que surge a sua primeira denominação de *sidewalk surf* (Brooke, 1999).

Esta ligação com o *surf* deu ao *skate* uma nova direcção que viria a influenciar tudo o que estava para vir, desde manobras e estilo a moda, cultura e atitude. É na Califórnia que este desporto estabelece e é também a partir daí que começa a ser difundido para o resto do mundo. Esta difusão não pode ser destrinchada da crescente industrialização e consequente alteração das condições de vida urbana nos países ocidentais que se operaram nesta década. A crescente popularidade dos movimentos juvenis americanos nesta época levou a uma integração da moda, música, actividades de lazer, no fundo da *american way of life*, movimentos face aos quais a prática de *skate*, não foi excepção e que se propagariam de forma crescente durante as próximas décadas. Nessas décadas foi-se nascendo a semente da *Aldeia Global* (McLuhan e Fiero 1968) como sinónimo de Globalização (Simões, 2001). Um mundo onde cada vez mais os bens são de acesso geral e as práticas são assimilados de encontro a uma *Cultura Global*. É mediante esta evidência que se pode concluir que o *skate*, para além de um desporto urbano, é também um produto da Globalização (Borden, 2002). Em 1959, o primeiro *Skate*, fabricado numa fábrica, estava à venda ao público e o *surf do asfalto* (*sidewalk surf*) começa a fazer parte das diversões de muitos jovens (Brooke, 1999).

Década de 1960:

Em 1960, o *skate* parece ter ganho um novo fôlego e um lugar de elevado interesse entre os praticantes de *surf*, pois este permitia-lhes, em dias sem ondas, *surfar*, as grandes ladeiras existentes na Califórnia e deste modo manterem-se sempre em treino com vista à melhoria das suas competências (Brooke, 1999).

É Larry Stevenson, editor do *Guia de Surf* que começa a promover o *skate* nos EUA. Stevenson monta uma empresa, a *Makaha*, e é responsável em 1963 pela organização e promoção da primeira equipa de profissionais de *skate*, a qual será patrocinada pela Empresa *Makaha* nos anos posteriores com o propósito de promover e divulgar este desporto. A primeira competição de *skate* foi realizada em *Hermosa Beach*, Califórnia, em 1963. Em 1964, Hobie Alter considerado uma lenda do *surf*, reúne esforços com a empresa de sumos *Vita Pakt* para criar a *Hobie Skateboards*. É desde 1963 que os *skaters* levam para a rua, os seus *skates*, e começam a utilizar os espaços públicos como pista original para o seu desporto. Nasce aqui uma das principais vertentes do *skate*, praticada até aos dias de hoje, e geradora de algumas tensões sociais relativas à modalidade, o *Stree skatingt*, que se baseia na utilização de

espaços públicos pré-existentes e das suas propriedades arquitectónicas (Borden, 2002), nomeadamente descidas, rampas, escadas, corrimões e demais obstáculos para a prática deste desporto. A conflituosidade gerada pela apropriação destes espaços pelos praticantes de *skate* será discutida mais pormenorizadamente numa secção seguinte do trabalho.

É também entre 1963 e 1964 que o estado da Califórnia atravessa um grande período de seca, levando a que os proprietários de casas com piscinas fossem obrigados a mantê-las vazias. Devido ao relevo destas infra-estruturas e às suas propriedades verticais os *skaters* passam a considerá-las e a utilizá-las (na maior parte das vezes sem autorização dos proprietários) como um novo tipo de pista para a prática do *skate* (Borden, 2001). Surge então uma nova modalidade deste desporto denominada de, *Pool* que como a própria expressão inglesa o indica, piscina. Mais tarde, e por influência do estilo *pool*, surge também o estilo *Vert*, ou seja, Vertical, em que os praticantes passam a montar infra-estruturas em forma de U, designadas de *Half-pipes* e ainda hoje utilizadas nos *skateparques*.

Devido à utilização não autorizada destas infra-estruturas, os *skaters* começam a ser associados pela sociedade em geral à marginalidade. É, muito possivelmente a partir deste ponto que a controvérsia da ideia de marginalidade associada aos *skaters* tem as suas origens (Brooke, 1999).

Em 1965, as competições internacionais, e viagens *cross country* (pelo país a fora) e no exterior por parte de grupos de *skaters* patrocinados por grandes companhias aumentam consideravelmente. Começam a surgir os primeiros filmes (e.g. *Skater Dater*) e também uma revista (*The Quarterly Skateboarder*) associada à modalidade. Estes elementos aumentam a difusão da prática de *skate* fora dos EUA, onde este desporto parece também ganhar uma crescente popularidade. Só neste período, entre 1963 e 1965 foram produzidos e vendidos mais de mais de cinquenta milhões de *skates*.

Todavia tão depressa a febre do *skate* chegou como rapidamente perdeu o seu furor. Brooke (1999) refere inclusivamente que a própria história do *skate* é feita de altos e baixos os quais ele caracteriza como períodos de 7 anos, sendo estes ascendentes e descendentes. O autor relaciona este fenómeno aos ciclos económicos, visto se tratar de uma alternância de períodos de crescimento relativamente rápido (ascendente – recuperação), seguido de períodos de relativa estagnação ou declínio (descendente – depressão).

Os primeiros acidentes de *skate* surgem devido à falta de qualidade do produto, nomeadamente, à utilização de rodas de rolamentos de ferro, os quais ocasionalmente devido ao excesso de aquecimento do material podiam rebentar causando uma queda em que o

praticante era impulsionado para a frente, o que dependendo da situação podia-se revelar extremamente grave, havendo relatos de acidentes mortais ou incapacitantes. Nessa altura a indústria estava direccionada para o fabrico de baixo custo e não tinha em conta questões de segurança. Os fabricantes produziam em massa, recebendo altos lucros gerados por esta recente actividade desportiva, mas pouco investiam em pesquisa e desenvolvimento, tanto em termos de introdução de novos materiais mais leves e resistentes, como em termos de segurança.

Após a invenção das rodas de argila (*Clay wheels*) houve uma melhoria significativa no que respeita à segurança dos *skates*, contudo este tipo de material acabava por ser de fraca prestação, diminuindo consideravelmente a velocidade da prática, e de baixa duração. Deste modo os acidentes persistiam o que veio a provocar uma grave crise na indústria do *skate*, visto que em resposta às preocupações de saúde e segurança algumas cidades começaram implementar legislação que leva à proibição indefinida do *skate* em espaços públicos e à imposição de utilização de equipamentos protectores tais como capacetes e cotoveleiras (Brooke, 1999). Fabricantes como *Vita Pakt* e *Makaha* sofreram prejuízos devido a cancelamentos de pedidos, causados por estas novas restrições ao desporto.

Durante os anos seguintes, o *skate* tem uma nova quebra entrando novamente em declínio. Nesta altura a prática da modalidade *skate* recolheu-se para o *underground*, persistindo apenas em áreas como Santa Mónica, na Califórnia. Durante este período (1963 - 73), é também Larry Stevenson que inventa o *kicktail* (a tábua deixa de ser lisa ganhando uma supressão na zona traseira) numa tentativa de ressuscitar o *skate*, contudo *Larry* alcança apenas um sucesso limitado, muito embora tenha implementado uma alteração na prancha de *skate*, que se mantém até hoje, e vem permitir a introdução de toda uma pletora de manobras que anteriormente não poderiam ser equacionadas (Brooke, 1999).

Década de 1970:

Por volta de 1970, um surfista com o nome de Frank Nasworthy fez uma visita a um amigo que trabalhava numa fábrica de plásticos em Purcellville, na Virginia. A fábrica havia produzido rodas de uretano (feito à base de materiais petrolíferos resultando numa espécie de borracha muito resistente e aderente) para patins de Hóquei. O uretano nos patins, teria a função de assegurar a tracção continua e permitir efectuar contornos e curvas com muito maior eficiência e eficácia mantendo a aderência. Nasworthy percebeu que as rodas de uretano seriam uma mais-valia para o *skate*, pois podiam proporcionar tão necessária

estabilidade que este parecia carecer. Frank Nasworthy decide então desenvolver uma roda de *skate* feita de uretano. Esta inovação, resulta numa maior capacidade de manobrabilidade e estabilidade, permitindo aos praticantes aumentar a velocidade de acção, a complexidade e a altura das manobras. Nasworthy começa por promover o produto na área de San Diego. Inicialmente houve alguma resistência, mas com o tempo, a roda de uretano ganhou uma maior aceitação, popularizou-se e espalhou-se por toda a Califórnia (Brooke, 1999).

É em 1973, e após a empresa *Frank Cadiallac Nasworthy's Wheels* lançar comercialmente as rodas de uretano que surge o segundo *boom* do *skate*, havendo mais um período de franca expansão. Surgem novos fabricantes que se dedicam exclusivamente à produção de peças para *skate*. Fabricantes de trecos (engenho que segura as rodas e faz a junção com a prancha – *trucks*), como a *Bennett and Tracker* começam a conceber estas peças especialmente para o *skateboarding*. Vários fabricantes surgem em muito pouco tempo e de repente, a indústria é inundada com uma série de novos produtos, novas ideias, tendências e designs (Brooke, 1999).

Por volta de 1975, a *Road Rider* (empresa que se dedicava exclusivamente à produção de rodas e rolamentos) lança a primeira roda de precisão, terminando assim com décadas de utilização de rolamentos de esferas soltas. Neste período as várias vertentes do *skate* começam novamente a ser praticadas por milhares de entusiastas. A Revista *Skateboarder Magazine* recebe novo fôlego e em seguida uma enorme variedade de outras publicações a acompanham, na esperança de promover o *skate* e de fazer retornar o investimento. Os nomes de campeões da modalidade, como Bruce Logan, Russ Howell, Stacy Peralta, Tom Sims e Gregg Weaver tornam-se fortemente promovidos nas revistas. O *skate* está de novo em ascensão e de volta ao jogo económico (Brooke, 1999).

O primeiro *skateparque* outdoor para a prática do *Skateboard* foi construído na Flórida em 1976 (Brooke, 1999). Foi logo seguido por centenas de outros parques nos EUA. É também neste período que surgem uma série de inovações; o *skate* passou de vertical para horizontal e o *slalom* (contorno de pins em alta velocidade) e o *freestyle skate* (*skate* em estilo livre) tornaram-se menos populares. A estética de performance dos *skates* também muda e passa de seis para sete centímetros de largura em estilo côncavo ao longo de nove polegadas. Este aumento no tamanho assegurava uma melhor estabilidade em superfícies verticais. Ao nível do design ilustrativo começa a ser comercializada a primeira linha de sucesso de pranchas com desenhos sob o rótulo da *Dogtown*, equipa aonde se incluíam os melhores representantes deste desporto como por exemplo, *Tony Alva*, *Jay Adams*, *Tom "Wally"*

OS FILHOS DO BETÃO

Inoyoue, Wes Humpston e Jim Muir. Logo após, a indústria parece querer tomar este mesmo rumo, e quase todos os fabricantes começam a colocar os seus logótipos e a investir no design ilustrativo e a colocá-lo no material produzido (Brooke, 1999).

Em 1978, Alan Gelfand inventou o *Ollie*, manobra com a qual os praticantes ultrapassam obstáculos elevados, sendo esta a base de qualquer manobra moderna. A partir deste ponto, o *skate* nunca mais foi o mesmo. Essa manobra possibilitou uma abordagem mais criativa por parte dos praticantes, dando também à prática um cariz cada vez mais artístico e subjectivo aonde o sujeito podia produzir a sua parte contribuindo assim para o desenvolvimento da prática (Brooke, 1999). De notar que sem a alteração proposta por Larry Stevenson, o *kicktail*, este truque não poderia ter sido inventado.

Década de 1980:

Nesta década, as raízes do *streetstyle* sofrem enormes desenvolvimentos quando os praticantes começam a aplicar movimentos de estilo *vertical* e outros estilos, anteriormente separados, como o estilo *street* (estilo em que o praticante utiliza o espaço público e os seus obstáculos). Neste período o movimento *punk* e o estilo musical *new wave* vêm também introduzir toda uma mescla de influências na cultura *skate*. É também graças ao génio criativo de Vernon Johnson Courtland na empresa *Powell Corporation* que começam a aparecer imagens de caveiras em *skates* (Brooke, 1999).

O estilo *vertical* foi extremamente popular e, como resultado da implementação de melhor tecnologia e melhor material, os praticantes começam a ser capazes de realizar manobras áreas cada vez mais elevadas em altura e com maior grau de complexidade chegando a atingir limites até antes considerados impossíveis.

A questão de segurança nos *Skateparques*, vem impor a obrigatoriedade por parte dos proprietários de colocar um seguro de acidentes para as suas infra-estruturas, o que se revelou um entrave devido aos enormes custos que isto acarretava. Na realidade, o seguro para *skateparques* era tão caro para a maioria dos proprietários não tinha condições de os manter e foram obrigados a fechar as suas portas. Pouco depois estes espaços fechados foram demolidos e até ao final 1980, o *skate* sofre novamente uma depressão recolhendo-se uma vez mais ao *underground*.

Como seria de esperar, muitos fabricantes foram confrontados com grandes percas e outros obrigados a desmantelar as suas fábricas. Este é um período em que o *skate* sofre um revés em detrimento de outros desportos, ditos radicais que entram em voga nessa altura,

como o caso do *BMX*, estilo livre de bicicleta cross. A prática de *BMX*, e outros desportos radicais, torna-se popular e abrangem para além, de uma série de praticantes do *skate*, uma série de revistas da especialidade, empurrando o *skate* cada vez mais para segundo plano. É um período muito conturbado para o desporto, em que muitos dos praticantes abandonam o *skate* (Brooke, 1999).

Em meados dos anos 1980, são três os principais e mais influentes fabricantes dentro da cena *skate*: *Powell Peralta*, *Vision / Sims* e *Santa Cruz*. Estes organizam variadíssimos eventos, promovendo alguns praticantes profissionais, elevando assim os valores auferidos por estes atletas para valores elevados à época, acima de dez mil dólares por mês (Brooke, 1999). A *National Skateboard Association*, chefiada por Frank Hawk, realiza inúmeras competições nos EUA e, eventualmente, em todo o mundo. Os ténis de marca *Airwalk*, *Vans* e *Vision*, juntamente com roupas de estilo *skate* tornam-se imensamente populares e passam a interferir directamente na moda nas zonas urbanas e suburbanas (Hunter, 2002).

Em 1981, a *Thrasher Magazine*, uma revista da especialidade de grande popularidade, começou uma nova onda de publicação, num esforço para cativar e fornecer aos praticantes informações sobre a cena do *skate*. Apesar de existirem competições de *skate* a participação tende a ser pequena e a remuneração do prémio torna-se inferior. Em 1982, Tony Hawk, um dos maiores nomes do *skate* até à actualidade ganhou a sua primeira competição no *Del Mar Skate Ranch* na Califórnia. Em 1983, o desporto encontra-se novamente em ascensão. Nesse mesmo ano a surge outra revista da especialidade *Transworld Skateboarding*.

Em 1984, dá-se um grande impulso na construção de rampas e estas tornam-se muito populares, tanto que os próprios praticantes as construíam e cada grupo na sua devida zona procedia à construção das suas próprias rampas. A empresa *Powell Peralta* criou o primeiro "*Bones Brigade*", um vídeo de *skate*. O vídeo apresentou todos os *skaters* da equipa e ajudou a impulsionar o *skate* para novos horizontes e níveis de popularidade. Dezenas de novos fabricantes surgiram e o *skate* entrou numa grande onda de popularidade. Numerosos campeões de estilo vertical, que ainda hoje povoam o imaginário colectivo dos praticantes desta modalidade, surgiram incluindo Tony Hawk, Christian Hosoi, Lance Mountain e Neil Blender. No estilo *street* (vertente de rua) destacaram-se, Mark Gonzales, Natas Kaupas, Tommy Guerrero e Rodney Mullen. No *freestyle* (estilo livre) foi Rodney Mullen se destacou. De facto Rodney Mullen foi um dos principais inventores de grande parte das manobras existentes. Terá sido Mullen que contribuiu em mais de 80% para o desenvolvimento das manobras existentes em nos estilos *street* e *freestyle* (Brooke, 1999).

No final da década de 80, o foco de interesse no *skate* alternou do estilo vertical para o estilo de rua, à medida que este se tornava mais popular e cada vez mais praticantes o adoptavam. Um grande número de praticantes profissionais decide deixar os fabricantes que os apoiavam e iniciar as suas próprias empresas de *skate*. Um dos primeiros *skaters* a fazer isso mesmo foi Steve Rocco, que criou a *World Industries*, hoje, uma referência de renome na indústria do *skate*. Ao longo do tempo, o *skate* foi mudando a sua personalidade inventiva e uma nova escolástica nasce nas manobras do *skate*. Está então em início uma nova revolução no *skate*.

Década de 1990:

Em 1991, com a recessão económica mundial, a indústria do *skate* foi profundamente afectada. Tal como no passado, uma série de fabricantes foram confrontados com grandes perdas económicas. Tal como anteriormente, apenas sobrou um contingente que permaneceu fiel ao *skate*, mas desta vez, o desgaste não foi tão grande como foi no passado, e o *skate* manteve-se à tona (Brooke, 1999).

Em 1995, o *skate* ganhou uma grande popularidade, motivada pela sua exposição nos *Extreme Games*, uma competição anual de desportos radicais que se iniciou nesse ano tendo continuado até aos dias de hoje. A nova personagem emblemática passa a ser o brasileiro Bob Burnquist. Fabricantes de calçado como a *Etnies* ou como a *Vans*, que se dedicam exclusivamente à indústria do *skate*, assim como outros fabricantes da indústria registam nesta altura um aumento das vendas (Brooke, 1999).

Durante o desenrolar dos anos 90 o *skate* principal estilo desenvolvido foi o *street*, pois muitos eram os praticantes que davam expressão a essa vertente e as revistas não se poupavam em aplaudir os seus feitos. A nova dialéctica na arquitectura urbana baseada no betão, que então se começa a implantar, provoca também um súbito interesse nesta vertente, pois os pavimentos amplos e grandes praças centrais bem como parques de lazer são espaços ideais para os praticantes de *street skate* (Borden, 2002).

No final da década de 1990, o foco de interesse ainda se mantém, e o estilo *street* continua a ser o estilo preferido pela maioria dos praticantes e o número de praticantes não parece abrandar. Em muitos casos, os próprios praticantes profissionais procuram desenvolver os seus próprios produtos e a gerir as suas próprias empresas. É também durante os anos 90 que o *skate* sofre as alterações que o vem posicionar numa estética e funcionalidade moderna que até hoje tem sido utilizada.

É nos anos 90 que se assiste ao retorno de uma vertente de descida o *longboarding*. Neste estilo o praticante desliza em descidas com pranchas de grandes dimensões. Este estilo vai projectar toda uma nova dimensão ao *skate* visto que dá origem a um novo desporto o *street luge*, descidas em alta velocidade em que os praticantes vão deitados em engenhos especificamente desenhados a partir do *skate*.

Na Califórnia, as restrições ao *skate* começam a ser levantadas e este desporto volta a ser aceite. Após algumas alterações em termos de legislação, com muita ajuda da *Associação Internacional de Skateboard* e com a contribuição de algumas personalidades proeminentes como Jim Fitzpatrick, garantiram que fossem construídos em muitos dos condados do Estado da Califórnia vários *skateparques*, o que se veio a revelar importante, na medida em que esta tendência se alastrou para os demais estados e inclusive, ultrapassou barreiras internacionais. Nos finais dos anos 90 o *skate* já se encontra perfeitamente enraizado e é já pertença da paisagem cultural e arquitectónica das grandes zonas metropolitanas (Borden, 2002).

Século XXI:

Desde o princípio do século XXI que se tem vindo, cada vez mais, a implantar o *skate* como desporto de alta competição. O *skate* é já presença constante nas competições de alta categoria em desportos radicais. O material de *skate* torna-se progressivamente mais acessível e com os valores mais baixos de sempre. A relação preço/qualidade torna-se equiparada entre os vários produtores e esta progressiva baixa de preços e acessibilidade permite que os números de praticantes quase dupliquem (Brooke, 1999).

Desde meados de 2000 que o *skate* tem dado origem a uma série de outras vertentes que têm como função a simulação de outros desportos ou até a aplicação de outros mecanismos para impulsão do *skate*. Transformações no próprio equipamento deram mais versatilidade ao *skate* fazendo-o tornar-se um módulo de simulação de outros desportos em alcatrão. O *Flowboard*, simula o surf com mais rigor pois as transformações aplicadas permitem ao praticante fazer uma manobra com um comportamento muito semelhante ao de uma prancha de surf; o *Freeboard*, por sua vez simula o *Snowboard* (desporto de neve semelhante ao *ski* mas praticado apenas com uma prancha), enquanto o *Kiteskate* simula o *Kitesurf* (desporto aquático em que à prancha de surf é adicionada uma vela semelhante a uma asa delta que impulsiona o praticante). Estas tendências têm se tornado cada vez mais frequentes gerando progressivas transformações nos elementos principais do *skate* e fazendo surgir novas modalidades.

É também com a entrada no século XXI que se assiste de novo a um súbito e nostálgico interesse no *longboarding* e com o aperfeiçoamento do material chega-se até a fazer viagens de *skate*. As inovações parecem ter chegado para ficar e com elas o *skate* ganha a possibilidade de se tornar a base mãe de uma série de desportos de simulação.

Actualmente o *skate* é uma presença que define espaços de sociabilidade e instiga uniões e “sentimentos de pertença” (Maffesoli, 1988). O *skate* passou a ser uma das várias opções passíveis de serem adoptadas por jovens como o seu desporto de eleição, pois a difusão da cultura *skate* tem já um corpo visível, como é o caso de vários sites, revistas online e associações e tem já os seus locais próprios de reprodução, dispostos pela sociedade como função de aceitação e de controlo.

Ao longo dos últimos 60 anos, o *skate* teve os seus picos e declínios de popularidade e aceitação. A pouca qualidade dos equipamentos levou a preocupações com a segurança e as recessões económicas parecem ter contribuído para os declínios. Contudo, a tecnologia melhorou muito *skate* desde rodas de poliuretano. A tecnologia permitiu ao *skate* sofrer uma evolução que lhe possibilitou alcançar novos patamares de popularidade e novos níveis de dificuldade para além de introduzir um maior e mais variado cardápio de manobras.

4.2.2. O *skate* em Portugal

Se as origens do *skate* no mundo são turvas, as origens deste desporto em Portugal são uma verdadeira incógnita, pois não se pode afirmar com certeza o momento em que a modalidade foi introduzida em Portugal. Visto as próprias circunstâncias políticas anteriores ao 25 de Abril de 1974 não serem as mais propícias à introdução de práticas provindas do exterior, admite-se então que possivelmente a introdução do *skate* em Portugal só foi efectuada posteriormente ao 25 de Abril, e muito possivelmente terá sido introduzida por mão de emigrantes ou retornados das ex-colónias Portuguesas.

Em Portugal, o *skate* terá sido introduzido em finais dos anos 70, meados dos anos 80 e tornou-se uma actividade popular, mas essa condição foi evoluindo aos poucos e ao fim de algum tempo foi abandonado e apenas alguns praticantes se mantiveram fiéis à actividade tentando acompanhar sempre as últimas tendências, afastando a ideia de brincadeira de crianças para elevar o *skate* à categoria de desporto.

Durante os anos 80 assiste-se a um desenvolvimento progressivo desta modalidade desportiva em Portugal, surgem as primeiras lojas de artigos direccionados a este desporto e é também nesta década que é construída a primeira infra-estrutura dedicada a este desporto.

Segundo o informante, “o primeiro foi o da Quinta da Balaia no Algarve que agora ... aliás ... isto tamos a falar aí 86, 87 ... foi o primeiro ... o primeiro skateparque em Portugal ... só que pronto ... Algarve ... passado uns tempos ... taparam aquilo pa construir um hotel.”. Nesta afirmação do informante denotamos que o *skate* em Portugal foi sempre um desporto que padeceu de apoios o que veio restringir em muito a modalidade trazendo consigo um atraso subsequente dos praticantes em comparação com praticantes de outros países.

Durante os anos 80 o *skate* foi crescendo enquanto modalidade desportiva embora houvesse ainda uma ausência de apoios. São promovidos eventos locais, com demonstrações com atletas profissionais, provindos do estrangeiro financiados por empresas ligadas à indústria do *skate* com o intuito de se instalarem e desenvolverem a modalidade em território português. Essas demonstrações têm um efeito positivo levando a que os canais e vias de comunicação e publicidade comecem por sua vez a divulgar a actividade. Nos anos 80, pela primeira vez, são divulgadas notícias sobre este desporto em jornais Portugueses nas suas secções desportivas.

Já nos finais da década de 80 meados da década de 90, são construídas uma série de infra-estruturas que vêm favorecer o surgimento de mais uma vaga de praticantes. Esta última vaga de praticantes vai então ser a responsável pelo apogeu desta actividade desportiva em Portugal.

Em 1990, surge o *Radical Skate Clube*, uma entidade associativa cujo objectivo é promover e divulgar a prática de desportos radicais, tais como o *BMX Freestyle*, e *In-line* (patins em linha) e o *skate*. Esta entidade vem defender que estas actividades devem ser encaradas não apenas como actividade de entretenimento mas sim como modalidades desportivas. É a partir daí, que começam a ser organizadas iniciativas, tais como demonstrações, concursos, e por fim, campeonatos¹⁰, no sentido de promover, divulgar e apoiar os desportos radicais. Este clube desenvolveu actividades de angariação de fundos e estabeleceu parcerias com o intuito de apoiar o campo desportivo do *skate*, o que culminou com a organização do primeiro campeonato Nacional de *Skate* em 1991, continuando sempre a acompanhar, organizar ou apoiar certos eventos tais como as demonstrações realizadas em 1993 em parceria com instituições estatais, associações, Instituto Português da Juventude, empresas, escolas, etc.

¹⁰ O Radical Skate Clube é hoje o principal organizador do campeonato Nacional de Skate, e de outras iniciativas relativas a desportos radicais. Vide – www.radicalskateclube.com

Em 1990 surge também a revista *Skate Portugal*, que prontamente divulgou o surgimento do *Radical Skate Clube*, motivando também apoios por parte deste e do Instituto de Juventude. Todavia por ser uma revista com pouca tiragem e com um preço algo elevado, acaba por desaparecer ao fim de algum tempo. Para além desta iniciativa surgem também algumas outras publicações sob a forma de fanzine¹¹ como é o caso da *Crutz* e da *Urbe*. Estas iniciativas tiveram o seu impacto mas apesar de tudo não se conseguiram fixar.

Em 1995, três anos após o fim da exclusividade televisiva estatal em Portugal a emissora televisiva não estatal, SIC, inicia uma série de programas exclusivamente dedicados aos desportos radicais intitulados *Portugal Radical*. Este programa foi de uma importância fulcral para a divulgação de notícias do panorama nacional e internacional de vários desportos radicais e o *skate* não foi excepção. A partir deste momento o *skate* vê o seu panorama nacional a evoluir muito rapidamente; o *Portugal Radical* veio fomentar e divulgar o desporto a nível nacional, generalizando o acesso à esta actividade a locais fora das grandes zonas metropolitanas, e estimulando o aparecimento de praticantes em vários pontos do país. As competições passam a ser cobertas pelo *Portugal Radical* que se apresenta também como um meio de difusão do *Radical Skate Clube*. Ainda no mesmo ano surge outro programa dedicado aos desportos radicais em Portugal o *Sem Limites* difundido pela emissora televisiva estatal para combater as crescentes audiências geradas pelo *Portugal Radical*.

Nesta altura o *skate* começa-se a afirmar e sobretudo a percepção social acerca do objecto altera-se, de um brinquedo para um desporto. Além de todas estas iniciativas e eventos o *Radical Skate Clube* tem vindo a exercer pressão sobre várias entidades de forma a serem criadas infra-estruturas e espaços específicos para a prática de actividades desportivas alternativas. É de salientar o papel desta associação na promoção dos desportos radicais, dirigindo particular atenção à projecção de *skateparques* a nível nacional e exercendo pressão sobre os Municípios de forma a serem construídos espaços para a prática deste desporto alternativo.

Em 2000 é organizado o 1º circuito de *Mini Half-pipe*, em quatro cidades, nomeadamente Lisboa, Faro, Aveiro e Porto. Em 2001, há um aumento significativo de inscrições no campeonato de *Street-skate*. Esse aumento foi tão significativo que o campeonato de *skate* teve de ser dividido em duas categorias separadas: os amadores, com um menor domínio da modalidade; e os iniciados, praticantes mais seniores, com e um maior domínio desta modalidade desportiva. Além dessas duas categorias é organizado o *Nokia*

¹¹ Vide <http://www.mankatetainha.com/#>

OS FILHOS DO BETÃO

Etnies open, uma prova a partir da qual o vencedor poderia ascender à categoria de Profissional, reconhecida internacionalmente. Actualmente apenas temos um praticante em Portugal que acedeu à categoria de Profissional, Ricardo Fonseca. As características deste campeonato têm-se mantido até aos dias de hoje, sendo esta uma oportunidade de desenvolvimento e teste de capacidades dos praticantes nacionais, assim como de convívio, troca de experiências e de construção identitária do grupo. É, igualmente, desde 2001 em diante, que o *Radical Skate Clube* em conjunto com a *Etnies Portugal* começa a organizar anualmente o *Circuito Nacional de Skate* que visita algumas das principais cidades de Portugal, nomeadamente Faro, Póvoa de Varzim, Lisboa e Torres Vedras, regiões onde o desporto se encontra mais desenvolvido.

Em 2001 surge o site *skatebyte.com* da autoria do informante, a que se recorreu para esta investigação que vem então complementar e preencher o espaço de leitura, cobertura fotográfica e exposição de vídeos dentro da modalidade desportiva. A *internet* tem-se vindo a afirmar como um dos principais meios de difusão de ideias e discussão, bem como local de eleição para apresentação de novos materiais ligados à modalidade. Embora não seja o único, este site tem contribuído em muito para a difusão de informação, cobertura de eventos e apresentação de novos valores em Portugal, de modo que nos dias de hoje existe quase que uma parceria entre a associação *Radical Skate Clube* e o *Skatebyte.com*.

4.3. A prática de *Skate* e o Espaço Urbano

Como demonstrado a partir da história do desenvolvimento da prática de *skate* em Portugal e no mundo, a evolução do *skate* enquanto actividade desportiva encontra-se intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de uma cultura juvenil urbana. Embora algumas práticas específicas de grupos juvenis já tenham sido identificadas no período anterior ao pós-guerra (Giddens, 1996), é a partir da década de 1950 que a ideia de cultura jovem e de juventude como segmento social específico é consolidada. O desenvolvimento urbano, aliado à expansão do consumo mediante a prosperidade económica, o desenvolvimento do modelo de estado de providência, a expansão das indústrias culturais e dos meios de comunicação de massa, a maior oferta de bens de consumo e das actividades de lazer são alguns dos pontos essenciais na formação dessa nova condição juvenil.

A grande diversidade de culturas juvenis apresenta maior destaque nas zonas urbanas sendo estas, produto e consequência da modernidade e dos seus processos consequentes Giddens (1996). Surgida com o eclodir de processos de mudanças económicas, sociais e urbanísticas profundas que têm influência directa na mescla do tecido social que reage a estas transformações, vêm por sua vez redefinir os novos espaços de sociabilidade. O próprio conceito de família assume novas direcções e os grupos juvenis alcançam cada vez mais um lugar de destaque na construção identitária dos jovens nas grandes metrópoles. Estas transformações impostas pelo pós-modernismo vêm gerar novos fenómenos de expressão, de segregação, de marginalização e marginalidade nas cidades modernas do século XX. Seguindo esta lógica será possível desenvolver a afirmação de que as culturas juvenis começam a se sobrepor a grupos tradicionalmente instituídos, tais como a família, escola e trabalho, em matéria de socialização secundária (Pais, 1993).

O fenómeno de urbanização vem fixar uma série de grupos juvenis nas zonas urbanas e suburbanas; os jovens vão-se associando a estes grupos consoante a implantação de cada um numa dada zona. Visto que os fenómenos de mundialização/globalização (Simões, 2001) e a consequente era da informação fazem circular bens, pessoas e produtos, estes são directamente responsáveis pela assimilação de comportamentos gerados numa zona do globo que se transpõem livremente de um local para outro. As responsabilidades que são trazidas pela sociedade moderna modificam as estruturas de sociabilidade criando especial destaque para os grupos de pares no processo de socialização dos jovens citadinos.

A prática do *skate* nasce no contexto urbano e é produto deste mesmo. Este desporto sendo produto de uma sociedade em constante modernização e evolução é também resultado de uma apropriação dos espaços urbanos e da utilização das suas características arquitectónicas enquanto nicho para a sobrevivência do grupo, definindo-se assim, como igualmente produto e produtor das transformações arquitectónicas das grandes metrópoles.

O *skater* recria o seu espaço próprio, a sua cidade e a sua própria arquitectura dentro do seu espaço urbano; o *skater* é simultaneamente um agente de mudança e de projecção dos ambientes estético-arquitectónicos e dos elementos espaciais que constituem a paisagem urbana. O *skate* é considerado um desporto urbano por excelência devido aos praticantes utilizarem as propriedades arquitectónicas das zonas metropolitanas como pista natural para o desenvolvimento das suas actividades (Borden, 2002).

4.3.1. O *skate* enquanto desporto urbano

De facto o *skate* sempre se revelou um desporto fundamentalmente urbano. A prática deste desporto nasceu numa das maiores cidades do mundo e acabou pelas cidades do mundo. A prática do *skate* só pode atingir a sua plenitude nas zonas urbanas ou suburbanas, pois a arquitectura que predomina nestes espaços é sem dúvida a sua pista natural, potenciado deste modo a prática deste desporto e de outros desportos radicais. Deste modo a questão que se prende com este facto é: Será que o *skate* apenas sobrevive em zonas urbanas e suburbanas, ou este poderá sobreviver em zonas rurais?

O *skater* explora a cidade e as suas características arquitectónicas, quase como uma métrica de sobrevivência do grupo em relação a um dado espaço, espaço este fundamentalmente urbano que forma e confina um comportamento e consequentemente uma consciência de grupo. Aparte disto, é regra geral as *tribos urbanas* (Maffesoli, 1998) se movimentarem e apenas sobreviverem dentro destes espaços; é aqui que residem os elementos do grupo e é aqui que o grupo se reproduz. As condições sociais e a crescente influência da publicidade a nível global afecta às consequências da modernização tecnológica. A era da informação vem permitir a disseminação de canais de TV como o *Extreme Channel* ou o “*Fuel TV*”, direccionados para os desportos radicais. Eventos financiados por grandes empresas e influências exteriores impulsionam a prática deste desporto em conjunto com os espaços citadinos e espaços específicos próprios para a prática deste desporto.

Apesar de poder haver grupos de *skaters* fora das zonas urbanas estes eventualmente terão que se deslocar até a um local mais urbano dentro da região onde habitam, pois só aí

encontraram amplos espaços com grande acessibilidade para uma prática produtiva. Ora isto demarca uma dicotomia de espaços: urbano e rural. Vila Real ou Leiria podem ser exemplo disto, pois nestas cidades que são o centro de uma região encontramos um *skateparque* e aparte isto encontramos também todo um ambiente de prédios com espaços adequados à prática de *skate*. A disposição e a maneira como estão construídos os prédios dão azo à inventividade dos praticantes. Em oposição a isto nas aldeias à volta destas cidades não existem espaços de prática e neste caso os *skaters* terão que se deslocar à *urbe*. Não há *skate* sem infra-estrutura e a principal infra-estrutura do *skate* é o espaço urbano.

Ao analisarmos a história desta modalidade a evidência retirada é de facto a ideia de que este desporto desenvolvido enquanto *sidewalk surf* terá surgido nas grandes ladeiras citadinas das cidades costeiras da Califórnia, ou seja num meio profundamente urbano. Ao abordarmos a questão de que o *skate* é essencialmente urbano a própria história confirma em absoluto que o *skate* é sem dúvida um desporto essencialmente urbano, motivador de transformações arquitectónicas. O *skate* é fundamentalmente urbano na medida em que é um produto da urbanização e constituiu-se também como um produtor de ambientes arquitectónicos, onde o betão se torna o seu material de eleição e os recantos do mundo urbano, o seu ponto de referência.

4.3.2. Utilização de espaços públicos e conflituosidade

A presença deste grupo em espaços públicos não passa despercebida e por vezes constitui-se como a problemática geradora de conflitos entre elementos do grupo, transeuntes e forças de autoridade. A dialéctica presente entre o confronto de uma contra-cultura (Becker, 1991) e as práticas da cultura hegemónica parece ser evidente.

A apropriação de espaços públicos e a invasão de propriedade privada é sem dúvida uma das principais causas de conflito entre este grupo e a sociedade. Já nos anos 60, quando os praticantes de *skate* começam a utilizar infra-estruturas privadas para a prática, como por exemplo, piscinas privadas, provocam uma onda de indignação entre os proprietários destes espaços. A utilização dada pelos praticantes de *skate* a estes espaços era considerada destrutiva, visto que estes ao passar com os seus *skates* em zonas mais sensíveis destas infra-estruturas provocavam desgaste e estragos. Tudo isto, para além do barulho que provocavam e ainda da própria invasão de propriedade privada, que motivava queixas por parte dos proprietários, às forças de autoridade. O problema da segurança também foi motivo de conflitos entre *skaters* e a sociedade. Após acidentes graves muitas cidades viram-se na

obrigação de legislar contra o *skate* e proibiram a circulação e a prática do *skate* em espaços públicos.

Hoje em dia, a prática de *skate* em espaços públicos, no nosso país é essencialmente realizada nas praças centrais das cidades, especialmente aquelas cujo pavimento é de pedra e não calçada; ou em zonas habitacionais recentes com pormenores arquitectónicos especialmente apetecíveis aos praticantes destas modalidades, tais como rampas, deslizes, bancos de mármore ou escadas com corrimões (e.g. Parque das Nações em Lisboa). Esta prática é, muitas vezes, percepcionada como uma forma de vandalismo. É frequente os habitantes ou proprietários de estabelecimentos comerciais recorrerem às autoridades como forma de dissuasão da utilização destes espaços.

Esta atitude negativa face à apropriação destes espaços para a prática de *skate* pode ter várias leituras. Por um lado, existe a percepção, por vezes legítima, de perigo de desgaste dos equipamentos públicos. Por outro lado, existe a tendência, muitas vezes não justificada, de associar este grupo a práticas de pequena criminalidade. Devido, provavelmente, à proximidade de sinais exteriores de pertença, tais como a idade e a indumentária este grupo é confundido com grupos mais ligados ao hip-hop e a práticas de arte de rua, tais como o *graffiti*, o que gera tensão acrescida por parte de proprietários e habitantes dos espaços utilizados, com receio que um aumento do sentimento de insegurança leve a uma desvalorização dos espaços e a uma diminuição da clientela. Adicionalmente, existe muitas vezes, por parte dos proprietários de estabelecimentos comerciais, especialmente os mais antigos, como é o caso daqueles situados na praça da Figueira, um dos locais observados, uma tendência a encarar os jovens como potenciais destabilizadores e autores de pequenos furtos.

Esta tensão pode ser assim vista, tanto à luz de um conflito de recursos, sobre o espaço em si, como à luz de um conflito geracional (Pais, 1993) e até à luz de um conflito de classes (Pais, 1993), como é o caso das novas (e luxuosas) zonas residenciais de Lisboa (Pais, 2005). Uma forma de evitar este tipo de conflitos seria a criação de mais espaços de prática, tais como *skateparques*, adequados às necessidades desta prática desportiva.

É ainda de acrescentar que a forma como os *skateparques* tem sido projectada pelos municípios, os grandes responsáveis até agora pela construção destas infra-estruturas, têm por vezes revelado alguma desadequação às necessidades específicas deste desporto, causando ocasionalmente novos focos de conflituosidade. A grande maioria dos *skateparques* a nível nacional tem sido construída nos chamados *Parques da Cidade*. Essas infra-estruturas congregam num só espaço diversos equipamentos de lazer, destinados a diferentes faixas

etárias, nomeadamente parques infantis, ciclo vias e ringues para as diversas actividades desportivas. O facto de estes espaços serem frequentados, maioritariamente por crianças e seus pais, leva muitas vezes a uma apropriação por parte das crianças do espaço do *skateparque*, que é utilizado como se mais de um parque infantil se tratasse, com equipamentos como rampas e *half-pipes* de betão e metal a serem utilizados como escorregas. Isto acarreta, não só problemas de segurança para as crianças, como algum transtorno aos praticantes de *skate* que têm de dividir o seu espaço com as crianças, arriscando a sua segurança e a delas, ou alternativamente pedir verbalmente que estas se retirem do espaço, o que não é muitas vezes recebido com agrado nem pelas crianças nem pelos seus pais, contribuindo para a não já muito positiva imagem dos praticantes deste desporto junto da sociedade em geral.

Seria assim desejável para a redução da conflituosidade à volta da prática de *skate* que, além de se construir mais equipamentos em espaços adequados, se fomentasse junto das crianças e respectivos encarregados de educação, a ideia de que aquele é um espaço destinado a uma actividade desportiva específica, tal como o ringue de futebol ou de outro desporto com maior aceitação pela opinião pública. É interessante constatar, ainda aqui, a relativa ambiguidade da percepção social da prática de *skate* como uma brincadeira *versus* um desporto.

4.3.3. O *skate* e a sociedade

O *skate* influenciou profundamente a sociedade e esta por sua vez influenciou esta cultura. Em termos arquitectónicos, a cidade os seus passeios, recantos e arredores proporcionam ao *skate* o recreio necessário à constituição da sua identidade, e retomando a noção de alteridade (Velho, 1994), visão de que o indivíduo só se conhece em oposição ao outro, poderemos referir que existe aqui este relacionamento dialéctico entre o *skate* e a sociedade enquanto oposições primárias, que se reconhecem e distinguem. Desde a sua criação o *skate* tem sido influenciado por vários factores da sociedade; *hardcore*, *rap*, músicas, roupas, crenças, estilos, religião, etc. Poderemos afirmar que um dos maiores impulsionadores da sociedade que influenciaram a cultura *skate* foram sem dúvida a música e estilos criados pelos californianos, cabelos cumpridos, ténis cano alto e mais tarde rasos, calças largas, cabeças rapadas, calças apertadas, e várias derivações. Cabe ao *skater* enquanto indivíduo, escolher aquele que mais se encaixa com a sua realidade e vivê-lo de forma explícita associada ao grupo.

A sociedade tende a encarar a prática de *skate* ou como uma brincadeira, ou a segregar o *skate* e os *skaters* enquanto *tribo urbana* associando-os muitas vezes à ideia de marginalidade. Será então a sociedade a causadora da auto-segregação desta cultura juvenil, ou será este facto, apenas uma das consequências da modernidade? A resposta apesar de parecer simples dá azo a uma discussão que pode resultar num culminar de diversas posições. As culturas juvenis tendem a se afirmar mediante uma atitude, estilo e cultura própria, embora predeterminada por outras influências vindas do interior da sociedade, esta pretende se redefinir e se distinguir das demais. O grupo demarca-se em oposição ao outro. Analisando esta condição há que assumir que este não passa de um processo que está demais relacionado com a própria dialéctica do comportamento humano. A lógica de auto-segregação das culturas juvenis explica-se então pela necessidade de distinção em relação ao outro (Giddens, 1997).

4.4. Caracterização dos Praticantes de *skate*

4.4.1. Género

A problemática do género no *skate* é efectivamente um assunto que deve ser discutido. Contudo vou delinear uma discussão sucinta visto este tema assumir uma profundidade de relevância para a Antropologia, muito além do âmbito deste trabalho. Na verdade foi verificado, mediante a recolha de dados e a observação sistemática, que os praticantes de *skate* são na sua grande maioria do sexo masculino. Nas incursões de campo tive a oportunidade de constatar que entre os praticantes havia uma presença masculina hegemónica. Poucas foram as vezes em que foram observados praticantes do sexo feminino e aqueles que foram observados, aparentavam se apropriar de um comportamento tipicamente masculino.

Das 12 observações efectuadas para este trabalho somente em 6 destas foram observados praticantes do sexo feminino. A presença feminina neste desporto é sem dúvida quase nula. A prática deste desporto aparenta ser hegemonicamente masculina. As praticantes de *skate* são em grande minoria e as suas interações com o grupo assumem características e directrizes geralmente atribuídas ao género masculino.

As condutas dentro dos grupos de praticantes eram tipicamente condutas e atitudes normalmente agregadas ao sexo masculino. Embora a *Radical Skate Clube* seja já o responsável pela organização de um campeonato de *skate* exclusivamente dedicado ao sexo feminino (Open Feminino) a tendência para o aparecimento de novos praticantes do sexo feminino é muito baixa ou quase nula pois a evolução da modalidade nos diferentes géneros parece assumir uma simetria inversa, o que se verifica numa taxa de abandono mais elevada deste desporto por parte do sexo feminino conforme a idade aumenta. A questão que se coloca é efectivamente, qual a razão para a existência de uma maior quantidade de praticantes do sexo masculino? A resposta a esta pergunta parece ter uma questão social, ou por outro lado poderá ser motivada por questões de natureza biológica e física com interligações à condição de performatividade (Souriau, 1990) do corpo. Sendo assim esta parece ser mais uma discussão do debate prevalente desde o início das ciências sociais *nature versus nurture* (Mead 2001).

As primeiras reflexões antropológicas acerca da divisão de papéis de género relacionam o fenómeno com a divisão sexual do trabalho nas primitivas sociedades agrícolas. Visto a função de reprodução recair sobre o sexo feminino, esta favoreceu a sua subordinação ao sexo masculino. O homem, associado a ideia de autoridade devido a sua força física, assumiu desta

forma o poder dentro da sociedade, tendo este *status quo* persistido na sociedade capitalista baseando-se no argumento da diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres (Engels, 1972). Desta forma pode-se pensar que a persistência neste modelo de divisão de tarefas pode-se reflectir, até certo ponto no tipo de actividades, principalmente actividades físicas como a prática de skate, por parte do género feminino. A este respeito podemos ainda afirmar que este tipo de organização estava fielmente implícita na dialéctica da reciprocidade (Strauss, 1982) tendo como consequência a subordinação do sexo feminino ao sexo masculino.

Retomando ainda a temática de *nature versus nurture*, o género define-se segundo a ideia de que este se refere ao sexo social das personagens sociais; a sociedade impõe ao sexo feminino e ao sexo masculino certos comportamentos e diferentes normas. Assim, se desde pequena a mulher brinca às casinhas e com bonecas, isso não se deve a um instinto materno, mas simplesmente a uma convenção social, sendo que isso não será devido a uma lei inata, mas sim, a uma construção imposta pela sociedade. Margaret Mead (2001) é sem dúvida um dos principais autores a debater este facto. Os papéis assumidos na sociedade por ambos os sexos, são meros papéis sociais, desempenhados como tradição, mas que porém, passíveis de ser trocados. Ao analisarmos as teorias sócio-biológicas que assinalam um diferente comportamento entre sexos, por causas biológicas inatas, a teoria do género vem afirmar que os diferentes comportamentos entre homens e mulheres desenvolvem-se através da assimilação social das identidades femininas e masculinas. Para além desta indicação, o grau de agressividade entre o sexo masculino e o grau de doçura variam de uma cultura a outra, tal como observado no trabalho de Margaret Mead (2001) aonde ela reforça a ideia de que as diferenças físicas de sexo são um signo e não uma causa dos diferentes papéis sociais.

Ao fazer a minha pesquisa estas questões pareceram não se descolar da minha curiosidade, pois o próprio comportamento dos praticantes do sexo feminino entrava em assimilação com a presença hegemónica. Pareceu-me que os praticantes do sexo feminino se encontravam num limbo entre os dois papéis sociais. Adoptavam comportamentos socialmente tidos como masculinos, como cuspir para o chão e dizer palavrões.

Por outro lado pode-se defender que existe neste deporte, como na maioria das modalidades desportivas uma diferença de performance entre ambos os sexos. Também no caso do *skate* diferenças fisico-anatómicas e fisiológicas, nomeadamente, tal como acontece no *surf*, diferenças ao nível da estrutura óssea da bacia e da proporção da força física dos membros inferiores, parecem ser parcialmente responsáveis pela diferente postura física

adoptada por os dois conjuntos de praticantes. Os praticantes do sexo masculino aparentam sem dúvida ser mais ágeis na manobragem e versáteis na utilização dos diferentes obstáculos, o que resulta em melhores prestações neste desporto.

Um senso efectuado no Brasil, em 2009 pelo Instituto Datafolha (Datafolha, 2009) acedível em revelou que estatisticamente o número de praticantes do sexo masculino é muito superior ao número de praticantes do sexo feminino a nível nacional. Este censo indica haver uma percentagem esmagadora de 90% de praticantes masculinos para 10% de praticantes do sexo feminino. Esta tendência é possivelmente uma tendência que poderá ser alargada a outros países, incluindo segunda as observações efectuadas, Portugal. No trabalho de campo efectuado, foram feitas observações em 4 locais tendo sido observado um universo total de 134 praticantes dos quais 15 seriam praticantes do sexo feminino, sendo que a incidência de praticantes do sexo masculino situava-se na ordem dos 89% para 11% de incidência de praticantes do sexo feminino. Neste caso os resultados estatísticos obtidos mediante a observação encontram-se em consonância com as percentagens obtidas pelo estudo realizado no Brasil em 2009 pelo Instituto Datafolha.

Concluindo, no *skate* a presença feminina é uma presença diminuta, o que leva a crer que este desporto é essencialmente e hegemonicamente dominado por praticantes do sexo masculino. As razões que afastam e determinam esta baixa integração de praticantes de sexo feminino podem ser atribuídas tanto a imposições de cariz social, como a diferenças físico-anatómica com francas implicações sobre a performatividade (Souriau, 1990) física do corpo.

4.4.2. Idade

As idades dos praticantes desta modalidade são muito variadas, contudo as camadas mais jovens parecem representar a grande maioria de praticantes. Apesar de ser um desporto de risco, a iniciação desta modalidade parece começar ainda na idade infantil; crianças com cerca de 8 anos parecem estar na linha da frente dos principais aderentes ao desporto.

Os praticantes de *skate* começam muito cedo a andar, o que se repercute numa possibilidade superior de evolução ao nível da habilidade que pode atingir diferentes graus consoante a dedicação do praticante. Em termos de idade dos praticantes desta modalidade as informações recolhidas apontam para o facto de este desporto estar intimamente associado à ideia de juventude e que este é geralmente integrado numa dada fase de vida (Pais, 1996). A questão que se coloca é se efectivamente se poderá considerar o *skate* como um desporto direccionado apenas para jovens? O que é simultaneamente verificado é que a cultura *skate*

promove o surgimento de grupos de prática e consequentemente de movimentos associativistas que se tornam responsáveis pela difusão da modalidade; estas são dirigidas por praticantes com idades já mais avançadas como o caso do informante que tem 32 anos.

Os entusiastas desta modalidade começam aos 7, 8 anos e muitos com 51 anos de idade ainda não conseguem pensar noutra coisa senão no *skate*, como o caso do um grande amigo e colaborador deste trabalho. Estes entusiastas com idades mais avançadas garantem a reprodução e a continuidade do grupo. Enquanto os praticantes mais velhos reproduzem a cultura *skate* os mais novos parecem assimilá-la, sendo esta a representação dialéctica da reprodução da cultura *skate*. Não podemos garantir em toda a sua amplitude que esta modalidade desportiva seja uma modalidade direccionada apenas para jovens.

Ao analisarmos a História do *skate* vemos que a sua continuidade e a sua evolução foi efectuada e garantida pelos próprios praticantes ao longo do seu curso de vida. Apesar de, realmente a indústria, o seu marketing e as dinâmicas agressivas de publicidade se dirigirem a um público jovem, o que é facto é que os próprios dirigentes e accionistas das grandes empresas centradas na actividade *skate* são ou foram também eles praticantes.

O *skate* parece ser um desporto direccionado para os jovens; muita da indústria não especializada promove o *skate* como um brinquedo sendo esta uma das formas que este chega às crianças. Estas por sua vez, ao tomarem contacto com a cultura *skate* apercebem-se que o *skate* não é somente um brinquedo mas também um desporto de alta competição. É aqui que o *skate* se assume ou como um brinquedo, ou como um desporto e a decisão quanto a estas duas direcções é o praticante que a faz. Este decide adoptar o *skate* como um desporto ou então adoptar o *skate* como um brinquedo que depressa se esquece. Como seria de esperar esta condicionante não será a única que poderá levar ao abandono da modalidade, o *skate* tem inúmeros custos, tanto a nível económico como a nível de tempo e até a nível físico visto que a capacidade de recuperação das quedas que são inevitáveis na prática desportiva desta modalidade se torna mais penosa com a idade.

Os mais jovens, como Machado Pais (1996) nos indica dispõem de mais tempo para outras actividades e é precisamente tempo que é essencial ao praticante para poder alcançar um nível competitivo. Hoje em dia o que se verifica através deste modelo é que existe já uma garantia de sobrevivência como profissional de *skate* e que a idade de profissionalização é cada vez mais baixa, ao mesmo tempo o de vida de prática parece não já ter um limite, muito embora os praticantes mais velhos possam já não ingressar em eventos

competitivos, como o caso de Tony Hawk, já com os seus 42 anos, e uma lenda viva da modalidade.

Ao que parece esta modalidade está intimamente direccionada à juventude e é inclusivamente indissociável da mesma, todavia e apesar de ser um desporto direccionado a jovens, as idades dos praticantes são muito divergentes sendo que a sua grande maioria de praticantes se encontra com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos. No Brasil, um estudo estatístico registou que existiriam cerca de 2 milhões de praticantes com uma idade média de 16 (Instituto Datafolha, 2009). Os praticantes são simultaneamente produto e produtores de cultura *skate*, sendo que os praticantes mais novos assimilam a cultura *skate* enquanto mais tarde vão reproduzi-la.

4.4.3. Estrato socioeconómico

As observações efectuadas indicam que os praticantes em fase de iniciação parecem ter origens sociais distintas. O Instituto Datafolha realizou no Brasil em 2009 um estudo estatístico aonde os resultados parecem justificar esta mesma afirmação. Porém, nas camadas mais velhas e praticantes a nível competitivo, existem percentagens mais elevadas de praticantes entre os escalões mais económicos elevados.

A redução do custo dos materiais ao longo dos últimos anos tem alargado a possibilidade de iniciação na prática de *skate*, porém o panorama nem sempre foi assim, e até há relativamente pouco tempo o preço do material era ainda elevado para jovens oriundos de classes económicas mais desfavorecidas. Nessa altura, e graças ao facto de, embora o *skate* seja tido *a priori* como um desporto individual, a sua prática tender a ser colectiva era um factor importante, visto que a inter-ajuda tinha profundas implicações no acesso por parte de indivíduos de escalões económicos mais baixos ao desporto em si.

O sistema de inter-ajuda foi, durante muito tempo, responsável por permitir o acesso ao *skate* por parte de indivíduos de classes mais baixas que não poderiam despende o necessário para manter a prática; Nestes casos era muitas das vezes o grupo de iniciação que providência o necessário para que estes praticantes se mantivessem no grupo. Como João Martins¹², *skater* há 8 anos, afirma numa entrevista cedida pelo informante ... “um amigo da minha rua que tinha mais dinheiro que eu, comprou uma tábua e comecei a skatar com ele lá na rua, por acaso ele já não *skata* e já não se interessa. Também mais tarde, a um nível mais competitivo

¹² João Martins, Skater Lisboa, entrevista cedida por Skatebyte.com; esta entrevista pode ser consultada em anexo A

este sistema de inter-ajuda parece marcar a diferença no acesso à prática, como referido por Kiko Francisco Perdigão, *skater* há 6 anos, “As maiores ajudas que tive para além do meu irmão foram o Bruno Vinagre “BOB” e o Vítor Dimas, (grandes nomes do skate nacional) eles sempre me ajudaram, quando não tinha dinheiro para tábuas eles davam-me as tábuas deles...”. Em ambas as afirmações se denota que o custo do equipamento tornava-o de certo modo inacessível a camadas mais baixas e que praticantes provindos de quadrantes sociais mais altos agem como mecenas para com outros praticantes com menos possibilidades financeiras.

Embora a iniciação à prática se tenha vindo a alargar às diversas camadas socioeconómicas, os custos económicos que o desenvolvimento desta modalidade acarreta, determinam, muitas das vezes, a desistência ou não dos praticantes. Por um lado, o material básico, com preços mais reduzidos, não permite um desenvolvimento das competências para lá de um certo limite, por outro lado, existem custos a outros níveis, tais como o tempo necessário de treino para a modalidade.

Aqueles que já têm um bom suporte financeiro, geralmente proporcionado pelos pais, têm tendência a poder dispor de mais tempo e consequentemente alcançar níveis que lhe permitam aceder a patrocínios e continuar a prática atingindo níveis crescentes de proficiência na modalidade. Jovens provenientes de níveis soció-económicos mais desfavorecidos tendem a começar a trabalhar mais cedo, o que limita o tempo disponível de prática.

Numa entrevista, cedida pelo informante, João Martins¹³ remete-me para essa mesma noção, a ideia que o papel social acarreta imposições, não só em termos de recursos, mas também a nível de tempo disponível, de acordo com o entrevistado “... só que depois a *life* bateu á porta...é mesmo assim, temos de começar a trabalhar. O resto do pessoal foi mesmo o trabalho, mas mesmo assim foram poucos os que deixaram mesmo quase todos continuam a *skatar* ocasionalmente.”. Assim, aqueles que não garantem um suporte financeiro parecem ser muitas vezes forçados a deixar o *skate*, ou pelo menos, a não prosseguir competitivamente a modalidade.

Para muitos dos *skaters* a maioridade e as responsabilidades sociais, como o trabalho, parecem ser entraves à progressão na modalidade. Os jovens de camadas mais altas da sociedade têm geralmente mais possibilidades de progredir no *skate* do que jovens de categorias mais baixas devido a uma simples questão económica.

¹³ Entrevista a João Martins em anexo A

4.4.4. Zonas de residência

Como referido anteriormente esta modalidade desportiva surge-nos como uma das consequências da modernidade (Giddens, 1996) e do desenvolvimento urbano. Parece ser lógica a noção de que as zonas de residência dos praticantes desta modalidade sejam na sua grande maioria em centros urbanos e suburbanos. Sendo o *skate* uma prática urbana poderemos então considerar que este só poderá se desenvolver no meio urbano e que os seus praticantes apenas floresçam em zonas urbanas? Com o surgimento de infra-estruturas próprias essa questão pode ser até, ates certo ponto ultrapassada, contudo analisando o caso Português poderemos novamente colocar em debate esta questão.

Existe uma dicotomia entre *Skate urbano e Skate rural*. Ora esta definição é feita pela dificuldade da realização desta pratica em zonas rurais. Embora a prática nestas zonas não seja impossível, os praticantes em meio rural têm menor possibilidade e oportunidade de desenvolver as suas competências. Os *skaters* com quem falei ao longo desta investigação, quando questionados acerca deste assunto declaravam que é uma impossibilidade, visto que um praticante numa zona rural não teria locais próprios para praticar *skate* e desta forma não poderia evoluir nem fazer jus ao nome do grupo; querendo com isto dizer que este tipo de praticantes não poderiam ser inseridos no grupo devido à sua incapacidade. Outras das respostas dadas a esta questão era essencialmente a de que numa zona rural o praticante de *skate* é apenas visto como uma criança e o seu brinquedo.

A localização de infra-estruturas potencia o surgimento de novos praticantes. No caso português o que é verificado é que estas infra-estruturas estão localizadas, na sua grande maioria, em zonas urbanas e suburbanas, quase sempre junto de grandes aglomerados populacionais, o que vem aumentar o número de praticantes nessas zonas. Existem praticantes em zonas exteriores das cidades em áreas rurais, estes são obrigados a construir as suas próprias infra-estruturas, ou a se deslocar à cidade para poderem praticar.

Ao contrário do que se passa em Portugal, no Brasil encontramos uma série de infra-estruturas no meio rural, o surgimento destas infra-estruturas potencia o aparecimento de novos praticantes e consequentemente a formação de um grupo. No caso do Brasil, já não poderemos portanto considerar que exista uma dicotomia tão marcada entre *skate urbano e skate rural*. Talvez possamos considerar apenas esta dicotomia no sentido em que, no meio rural, o tipo de arquitectura não seja propícia à prática do *skate*, mas existe possibilidade de prática devido à existência de infra-estruturas. Assim a única distinção, em termos de prática será que os *skaters* destas zonas apenas têm a possibilidade de se especializar nas infra-

estruturas, não tendo espaços na composição urbanística para se especializarem em estilo *street*.

Concluindo, poderemos aceitar que o *skate* é produto da *Urbe* e é por isso mesmo um desporto urbano por excelência, na medida em que os praticantes necessitam das características arquitectónicas do mundo urbano para desenvolverem a sua prática. Neste sentido podemos considerar que a grande maioria dos praticantes residam em zonas suburbanas e grandes centros populacionais. Contudo, surge-nos uma dicotomia entre *skate urbano* e *skate rural*, que nos explica que apesar da *urbe* ser o nicho deste desporto ele não deixa de existir em zonas rurais. As diferenças entre estes dois conceitos prendem-se com o facto de que existem discrepâncias entre as possibilidades de especialização entre os praticantes das zonas rurais e os das zonas urbanas.

4.4.5. Perfis dos praticantes

Os perfis dos praticantes de *skate* têm na sua grande maioria uma semelhança. Os praticantes desta modalidade, desde muito cedo começam a praticar sendo que a sua idade média se situa nos 16 anos. Estes jovens são na sua grande maioria do sexo masculino, (90%) de fisionomia esguia, o que facilita a monobragem, normalmente oriundos de zonas urbanas e suburbanas, aonde se relacionam com uma série de outros jovens. Estes jovens poderão pertencer simultaneamente a outros grupos juvenis, da mesma forma que pertencem ao um particular grupo de *skaters*, e onde os diferentes estilos musicais exercem a sua influência. A música tem um papel fundamental em grande parte dos grupos juvenis e é usada como um meio para alcançar a liberdade de expressão. Em relação aos *skaters*, em particular, é perceptível que esta liberdade de expressão seja obtida também através da prática do desporto em si.

Os praticantes de *skate* são por norma indivíduos irreverentes, contestadores, revolucionários, que gostam de arriscar e de desafiar o perigo como forma de atingir auges de excitação e o constante bombear da adrenalina (Dysfunctional, 1996). Os jovens que procuram desafios são aqueles que adoptam a prática de desportos de risco como é considerado o *skate*. A própria capacidade de embarcar ou passar os desafios torna-se uma característica indissociável do *skater*, tida como importante no e pelo grupo. Aquele que não arrisca não vence, não se insere no grupo nem na prática, falhando o alcance patamares mais elevados de mestria. Nestas situações gera-se um progressivo desinteresse e consequente abandono da prática.

OS FILHOS DO BETÃO

O estilo próprio de cada praticante está também embutido de símbolos que permitem identificar a sua pertença à prática apesar deste poder não se coadunar completamente com a indumentária padrão. O esquema competitivo adoptado por estes jovens é sem dúvida uma das características que mais marcam os comportamentos dos praticantes, e que são responsáveis tanto por gerar e produzir novos praticantes como por os fazer evoluir progressivamente em consonância uns com os outros; dentro do perfil do *skater*. O espírito competitivo tem de estar sempre presente pois é ele que vai direccionar o interesse e a capacidade do atleta.

É de realçar que, existe ainda um perfil alternativo e menos numeroso dentro do meio do *skate*. O do indivíduo mais velho, que se dedica ocasionalmente à prática, porém já sem o mesmo vigor. É dentro deste grupo, que se encontram aqueles cuja actividade profissional é exercida em actividades periféricas á modalidade, tal como a organização e promoção de eventos, ou a comercialização de material. São muitas vezes estes os elementos responsáveis pela transmissão da identidade grupal e da História do grupo e da modalidade aos novos praticantes

Em suma, por norma o praticante de *skate* é um indivíduo que, tendencialmente, pertence ao sexo masculino, é jovem, de constituição esguia, vive em meio urbano e pertence à classe média-alta. É ainda habitual que possua um espírito irreverente e uma paixão pelo risco, sempre pronto a encetar novos desafios que lhe permitam aceder ao êxtase, aquele que não é arrisca não terá lugar no grupo.

4.5. Aspectos identitários

Nesta secção vai ser efectuada uma apresentação de todos os aspectos relevantes que constituem a construção de valores identitários de grupo, relativamente aos fenómenos de identidade, as suas dinâmicas de coesão e iniciação no grupo e todos os factores exteriores que definem estes indivíduos enquanto Grupo juvenil, segundo o conceito de Maffesoli (1998).

4.5.1. *Skaters* no seio dos Grupos Juvenis

Ao analisarmos o grupo de jovens que se dedicam à prática deste desporto encontramos uma série de características que parecem estar intimamente interligadas com a ideia de *tribo urbana* e de *grupos juvenis*, como uma das consequências dos impactos de mudanças sociais, fenómenos de urbanismo e modernização tecnológica.

Tal como anteriormente referido, os *skaters* são uma *tribo urbana* (Maffesoli) que se define pela prática de um desporto, pela adopção de comportamentos, linguagem, atitudes e padrões culturais próprios que se manifestam como características relevantes para a aceitação e entrada no grupo. As afinidades construídas (Maffesoli, 1998) são a peça fundamental para manter a união no grupo. Estas afinidades são construídas sobretudo através das redes de amizade e de vizinhança que surgem entre os praticantes desta modalidade. A ocupação do mesmo espaço físico de prática potencia estas relações. Neste caso, o que é afirmado é que as afinidades e essencialmente o grupo em si constroem-se em torno de um grupo de amigos que comungam do mesmo interesse pela prática do *skate*. A partir deste momento este grupo de indivíduos irá implementar o seu plano de construção identitária enquanto tribo, assimilando os comportamentos, atitudes e cultura padrão associada a este tipo de indivíduos praticantes desta modalidade.

4.5.2. Iniciação e Dinâmicas de Grupo

As dinâmicas adoptadas por este grupo são a base do entendimento entre os seus membros, actuando como coesão, reprodução e produção de cultura determinada pelo padrão cultural imposto pela cultura *skate*, bem como impondo regras implícitas de comportamento na utilização dos espaços entre os praticantes. O *processo de consciencialização* de grupo é um dos factores que mais determina e agiliza as dinâmicas, a iniciação e consequentemente a aceitação ou não de novos indivíduos no grupo.

Nas observações efectuadas nos vários *skateparques*, foi interessante denotar a organização da prática em si. O estilo e grau de mestria parecem atribuir respeito ao praticante e consequentemente a prioridade sobre outros praticantes na utilização dos obstáculos. Relativamente a este fenómeno, destaca-se uma das observações efectuadas no *skateparque* de Odivelas. Aquando esta observação estavam apenas quatro praticantes presentes e todos pareciam se conhecer, formando então um grupo de quatro *skaters* face ao qual, ao fim de um tempo, averigui que um dos elementos se destacava. Ora esse destaque era manifestado pela quantidade de vezes em que os outros elementos paravam a sua actividade para observar este elemento a *sacar* (*i.e.* efectuar manobras) os seus truques.

Um dos outros elementos era sem dúvida um *roockie*, ou seja, um novato que não tinha apurado ainda a sua habilidade em cima da prancha. Pode então compreender a estrutura do grupo e a sua motivação. Quanto melhor for o desempenho de um membro, maior é o seu estatuto dentro do grupo e consequentemente a sua posição na liderança do grupo. Pouco depois apareceu um 5º elemento, este parecia estar sozinho e não conhecer os outros, no entanto em escassos minutos as condições no *skateparque* sofreram uma alteração. Este 5º elemento era sem dúvida um praticante mais exímio. O seu estilo em cima da prancha, os truques que efectuava e a velocidade com que efectuava as suas manobras, demonstravam que este praticante era já um praticante com muita experiência. Nesta altura os primeiros quatro elementos pareciam estar agora retraídos e estupefactos a observar este 5º elemento. O 5º elemento tinha imposto o seu estatuto apenas pela forma como andava, pelos truques que efectuava e era notório que este detinha a prioridade sobre os espaços dentro do *skateparque*.

Este tipo de situação é exemplificativa do que sucedeu várias vezes noutros locais. O que me leva à conclusão de que existe entre os praticantes da modalidade *skate*, uma forma de comunicação não verbal assente na própria prática em si, e inclusivamente na *performance* do corpo enquanto força motriz deste exercício, intimamente ligada ao estilo, que tem como função a organização e atribuição de estatuto dentro do grupo. Seguindo esta lógica poderemos seguramente afirmar que quanto maior for a habilidade do praticante maior será o seu estatuto dentro do grupo.

O praticante ao chegar ao *skateparque* *saca* umas boas manobras e acaba por obter o respeito do grupo, neste caso os novatos ou *roockies*, designação do léxico *skater*, estão na base desta escala hierárquica. A construção de identidade do grupo passa pelo frequentar os espaços de maior relevância, *skateparques* ou não, visto que a *urbe* proporciona imensos obstáculos perfeitos para a prática do *skate*, como é o caso do largo da Praça da Figueira, onde

o degrau para a base da estátua é de uma altura ideal para treinar certo tipo de manobras. Retomando o termo proposto, o processo de socialização de grupo (Bucholtz, 2001) parece estar em grande parte assente nas dinâmicas de grupo e é um órgão metafísico de socialização e construção de identidade que parte do grupo para o indivíduo. Este permite a existência de um espaço de manobra para o iniciante definir a sua identidade individual em função do grupo, mantendo assim também a sua originalidade individual. Refere-se estritamente à noção de pertença ao grupo e à forma como ela se constitui agindo numa sensibilização que parte do grupo para o indivíduo. A adopção das práticas, atitudes, valores, comportamentos e formas de falar tal como a própria adopção de posturas performativas complementam este processo de socialização de grupo que vem arbitrar a aceitação ou não do indivíduo no grupo.

O domínio do léxico é também um factor determinante na construção de identidade; uma discussão entre *skaters* invariavelmente abordará questões sobre manobras, estas, cada uma delas com uma designação própria, a qual cada um dos praticantes terá de reconhecer, de outra forma dificilmente poderá perceber aquilo que se está a discutir. O *Street-wear* está geralmente ligado às marcas representantes, e é também uma referência na identidade da personagem *skater*, e, do diferente material necessário à prática. É no *skateparque* e na rua que se constrói a identidade do *skater*, é à medida que vai “batendo” o terreno circundante e se adaptando evolutivamente aos obstáculos do *skateparque* ou aos seus domínios concentrados dentro de um determinado espaço geográfico onde habita (subúrbios ou a grande cidade). O *skater* enquanto actor social, acaba por estar enclausurado nos espaços urbanos, visto a essência da sua actividade e inclusivamente a sua construção de identidade estarem localizadas num espaço geográfico urbano, um pouco como a sugestão de Goffman (1959).

A competição entre os grupos de praticantes é uma constante, sendo que esta mesma competição surge como um mecanismo que fomenta o desenvolvimento evolutivo individual dentro da actividade desportiva; onde há *skaters* há sempre competição, no entanto esta competição é qualificada como um mecanismo construtivo fundamental para o desenvolvimento dos *skills* do praticante, a competição entre conhecidos e desconhecidos promove e salvaguarda o grupo na sua generalidade e o nível de capacidades e difusão de novas tendências. Há uma interacção espontânea entre os indivíduos independentemente dos indivíduos se conhecerem ou não; a competição encabeça um esquema de sociabilidade entre um ajuntamento de *skaters* num espaço específico. Uma característica observada em vários locais e que apenas pertence a este grupo e o que se pode chamar de fenómeno colectivo, um

ritual de grupo que se manifesta no embater as pranchas repetidamente no chão quando um dos praticantes, dentro deste clima de competição (este fenómeno foi observado repetidas vezes na ultima etapa do *Circuito Nacional de Skate*), faz uma manobra brilhante, este tipo de situação costuma acontecer quando estão muitos elementos de elevado nível num *skateparque*, no entanto este tipo de ritual é mais frequente acontecer em campeonatos, e em demonstrações embora esta atitude seja adoptada por grupos mais pequenos.

Os indivíduos identificam-se com o grupo e apropriam-se das suas regras adoptando o léxico, a maneira de agir, o comportamento as atitudes, e os mesmos locais de encontro, integrando todas as características que o vão fazer sentir dentro do grupo, formando uma consciência de grupo. A adopção de regras de conduta e comportamento, como a competição, bem como aspectos exteriores tais como a indumentária, e a linguagem são todos variantes dos mecanismos que mantêm acesa a dinâmica de coesão social dentro do grupo. Não obstante, todas estas lógicas que determinam a aceitação, permitem ao membro do grupo, ainda que dentro da métrica cultural do grupo, manter a sua originalidade individual que se poderá repercutir num aspecto exterior diferente do padrão em uso pela cultura *skate*.

4.5.4. Indumentária

O indivíduo, quando se insere num determinado grupo, passa a agir de acordo com as informações e regulamentos passados pelo mesmo, possuindo então, o seu próprio léxico, estilo de roupa e os locais normalmente frequentados (Hebdige, 1996).

A indumentária utilizada por este grupo é de facto um dos seus principais elementos identificativos. O visual padrão do *skater* obedece a uma métrica de moda com influências profundamente urbanas sendo prevalentes as marcas de desporto, nomeadamente as direccionadas a desportos radicais. Podemos demarcar contudo três estilos de indumentária dentro do grupo, todos eles com particular influência de diversos estilos musicais.

- O estilo *graffiter* (estilo associado ao Graffiti) é um estilo mais personalizado, muitas das vezes o próprio praticante produz os seus acessórios e desenhos, preferindo ainda um tamanho de roupa um pouco mais justo. Sendo um grande adepto da *arte urbana*, o praticante anda sempre acompanhado de ferramentas artísticas como marcadores, cadernos de desenho e, claro, latas de tinta e outros apetrechos como a corrente (esta serve para prender a carteira do praticante às calças e encontra-se presente em todas as variantes).
- O estilo *Hip-Hop*, é um estilo que é profundamente influenciado pela cultura *street* e *rap* onde o *Hip-Hop* impera como escolha musical. O praticante prefere o visual tamanho XL

(*extra-large*), e por vezes sobrepõe *t-shirts* largas, sendo também caracterizado por calças igualmente largas. Encontramos também presente o *cap* (boné), a corrente e como não poderia deixar de ser toda a simbologia referente tanto a bandas como a marcas de *skate*.

- Os estilos mistos, por sua vez comungam de muitas das opções dos dois estilos anteriores, todavia neste tipo de praticantes podemos encontrar maior variedade de estilos, pois detém um campo mais alargado de influências tendo como base a cultura *punk* ou *heavy-metal*.

Já nas (poucas) praticantes do sexo feminino, e muitas vezes também nas amigas ou namoradas dos praticantes, há uma tendência que acaba por unir a sensibilidade feminina à paixão pela modalidade. Por norma há a utilização de blusas, cintos aos quadrados, calças de ganga largas e, tal como os praticantes do sexo masculino, a maneira de usar é com uma acentuação ligeiramente descaída pela cintura de forma a mostrar a roupa interior. Por vezes influenciado por cantoras *rock*, ou pelo movimento *Hip-Hop*, o estilo *skater* feminino é caracterizado também pelo uso de acessórios inspirados no cenário *punk* demonstrando uma certa rebeldia/ousadia devido ao uso de acessórios típicos masculinos como gravatas e pulseiras com picos.

A moda associada à cultura do *skate* apresentou-se desde princípio associada a outras tribos urbanas apesar de se ter redefinido e criado um estilo próprio que se demarcou inclusivamente por se ter implantado entre os demais jovens não associados à prática. Ao questionar o informante acerca da indumentária, este refere que a indumentária já se implantou em outros sectores da moda: “... e tu vais tipo a uma *bershka* ou uma *pull and bear* ou uma *zara* ... até te passas, é só cópias de ténis de *skate*.”. A moda apropriou-se do visual *skate* como cultura urbana tornando-a acessível a qualquer outro grupo, de modo que podemos encontrar uma série de jovens cujo perfil exterior pode ser confundido com o de um *skater* quando o indivíduo em questão efectivamente não o é.

4.5.5. Linguagem

Entre os praticantes de *skate* persiste uma cultura determinada pela imagem, atitude, comportamento e terminologias linguísticas que fundamentam a existência e identidade do grupo. O *Street wear*, dá-lhes uma imagem própria, termos como *Kickflip 360°* ou *Frontside grab 180°* e a própria pronúncia e maneira como falam mostra-nos a sua linguagem, Demonstram a sua atitude perante aqueles que consideram o *skate* um desporto de marginais através da máximas muitas vezs repetidas, e até apropriadas pelas marcas de roupa como, *Skate is not a crime* ou *Skate or die*.

OS FILHOS DO BETÃO

De seguida será apresentado um quadro onde serão apresentadas algumas das terminologias utilizadas pelos praticantes de *skate*. É de realçar que este não é um quadro terminológico exaustivo e que grande parte do léxico utilizado encontra-se relacionada com as designações das manobras (cujos pormenores não serão aqui explorados devido a limitações de espaço) infra-estruturas, e alguns neologismos (assinalados na quadro com asterísco*) derivados sobretudo da língua Inglesa.

Tabela1: Quadro de terminologias utilizadas na prática de *skate*

Termos	Significado
• Sacar	Efectuar uma manobra
• Pool	Piscina em forma curva
• Half-pipe	Rampa em forma de U
• Fun Box	Rampa de chão com 3 entradas
• Slidar* (slide)	Deslizar com a prancha num corrimão
• Curb	Muro ou ferro onde se pode “slidar”
• Spine	Dois Half-pipes seguidos “UU”
• Full-pipe	Tubo completo ou rampa em U sobreposto
• Aterrar	Acertar com a manobra
• Skater*	Aquele que anda de <i>skate</i>
• Skatar*	Andar de <i>skate</i>
• Coping	Tubo de ferro na zona superior das rampas
• Spot*\Place	Local ideal para praticar
• Truckers (trecos*)	Peça fundamental do <i>skate</i> , apoio das rodas
• Streetar* (Street)	Andar de <i>skate</i> pelos “spots” da cidade
• Goofy*	Praticante que utiliza o pé esquerdo na dianteira do <i>skate</i>
• Regular (o mesmo em inglês)	Praticante que utiliza o pé direito na dianteira do <i>skate</i>
• Frontside	Efectuar manobra fazendo a rotação de forma a termos a visão
• Backside	Efectuar manobra fazendo a rotação de costas sem visibilidade.
• Switch	Andar utilizando o pé contrário de esforço
• Reversed	Andar para trás
• Kingpin	Peça que liga os “trecos” à base
• Ollie (a base de todas as manobras) • Kickflip 360°/180° • Mctwist • Grab • Nose grab • Half-cab heelflip • In Word • Hard flip • Grind • Aerial • Ollie one foot • Nollie • Ollie nose bone • Reversed kickflip frontside • No comply	Manobras / truques

OS FILHOS DO BETÃO

Para além de todas as terminologias anteriormente apresentadas co-relacionadas com o material, manobras e obstáculos associados a prática do *skate*, os praticantes parecem ainda deixar transparecer uma outra forma de linguagem assente na própria prática e atitude performativa em si. É na própria prática que o *skater* define uma comunicação alternativa assente sobretudo na maneira em como o praticante utiliza o espaço e na sua performatividade física (Souriau, 1990), permitindo-lhe se sobrepor sobre os outros sem qualquer transtorno para ambas as partes. A linguagem corporal é responsável pela moderação e descongestionamento do trânsito em pista.

Existe uma organização dentro do grupo a nível de respeito regulado pela própria prática em si, que parece assumir e englobar duas vertentes de comunicação; uma não verbal assente na capacidade e habilidade do praticante, interligada à própria dialéctica performativa da prática; e uma outra, verbal que inclui diversas terminologias relativas às manobras, infra-estruturas, obstáculos, e material e equipamento bem como à maneira como os praticantes se dirigem entre si.

5. Discussão

Esta investigação teve como objectivo central determinar qual a contribuição da prática de *skate* para a construção de identidade em subculturas juvenis (Hebdige, 1996) em espaços urbanos. Para atingir esse objectivo foram colocadas algumas questões de partida, nomeadamente: 1) *O que é o skate?* 2) *Qual a história da modalidade skate em Portugal e no mundo?* 3) *Qual a relação entre a prática de skate e o espaço urbano?* 4) *Quem são os praticantes de skate?* 5) *Quais os aspectos identitários característicos dos praticantes de skate?*

As primeiras questões são acima de tudo questões de conceptualização do objecto e da história da modalidade. A partir da análise efectuada pode-se concluir que o *skateboarding* enquanto modalidade surgiu, conforme o conhecemos, na década 60 do século XX nos Estados Unidos, mais propriamente na Califórnia. A modalidade foi posteriormente sendo difundida para os quatro cantos do mundo como parte do movimento de globalização (Simões, 2001) de segunda parte do século XX. Os dados recolhidos indicam que a difusão do *skate* em contexto nacional inicia-se nos finais da década 70 do século XX, eventualmente, trazido de além-fronteiras por comunidade portuguesas residentes no estrangeiro. A expansão da modalidade em Portugal ocorre nas décadas seguintes e fica-se a dever, em grande parte ao surgimento, a partir de 1990 de grupos associativos ligados à prática, nomeadamente o *Radical Skate Clube*, organismo, ainda hoje responsável pela organização de eventos competitivos e angariação de fundos destinados essencialmente à construção de infra-estruturas e promoção da modalidade em Portugal.

A terceira questão colocava em destaque a relação entre a prática de *skate* e o espaço urbano. Os dados recolhidos permitem afirmar que a prática do *skate* é produto do contexto urbano, como Borden (2001) afirma. Este desporto é resultado de uma apropriação dos espaços urbanos e da utilização das suas características arquitectónicas. Este facto é por vezes fonte de conflito entre elementos do grupo, transeuntes e forças de autoridade. A cidade os seus passeios, recantos e arredores proporcionam ao *skate* o recreio necessário à constituição da sua identidade (Giddens 1997). Porém esta apropriação é percebida como indevida pela sociedade em geral, o que constitui simultaneamente um conflito de recursos, sobre o espaço em si, um conflito geracional (Pais, 1993) de jovens *versus* adultos e até um conflito de classes (Engels, 1972) quando os jovens sub-urbanos se deslocam a zonas residenciais nobres da cidade. A relação entre o grupo dos *skaters* com a sociedade é, assim, marcada por

uma dinâmica de alteridade (Velho, 1994) ou seja de auto-definição por oposição, existindo entre os dois um relacionamento dialéctico enquanto oposições primárias, que se reconhecem e distinguem.

A quarta questão colocada no seio desta investigação procurava definir um perfil dos *skaters* em Portugal. Concluiu-se que a maioria dos praticantes de *skate* em Portugal são indivíduos de sexo masculino, jovens, de constituição esguia, que vivem em meio urbano e de meios sócio-económicos favorecidos, tal como mencionado por informante chave¹⁴. Existe ainda um perfil alternativo e menos numeroso de indivíduos mais velhos, que se dedica ocasionalmente à prática, e cuja actividade profissional é exercida em actividades periféricas á modalidade, sendo estes os responsáveis pela transmissão da identidade grupal e da História do grupo e da modalidade aos novos praticantes.

A última questão colocada prendia-se com a identificação dos aspectos identitários característicos deste grupo. Concluiu-se que Os *skaters* são uma *tribo urbana* (Maffesoli, 1998) que se define pela prática de um desporto, pela adopção de comportamentos, linguagem, atitudes e padrões culturais próprios que se manifestam como características relevantes para a aceitação e entrada no grupo. A construção de identidade do grupo passa pelo frequentar os espaços de maior relevância, quanto maior for a habilidade do praticante maior será o seu estatuto dentro do grupo. O domínio do léxico é também um factor determinante na construção de identidade. A indumentária, nomeadamente o *street-wear*, geralmente ligado às marcas representantes, é também uma referência na identidade da personagem *skater*, assim como da posse do diferente material necessário à prática. É no *skateparque* e na rua que se constrói a identidade do *skater*, é à medida que se vai adaptando evolutivamente aos obstáculos do *skateparque* ou aos domínios dentro de um determinado espaço geográfico onde habita (subúrbios ou a grande cidade) que este vai se tornando uma verdadeiro *skater* e reconhecido por outro enquanto tal.

5.1. Implicações Teóricas

Partindo da questão geral que se impõe em termos de qual a contribuição da prática do *skate* para a formação identitária dos jovens que praticam essa modalidade, a interpretação dada por esta investigação mostra-nos que apesar da prática desportiva ser interiorizada como

¹⁴ O informante chave menciona o facto de os praticantes mais exímios serem praticantes oriundos de escalões sociais com possibilidades económicas mais elevadas; entrevista e história de vida podem ser consultadas em anexo B e C

elemento simbólico e de apropriação de identidade como forma de uma resistência à cultura hegemónica ela parece persistir, ainda dentro de uma lógica de alteridade (Velho, 1987), como mecanismo diferenciador dos demais grupos juvenis. Paralelamente a isto são também utilizados vários conceitos para definir as conclusões desta investigação que vão de encontro a temas propostos por teóricos das Culturas juvenis. Nesta temática os *skaters* são apresentados como uma *tribo urbana* em consonância com a lógica interpretada por Maffesoli (1998), que implica que estes grupos urbanos revelem sentimentos de pertença, conformidade de comportamentos, atitudes e valores, bem como laços de solidariedade e amizade.

Existem diferentes perspectivas e abordagens teóricas que se opõem dentro do tema das culturas juvenis. Numa abordagem mais lata e tal como Pais representa (1993), é feita uma ênfase a uma visão Homogénea da Juventude, apresentando-nos a Juventude como um conjunto social diversificado que pertence a uma dada fase de vida; numa visão mais intimista surge-nos a perspectiva Heterogénea da Juventude apresentamo-nos então a juventude como um conjunto social diversificado que se distingue por ser um conjunto diversificado de modos de vida englobados num esquema que se afasta progressivamente da ideia de uma dada fase de vida. Este trabalho comunga de ambas as visões pois considera correcta a expressão de qualquer uma destas, e faz uso desta mesma aproximação em simultâneo, posto que considera simultaneamente a Juventude como um conjunto social que se define por estar englobado numa dada fase de vida (Machado Pais, 1992) mas também por se manifestar numa multiplicidade de grupos juvenis, ou seja subgrupos ou sub-culturas, com as suas características específicas e diferenciadoras como Becker (1991) propõe. Os objectivos pretendidos por esta investigação vão de encontro a um entendimento que se revela enaltecendor na compreensão dos processos que se pretendem investigar. A Juventude surge-nos como uma multiplicidade de grupos que têm em comum uma dada fase de vida e diferentes formas de vida que se manifestam na existência e surgimento de diferentes grupos que se fazem representar por elementos pertencentes ao conjunto homogéneo de Juventude que enquanto diferentes entre si reafirmam a sua heterogeneidade.

Os *skaters* são realmente detentores de uma realidade própria, longe da instituição família que dita em condição normais os padrões da cultura hegemónica. Com o crescente fenómeno do urbanismo onde as zonas suburbanas são vetadas a uma utilização caracterizada por ser o dormitório da população activa no centro económico e comercial e onde os jovens passam e projectam a sua maioria de tempo disponível. Desenvolveu-se então uma necessidade de uma segunda «instituição» que pudesse preencher a lacuna das poucas horas

em família. Os grupos juvenis sediaram-se neste mesmo ambiente e foram consequentemente ganhando o seu território de socialização sobrepondo-se deste modo à família. Actualmente as *tribos urbanas* (Maffesoli, 1998) em que os jovens se englobam ditam regras que são fundamentais para a continuação e para a dialéctica social do grupo. Este ganho progressivo das culturas juvenis frente à instituição família como meio e instância de socialização não é nada mais nada menos que uma das *consequências da modernidade* tal como Giddens (1996) a refere.

Os *skaters* surgem-nos por este prisma como uma das culturas juvenis, enquanto *tribo urbana* (Maffesoli, 1998) que mantêm uma relação de conflituosidade com a sociedade; este grupo interage com a sociedade numa exclusão de partes, pois define-se segundo uma cultura que manifesta segundo um distanciamento à cultura hegemónica, pelo papel socializador que equaciona entre os constituintes, mas também por uma relação de exclusão por parte da sociedade como por uma auto-exclusão por parte do grupo e da actividade desportiva em si. Neste aspecto foi possível percepcionar uma fundamentação para a questão: Será então a sociedade, causadora da auto-segregação das culturas Juvenis, ou será este facto, apenas uma das consequências da modernidade?

Esta condição de auto-segregação das culturas juvenis parece seguramente estar também interligada em grande medida, e uma vez mais, à noção de alteridade (Velho, 1994), visto que esta exclusão imposta de ambas as partes funciona como um mecanismo diferenciador.

Os praticantes desta modalidade desportiva comungam então de uma cultura marcada pela aparência determinada por valores e comportamentos e estilizada por uma linguagem própria que é por sua vez uma referência comportamental (Durnati e Goodwin, 1992); ao verificar que esta é uma tendência que demarca as demais subculturas juvenis, depreende-se que a auto-seclusão nos seus próprios ambientes aufere também uma importância vital manifestada como que uma técnica de defesa e protecção do grupo, bem como dos espaços onde este habita e por sua vez a sociedade segmentando este mesmo mecanismo, como forma manifesta de controlo social e onde deveria existir uma mais e melhor intervenção no seio de grupos juvenis. O recurso às suas próprias práticas em detrimento de práticas aceites pela cultura hegemónica são também motivadoras de conflitos transversais que vêm opor a sociedade ao grupo e o grupo à sociedade, sendo a reacção do grupo associada à ideia existente na sociedade de *contra-cultura* (Becker, 1991). Cada cultura Juvenil constrói a sua cultura num acto de distanciamento à sociedade e consequentemente aos outros grupos juvenis em redor, esta situação manifesta-se em consonância com a necessidade de manter

uma identidade e cultura demarcada, enfim como métrica da vida social, símbolo da diferença, proposta por Gilberto Velho (1994).

No seio das Culturas Juvenis encontramos ainda a problemática do género (Mead, 2001) e das diferenciações de classes. Entre os praticantes de *skate* foi verificado que na sua grande maioria estes seriam de sexo masculino. As diferenças fisionómicas entre géneros seriam um factor condicionante no desempenho dos praticantes bem como imposições, tais como os papéis sociais ditavam a presença de praticantes de sexo feminino. Este desporto é também um desporto que une praticantes oriundos de vários quadrantes sociais. Nos grupos de *skaters* encontramos praticantes com pertenças a diferentes classes económicas. No entanto o esplendor da prática parece ser alcançado na sua maioria por praticantes de classes com mais poder económico. Esta situação prende-se com o facto do material de qualidade para esta actividade desportiva ter custos um pouco avultados dando assim mais possibilidades a praticantes com melhores condições económicas. Esta circunstância no entanto vem por sua vez fundamentar a competitividade e a dedicação dos praticantes na tentativa destes conseguirem apoios extra familiares, nomeadamente patrocínios. Para além de toda esta atitude competitiva surge em dissonância entre a maioria dos praticantes também uma atitude de entreajuda em que praticantes com apoios ou com melhores condições económicas apoiem materialmente praticantes com maiores dificuldades financeiras.

5.2. Implicações Práticas

Em termos aplicados este trabalho poderá contribuir para a intervenção em grupos juvenis, promoção da prática desportiva, atitudes saudáveis, disciplina e espírito de competitividade desportiva. Por outro lado os *insights* gerados por trabalho poderão ser aplicados para a gestão de espaços urbanos e planificação de espaços de lazer destinados a actividades desportivas. Por fim, pode-se também traduzir na manutenção otimizada de infra-estruturas e do património.

Relativamente a uma Intervenção com grupos juvenis, este trabalho vem contribuir com informação que realça a necessidade eminente em ambientes urbanos e suburbanos de trabalhar directamente com grupos juvenis. Numa sociedade urbana em que progressivamente os locais de residência se encontram num limbo, aonde os pais apenas pernoitam tendo muito pouco tempo para dedicarem aos filhos é importante redesenhar infra-estruturas que possam

circunscrever estes grupos juvenis de forma a mantê-los dentro de uma ética de funcionamento que possa ir de encontro com os objectivos propostos pela sociedade.

A promoção da prática desportiva promove o interesse dos jovens em actividades saudáveis. Incute noções de disciplina e organização em termos de normas de conduta social, direccionando-os a uma maturidade de cooperação. É de salientar que a prática desportiva e de lazer, tais como a prática de *skate*, contribui para uma ocupação saudável dos tempos livres. É também dentro da lógica de construção partilhada da identidade que as tensões sociais geradas em torno desta prática desportiva poderão ser contextualizadas e geridas dentro duma melhor compreensão dos interesses das diversas partes envolvidas. Seguindo esta linha, há que arquitectar toda uma gestão de espaços e planificação destes mesmos com vista a transformar estes espaços em locais de socialização bem como em locais aonde se possa promover a educação e a consciência social dos jovens.

5.3. Limitações

Ao ser efectuada uma investigação no âmbito das ciências sociais e sobretudo ao se pretender estudar um objecto específico e particular, o investigador vê-se confrontado com uma imensidão de factos, que este não poderá cobrir na sua plenitude. Adicionalmente, depara-se com informações que por razões éticas ou deontológicas se vê impedido de revelar. Neste sentido, o investigador encontra obstáculos que vêm impor limitações ao seu trabalho.

Será importante salientar que neste exercício de observação existe a condição de observador mas também observado; numa tentativa analítica em que o Antropólogo é simultaneamente o observador e em contraste, observado; este assume o papel de observador participante e acaba encurralado numa problemática metodológica (Geertz, 1988). Primeiro foi feita a tentativa de se conseguir gerir os dois papéis, o de observador enquanto Antropólogo e o de Observado enquanto *skater*; ora isto transforma-se num debate interior, de onde emergem questões de ordem ontológica e epistemológica. Como poderá o Antropólogo gerir os dois papéis sem cair no erro de utilizar as suas próprias convicções pré-construídas, ou mesmo, como é que este se poderá afastar do seu pretensiosismo na condição de observador enquanto observado e vice-versa, na influência de uma retórica final deste exercício de observação? Estas foram questões que se foram ocasionando durante este exercício, e pode-se afirmar que não foi tida a certeza de estas terem ficado completamente esclarecidas e resolvidas. Foi imensamente difícil não se colocar as ideias pré-concebidas do

OS FILHOS DO BETÃO

Antropólogo enquanto *skater* e do *skater* enquanto investigador neste relatório e de forma a contornar essa dificuldade o observador viu-se na obrigação de partir das suas próprias assumpções como forma de manifestar o seu íntimo conhecimento enquanto praticante há mais de 20 anos.

As limitações deste trabalho prendem-se desde já com questões metodológicas. Embora pretenda gerar um *insight* acerca da prática de *skate* a nível nacional, este trabalho, desenvolve a sua recolha de dados principalmente a nível da zona metropolitana de Lisboa. Este facto é especialmente relevante, quando pensamos que as observações realizadas incidiram apenas sobre praticantes de *skate*, em quatro espaços específicos da zona metropolitana de Lisboa. Porém é de realçar que, por um lado estes dados foram complementados com informação recolhida através de outras fontes, tais como a análise documental e que os relatos obtidos das entrevistas utilizadas, assim como o conhecimento do informante chave, reportam-se ao panorama da modalidade a nível nacional. Por outro lado, a escolha dos quatro locais de observação foram equacionadas tendo em conta indicações dos próprios praticantes, seguindo a informação de que estes seriam locais de referência no panorama desta actividade desportiva.

O recurso a somente um informante chave parece também ser uma limitação em termos da generalidade dos resultados obtidos, visto que se condiciona a um só discurso. Procurou-se contornar esta limitação, mediante múltiplas observações em que foram efectuadas diversas conversas com vários praticantes, tentando sempre ir-se de encontro às questões de interesse a que a investigação se propunha, efectuando-se deste modo uma triangulação entre os discursos dos vários praticantes e o discurso do informante chave.

Pode-se também questionar as conclusões efectuadas em termos de género devido, desde já ao próprio género do observador, do informante e dos entrevistados a partir dos quais foi recolhida a informação. A discrepância entre os géneros poderá ter resultado num enviesamento da informação reunida. Porém outras fontes (Datafolha, 2009) parecem corroborar os resultados obtidos.

A utilização em grande parte de dados qualitativos vem também colocar esta investigação na esfera de subjectividade. Embora a Antropologia seja uma forma de construção de conhecimento e exploração de sentidos em que objectividade e subjectividade coexistem (Geertz, 1988), procurou-se, sempre que possível evitar a excessiva subjectividade dos *insights* produzidos por esta investigação. Com esse fim, na intervenção em campo foi sempre efectuada uma tentativa de se prosseguir numa tipologia de observação baseada em

pontos comuns, de forma a manter uma recolha fidedigna e científica dos dados observados. À parte disto, foram, sempre que disponíveis, englobados alguns dados estatísticos contextualizar os fenómenos em estudo.

Apesar de este estudo apresentar algumas limitações, ele vem-se constituir numa boa fonte de informação acerca do grupo em questão particularmente devido à ausência de estudos anteriores com particular incidência sobre os praticantes de *skate* e as suas dinâmicas de construção de identidade enquanto grupo urbano em Portugal. Pode-se assim concluir que, as opções metodológicas seguidas obedeceram a critérios de eficiência de custos *versus* quantidade e qualidade da informação gerada, podendo um aprofundamento dos dados aqui reunidos ser realizado em futuras investigações neste domínio.

5.4. Conclusão

Este trabalho procurou contextualizar os processos de socialização e pertença, assim como as suas dinâmicas no seio dos grupos juvenis, contribuem para a definição da identidade do grupo e agem como mecanismo de aceitação ou não de novos membros. As culturas juvenis definem-se por terem uma indumentária, comportamentos, atitudes, valores e normas próprias. Estas características específicas surgem como forma de afirmação perante a sociedade e aos demais grupos juvenis.

Ao estudar estes fenómenos no seio do grupo de praticantes do *skate* em Portugal, este trabalho debruçou-se sobre um contexto não antes investigado a nível nacional. Procurando traçar uma perspectiva abrangente dos variados fenómenos de interesse próprios da dinâmica grupal. Esta investigação procura centrar-se na promoção da prática desportiva, na promoção de atitudes saudáveis, da disciplina e espírito de competitividade desportiva entre os jovens, salientando o facto de que mediante este tipo de intervenções melhor poderemos interagir com estes grupos.

6. Referências Bibliográficas

- Beal, B. (1995). Disqualifying the Official - an Exploration of Social Resistance through the Subculture of Skateboarding. *Sociology of Sport Journal*, 12(3), 252-267.
- Beaud, S.; Weber, F., (2003). *Guide De L'Enquête de Terrain* – Nouvelle édition – Paris: Edition La Découverte.
- Becker, H. S. (1991) *Outsiders: studies in the sociology of deviance.*, Free Press: Nova York
- Becker, H. S. (1994) *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Bellis, Mary, Ice Skates. (2009). Retirado a 7 de Junho de 2010 de:
<http://inventors.about.com/library/inventors/bliceskates.htm>
- Blass, L.M.; & Machado Pais, J. (2004). *Tribos urbanas: Produção artística e identidades*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Blog Skatecuriosidade (2009) Retirado em 17 de Julho de :
<http://www.skatecuriosidade.com/curiosidade-skatisticas/pioneiro-do-skate-no-mundo>
- Borden, I.(2001). *Skateboarding, space and the city: architecture and the body*. Oxford and New York: Berg.
- Britto, E. (2000). *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo.
- Brooke, M. (1999). *The Concrete Wave: The History of Skateboarding* Toronto: Warwick Publishing.
- Bucholtz, M.; (2002) Youth and Cultural Practice, *Annual Review of Anthropology*, Vol. 31: 525-552.
- Burgess, R. (1997). *A pesquisa no terreno. Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Chantelat, P.; Fodimbi, M. & Camy, J. (1996) *Sport de la Cité: Anthropologie de la jeunesse sportive*. Paris: L'Harmattan..
- Duranti, A., e Goodwin, (1992) *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dysfunctional, R. & Friedman, G; (1996) *Fuck You Heroes*. Los Angeles: Publications and Burning Flags.
- Engels, F. (1972) *The Origin of the Family, Property and the State*, International Publishers, New York .
- Fava, R. & Carapinha, M. (2000) *Discursos de poder : os Skinheads e os outros na Sociedade Portuguesa*. Lisboa : Tese de mestrado em Antropologia, ISCTE, 2000.
- Feixa, C.; Costa, C. & Pallarés, J. (2002) *Movimentos Juveniles en la Península Ibérica Graffitis, grifotas, okupas*. Barcelona: Editorial Ariel S.A.
- Feixa, C.; Saura, J. & Costa, C. (2002). *Movimentos Juveniles de la globalización a la antiglobalización*. Barcelona: Editorial Ariel S.A.
- Fitch, J. Age (pp. 17) in Robert G. Burgess (ed.) (1986) *Key Variables in Social Investigation*. London: Routledge, Keogon Paul.

OS FILHOS DO BETÃO

- Geertz, C. (1988) *Work and Lives. The Anthropologist as Author*. Califórnia: Stanford University Press.
- Giddens, A. (1996) *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora
- Giddens, A. (1997) *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editores
- Goffman, E. (1959), *The presentation of self in everyday life*. Garden City, NY: Doubleday.
- Hannerz, U. (1980). *Exploring the City: Inquiries toward an Urban Anthropology*. New York: University Press.
- Hebdige, D. (1996). *Subculture; the meaning of style*. Londres: Routledge.
- Instituto data folha (2009) Retirado em 5 de Junho de 2010 de:
http://espnbrasil.terra.com.br/skate/noticia/117834_DATAFOLHA+APONTA+38+MIL+HOES+DE+SKATISTAS+NO+BRASIL,
- Maffesoli, M. (1995). *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Maffesoli, M., (1998) *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades De Massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Magnani, J.& Bruna M. (2007). *Jovens na Metrópole - Etnografias de Circuitos De Lazer, Encontro e Sociabilidade* Editora Terceiro Nome.
- McLuhan, H.M. & Quentin, F. (1968). *War and Peace in the Global Village*. New York: Bantam Books
- Mead, G. H. (1993) *Espíritu, Persona y Sociedad México*: Paidós.
- Mead, M., (2001). *Sex and temperament: in three primitive societies*. New York: Harper Collins,
- Mendel, G. (1969). *La Crise des Générations*. Paris: Payot,
- Pais, J. (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pais, J. (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia, Problemas e práticas*, 46, 53-70.
- Pike, K L. (1971) *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. 2ª ed., La Haya: Jorge Zahar Editor
- Rapley, M. (2003) *Quality of Life Research: a critical introduction*. London: Routledge
- Roszac, T. (1970). *The Making of a Counter-Culture*. Londres: Faber.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do investigador. In L. Albarello *et al* (Ed.), *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva.
- Santos Silva A.; Madureira Pinto J. (1987) *Metodologia das Ciências Sociais*. Edições afrontamento: Lisboa
- Simões, J. (2001). Globalização e consumo. Reavaliando o conceito de audiência. O caso das (sub)culturas juvenis. In F. Cádima & J. Rosa (Eds.), *Revista de Comunicação e Linguagens*. 30, 77-106
- Skatecuriosidade (2010), retirado em 7 de Julho de 2010 de :
<http://www.skatecuriosidade.com/curiosidade-skatisticas/pioneiro-do-skate-no-mundo>
- Souriau, E. (1990) *Vocabulaire d'Esthétique*. Paris: PUF.

OS FILHOS DO BETÃO

- Thornton, S. (1996) *Club Cultures: Music, Media and Subcultural Capital*. Hanover. Wesleyan: University Press.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Santos Silva A & Madureira Pinto J (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (7ª ed., pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Velho, G. (1987). *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Velho, G. (1994) *Projecto e metamorfose : antropologia das sociedades complexas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Yiannakis, A.; Melnick, M. (2001) *Contemporary Issues on Sociology of Sport*. London: Human Kinectics Publishers.

7. Anexos

Anexo A: Entrevistas Cedidas pelo Informante Chave

Entrevistado 1: Filipe Cordeiro

Idade: 16 anos

Patrocínios: Supra, Krew, Foundation, Pig Wheels, Destructo e Tribal Urbano

Anos de prática: 4 anos skate

Estamos aqui ao pé da tua casa, num spot onde começaste a dar os primeiros passos no skate. Como é o skate entrou na tua vida?

F.C – Comecei a andar para aí no final de 2004, foi quando entrei para a escola de Miraflores, alguns amigos meus, o Mendonça, o André e o Militar, andavam de skate aqui na rua, eu comecei a andar com eles e depois surgiu o interesse e comecei a andar de skate.

Tive um gajo que me disse á pouco tempo que o pessoal do skate falava muito mal uns dos outros e que hoje em dia não via a união que existia há uns anos.

F.C – Para mim em Portugal existem muitas pessoas assim e essa mentalidade não pode existir no nosso meio e no dia-a-dia. Por exemplo eu dou muito valor ao pessoal do Algarve, eles têm o grupo deles, são unidos e aqui em Lisboa isso quase não se vê, cada um puxa para o seu lado. O pessoal devia de se unir mais e não falar mal uns dos outros, acho que o skate em Portugal tem um bocado de hipocrisia nesse aspecto.

Vamos mas é falar bem, quais são os aspectos mais positivos que vês no skate?

F.C – Os amigos, o Skate pode ser visto como um desporto individualista por não ser um desporto de equipa, mas é uma forma de estares com os teus amigos. É assim, eu comecei a andar de skate por causa dos meus amigos e se eu não tiver amigos a skatar, muito provavelmente iria deixar de andar de skate.

Quem são os teus amigos e companheiros de skatada?

F.C – Costumo andar com o Jodi, com o João Martins que foi agora para Bordéus, o P.G, o Militar, o Seca, Tu, o pessoal de Carnaxide, o pessoal que costuma estar no Quintal, o pessoal do Algarve, o Nuno Relógio, o J.P, o Viriato, o Serpente, o Rui Costa, são estes os meus bros.

Viagens de sonho ou locais que gostavas de visitar.

F.C – Gostava muito de ir aos Estados Unidos, mas é lixado porque tenho medo de andar de avião (risos), mas não é por causa disso que vou deixar de lá ir, um dia mais tarde quando tiver o meu dinheiro, vou umas semanitas para lá.

Querias ir para onde?

F.C – Eu gostava de conhecer a Califórnia, para ver como é que é aquilo, deve ser muito diferente de cá de Portugal.

Então e o que é que gostavas de fazer no futuro?

F.C – Curtia de ser Designer, estou a acabar o 12º ano e depois vou tentar entrar na universidade no Algarve.

É moço!!! (risos)

F.C – Epá estou um bocado farto aqui de Lisboa, sei lá, tenho aqui os meus amigos, mas lá é outro estilo de vida. Aqui é só stress, vou estudar uns aninhos para lá e depois logo se vê.

O último vídeo que viste foi o da Flip. O que achaste?

F.C – Um abuso total, mostra o nível do skate hoje em dia. O Bob Burnquist destrói a mega rampa, é claro que não é o meu estilo de skate mas ele dá tudo, é mesmo um patrão e o Geoff Rowley é aquela pausa que sempre foi, o boss.

Qual é na tua opinião a importância dos vídeos no skate em geral?

F.C – Para mim e acho que devia ser para todos, eu por exemplo não dou muita importância aos campeonatos, vou aos campeonatos mas mais para estar a skatar com o pessoal que não vejo há bué e curtir uma boa skatada. Na minha opinião o skate não é um desporto de competição, a ideia do skate para ganhar não me entra na cabeça, acho que filmar e tirar fotos é mais importante do que ganhar um campeonato.

Neste momento quem é que gostas mais de ver a andar de skate em Portugal e lá fora?

F.C – Em Portugal curto de ver o Nuno Relógio, aliás os Relógios, o J.P, o Tiago, o João Martins e o Belz. Lá Fora curto de ver o Chris Cole, Stefan Janoski, Sierra Fellers e o Geof Rowley.

O Belz é o 5-0 fakie master

Estou a ficar sem perguntas, espera já sei. Quando é que te atiras a este corrimão? (risos)

F.C – Epá, provavelmente nunca, 18 degraus é fraquinho (risos).

OS FILHOS DO BETÃO

P – Como é que a tua família encara o skate?

R – F.C – Eu vivo só com a minha mãe, ela desde o princípio sempre me apoiou, quando peço dinheiro para ir a um campeonato que seja longe se ela puder dá-me, dantes para comprar material também me ajudava quando podia, acho que sempre encarou bem o skate e ajudou-me e continua a ajudar-me muito.

Nestes quatro anos de certeza que já viveste algumas experiências que não vais esquecer. Diz-me um momento que o skate te trouxe e que nunca vais esquecer?

F.P – Deixa lá ver, é complicado, um momento que nunca me vou esquecer, olha por exemplo quando comecei a ser patrocinado no campeonato da Tribal Urbano. Mas para mim todos os dias em que tenho uma boa skatada com os meus amigos é um momento para não esquecer.

Quem é que está aí a começar a evoluir?

F.P – Do pessoal mais novo, para mim é o Allen que está uma ganda máquina de street, o Kiko (Francisco Perdigão) que tem uma skatada diferente do pessoal e está a evoluir muito, há mais pessoal, mas o pessoal agora no geral preocupa-se mais com os campeonatos, andar de skatepark é fixe mas o street dá muito mais pica, não troco nada por uma boa streetada.

Vídeos

F.P – Para mim é o vídeo da Zero Dying to live, foi o primeiro que eu vi e a parte do Chris Cole marcou-me mesmo, a partir daí ficou o meu skater preferido.

Som

F.P – Curto Black Sabbath, Eric Clapton, Ozzy, Joe Satrianni, som dos anos 80, também curto hip hop mas o meu som favorito é rock dos 80`s.

Comida

F.P – Só como porcaria (risos), a minha comida favorita é arroz de pato, ainda hoje comi ao almoço, depois massas, pizza, fastfood, cenas mesmo á gordinho para encher (risos).

Namoradas

F.P – Sei lá, uma miúda para namorar tem de ser mesmo bacana, ainda não encontrei nenhuma mas também ainda sou novo não tenho pressa. E hoje em dia, se ela não for mesmo bacana não vale a pena, elas hoje são todas umas putas. É como tu costumavas dizer na tua altura tinhas de dar coros de um mês, hoje em dia precisas de uma noite e tens tudo.

Quero agradecer em especial á minha mãe que sempre me apoiou e continua a apoiar, a todos os meus amigos, João Martins, Jodi, Militar, P.G, Seca, o pessoal com que comecei a andar, André Pereira, Mendonça, Kiko Perdigão, ao pessoal do Algarve, J.P, Viriato, Tiago Relógio, Nuno Relógio, Serpente, aos meus patrocinadores, Tribal Urbano, Supra, KR3W, Pig Wheels, Destructo, a ti que puxaste por mim, a todos os meus amigos que não andam de skate e Keep on Rolling.

Entrevistado 2: João Pinto

Idade: 18 anos

Patrocínios: Volcom, Vans, Tribal Urbano, Toy Machine

Anos de prática: 6 anos e meio de skate

Primeiro contacto com o skate?

Quando era puto tinha duas vizinhas que tinham um skate banheira daqueles com um sabonete atrás, com um volante em cima e tudo. Comecei logo a inventar naquilo parti logo o treco do skate, os trecos eram de plástico tas a ver lixei aquilo.

Que idade tinhas nessa altura?

Era puto, tinha aí uns 8 anos, vê-lá uma dessas vizinhas foi a minha primeira namorada e tudo

Foi a partir dessa altura que começaste a skatar?

Não aquilo foi só mesmo por brincadeira, quando parti aquilo arrumei logo o skate num canto e só uns anos mais tarde é que voltei a ver o pessoal a skatar lá na escola onde andava na Costa da Caparica. Tinha para aí uns doze anos e comecei a pedir ao pessoal que tinha skate para dar umas voltinhas, mas quase que nem me aguentava em pé.

Então é lembras-te do teu primeiro skate?

Foi por volta do Carnaval que comprei o meu primeiro skate, eu nessa altura andava na vela mesmo á betinho (risos) e ia ter uma regata em Vilamoura íamos no carro lá para baixo e eu pedi ao meu pai para me comprar um skate, o meu pai disse que sim na boa e que quando viéssemos do Algarve comprávamos o skate. Chegámos do Algarve e fomos logo á Bulldog uma loja na Costa, comprei logo uma tábua da Girl, uns independent, altas rodinhas eram da Planet Earth e a partir daí comecei a andar de skate lá na escola.

Mas só skatavas na escola ou andavas também noutros sítios?

Durante para aí um ano só andava na escola, depois conheci o Tomé e comecei a andar de skate lá na rua com

OS FILHOS DO BETÃO

ele e com os irmãos Cunha.

Nesta altura o bichinho já tinha entrado no sangue.

Yah, comecei a andar todos os dias, sempre com alta pica e depois um dia o Tomé apresentou-me o Gabi, e fomos tirar umas fotos, foi no dia em que dei aquele fs boardslide em Alvalade que apareceu na capa da Difere. Fiquei com alta pica, continuei a skatar com o Tomé e a ir mais vezes ao skateparque de Almada.

Epá eu quando dei o fs boardslide já pensava que era alguma coisa, mas quando conheci o Dressen e o pessoal em Almada comecei a abrir a pestana, eu não tinha bases nenhuma, jogávamos ao skate e eles davam-me alto gozo porque eu não conseguir dar um bs ollie no chão, queria dar tudo e depois não tinha bases que eram precisas.

E depois o que é que te aconteceu, durante uma ano andaste desaparecido, ninguém te via a skatar. O que se passou?

Eu era um puto na altura tinha dezasseis anos e conheci uma miúda com vinte anos, começámos a andar e a partir daí foram nove meses sempre com ela, dedicado a ela e deixei de estar com o pessoal, virei um bartolo. Desliguei-me por completo do skate, só para veres tive uma tábua nessa altura que me durou um ano, (risos) quando é que uma tábua me dura um ano.(risos)

No meio disso tudo, voltaste a skatar forte e feio.

Isto aconteceu quando houve o campeonato em Olhão, eu já não andava de skate há nove meses pá tinha combinado com o Marteleira, ia eu o Belz e o Marteleira, então combinámos ir ter com ele á costa, apanhamos o comboio e ficámos lá á espera do gajo tipo duas horas e tal á espera do Marteleira. Ganda seca mesmo bué de tempo ali a anhar os dois a jogar ao skate, chegou a um ponto que eu já estava naquela de bazar o que é que eu ia fazer para o campeonato já não andava há bué, e pensei vou mas é ter com ela.

Vê lá eu tive para cagar para o campeonato para ir ter com ela, foi uma cena que podia ter mudado a minha vida.

Yah, Se calhar não estavas agora aqui no bytemobile a ter esta conversa comigo e não tinhas dado o fs board hoje.

Yah meu, a vida às vezes parece que é feita de caminhos e eu estive ali com a escolha vou deixar de andar de skate e vou ter com a miúda ou vou ao campeonato, o Belz começou a falar comigo não puto anda lá connosco vais curtir bué com o pessoal e ele lá me convenceu, vou mas é para o campeonato. Cheguei ao campeonato e a primeira vez que vou a dropar uma rampa cai logo, chavalo mandei uma estoirá agora estou-me a lembrar bem, agarrei no skate e comecei a pensar olha para mim já quase nem ao pé sei dar, que vergonha. Isto foi no sábado, é claro que não passei às finais depois no domingo dei um fs feeble no corrimão e fiquei cheio da pica, nesse mesmo dia acabou o campeonato que era supostamente para ter ganho o Nuno Relógio mas pronto não ganhou foi roubado, quando cheguei a casa liguei-lhe logo e disse-lhe que não dava que tinha de me dedicar ao skate. Para tu veres eu curti bué dela mas acabei com tudo por causa do skate, o skate para mim é tudo, é um amigo.

Mas tu às vezes stressas de uma maneira que nem te digo nada, dizes que não vais skatar mais (risos) e cenas assim e depois chegas a um spot e bomba.

Yah Eu há dias que penso que nunca mais toco num skate mas no dia a seguir acordo e vou andar de skate já nem me lembro o que disse ou o que pensei no dia anterior. O skate é assim á dias que odeias e á outros em que tudo corre bem e dás as cenas e são os melhores dias da tua vida. Basta uma *skatada* correr bem para o teu dia correr bem, Para mim o skate tem muito a ver com o meu estado de espírito, se uma pessoa esta contente com o skate e com aquilo que faz é meio caminho andado para estares bem com tudo.

Agora voltando ao skate, tu ultimamente tens estado a diversificar mais nas manobras, já não és só corrimões. A que se deve essa mudança.

O Dressen fala bué comigo de skate, sempre me fez ver o que é que é o skate, e puxa por mim tipo vê isto vê aquilo, isto é bom skate , mesmo tendo gostos diferentes de skate. Por exemplo eu curto dos “sujos” e ele não.

Mas quem é que são os sujos?

Opa sei lá, é tipo os figuras, os putos punks com calcinha apertada, gorro, com esse estilo de vestir. Eu curto desse estilo de skate já o Dressen não curte outro estilo de skate, mas eu curto mais essa onda, não me importo de ver outros estilos mas por exemplo o forecast do Paul Rodriguez é um filme que o pessoal adora mas eu vou ser sincero nunca vi o filme todo, eu começo a ver o filme e começo-me a fartar , parece que não me dá pica, os gajos andam tanto mas não me dá pica.

Então qual é o filme que vês até ao fim e que te dá uma pica descomunal?

Um filme que me deu bué de pica foi o da Volcom o Lets Live, aquele filme fez-me ver o skate de outra maneira a dar mais importância ao pessoal, tipo a cena do Shane Cross faz pensar como é que um gajo como ele que de um dia para o outro desapareceu, pode acontecer contigo como a toda a gente é lixado. Tu vês aquilo o gajo andava bué , tinha estilo , era bué de completo e um skater tem de ser assim bué de completo.

Quem é que é um skater completo em Portugal?

Para mim só há mesmo uma pessoa que é assim completo e é o Ed, ah e o Rómulo, digo-te tenho pena de o Rómulo não ter feito do skate uma cena mesmo a sério, mas é lixado é como o meu professor diz ter casa e contas para pagar é outra coisa. Um gajo é puto ainda mora com os pais, mas quando vais morar sozinho é lixado

OS FILHOS DO BETÃO

ele agora tem a vida dele e tem que pagar as contas ao fim do mês.

E pagar as contas com o skate em Portugal é uma tarefa quase impossível.

Yah isto é muito giro mas é uma brincadeira, não dá guita para nada e lá fora tens que ser bom, só se safa quem é mesmo bom. Skate também é preciso ter um bocado sorte, nascer no sítio certo e aproveitar as fases de pica.

Neste momento qual é a fase onde te encontras?

A minha fase actual é estar com o pessoal do skate, andar de skate sempre que posso qualquer minuto que tenho livre é para andar de skate. De certa forma estou um bocado obcecado pela cena do skate, por um lado se calhar até é mau porque deixo de fazer outras coisas, tipo se calhar na escola podia ser muito melhor mas como um gajo é calão e preguiçoso. Mas eu só penso em skate estou nas aulas e penso no skate, estou a fazer alguma coisa e penso no skate. Muitas vezes estão a explicar-me cenas, e juro que isto é verdade, dou por mim e já estou a pensar no skate, a pensar no que é que vou dar num spot, é lixado.

Isso é algo característico de um skater, eu também pensava a toda a hora no skate e acho que todos nós temos essa “obsessão”. Como é caracterizas um skater?

À aquele pessoal que se preocupa bué com o futuro, trabalho, o pessoal do skate é tipo desenrasca, fazer uns trabalhinhos para ter uma guia para ir não sei para onde. O pessoal do skate é tipo FREAK de certa forma, tão-se a cagar querem é ir andar de skate, o pessoal que gosta mesmo do skate faz tudo pelo skate

Fogo tas cheio de ideias nessa cabeça, quando é que escreves um livro?

Eu curtia de escrever um livro, desde puto que não sou um gajo que curta ler, não sou muito culto e até deve haver pessoal que pensa que eu sou um grande borrego por não saber certas cenas básicas, mas eu vivo bué as coisas, observo bué o que me rodeia, vejo as coisas á minha maneira.

Curto bué de conhecer vários tipos de pessoas, ver como é a vida do pessoal e como vêm a vida, ainda esta semana estava lá em Almada a ver a chungaria toda á xapada e a pensar que a vida daqueles gajos é porrada, o sócio fez isto, bezanas, mas ele curtem estão ali a curtir como nós quando estamos a skatar. Cada um curte da sua maneira, não tenho de criticar mas sim de lidar com todo o tipo de pessoal, e aprender com a vida.

Eu já aprendi bué com a vida, fez-me crescer.

O que é que queres fazer no futuro?

Gosto de desenho, e se calhar daqui a uns anos é isso que vou fazer, quando era puto curtia bué de desenhar e deixei de desenhar para andar de skate. Hoje em dia já estou a apostar mais, estou outra vez a desenhar, comecei a ver que o skate era muito bonito mas também tenho de pensar no futuro, acabo o curso este ano e tenho de saber o que quero fazer.

Um conselho para o pessoal

Larguem mas é as namoradas, andem de skate, bebam, curtam, estamos na vida é para curtir. Temos de viver ao máximo cada minuto da nossa vida como se fosse o último.

Agradecimentos

O pessoal todo com quem eu skato, os meus pais, os meus irmãos, os meus amigos, os meus patrocinadores, Vans, Volcom, Tribal Urbano, Toy Machine, Foundation, Pig Wheels epá toda a gente.

Entrevistado 3 :João Allen

Idade: 17 anos

Patrocínios: Analog, Gravis, Feel Skateboards, Slide In e apoio Life Guilty

Então o que é que te aconteceu á bocado com o fs 50-50?

-Pus cera a mais no corrimão, fiquei com o corpo para trás e pronto caí de rabo.

Ficaste borrado (risos)?

- Sim fiquei um bocado, mas também se não tiveres medo das coisas e se for fácil depois quando dás a manobra não tem tanta piada.

É isso que te leva a gostar tanto de corrimões? Explica lá porque é que gostas tanto de corrimões.

- Epá não sei, mas dá uma grande pica, arriskas tudo e podes estar cheio de medo mas quando te atiras esse medo desaparece.

Bem mas não começaste logo a skatar corrimões de certeza, conta-me quais foram as tuas primeiras experiência com o skate?

-Os meus pais compraram-me um skate, o mosquito rápido, com um kingpin que raspava no chão. Eu ia para o parque Eduardo VII descer uma rampa que era quase a direito e descia aquilo de skate. Foi aí que aprendi a distinguir o lado direito do lado esquerdo.

Conta lá isso melhor.

-A descer essa rampa cai no alcatrão e fiz uma ferida enorme no joelho, a partir daí aprendi a distinguir o direito do esquerdo porque a ferida estava no lado direito (risos).

Nessa altura ainda estavas no jardim-escola

OS FILHOS DO BETÃO

- Não sei, mas era mesmo puto, depois deixei de skatar até os meus avós me oferecerem no natal um Califórnia Pro.

Há quanto tempo é que isso foi?

-Para aí uns sete anos, mas eu ainda não andava mesmo de skate, não dava ollies nem nada só mesmo no ano a seguir é que comecei a andar mais, a partir do meu sétimo ano aprendi a dar kickflips e a partir desse momento nunca mais parei.

Lembras-te de alguma coisa em especial que te influenciou ou te fez ganhar ainda mais vontade de andar.

-Por acaso o Belz influenciou-me muito, eu ia para a Praça da Figueira andar de skate e um dia vi-o a dar um 360 kickflip a descer e eu fiquei tipo 360 com kickflip isto não pode ser possível e depois ele deu de switch e eu fiquei mesmo muito pensativo não conseguia perceber como é que ele tinha dado aquilo. Espera lá agora que estou a pensar o que mais me despertou a curiosidade para o skate foi uma vez ao pé do ginásio e estava lá um gajo com um skate e mandou um ollie e a seguir mandou um kickflip e eu lembro-me de ter ficado a pensar como é que ele saltou e o skate foi atrás dos pés. A partir daí fiquei com aquela cena do skate, como é que ele rodou a tábua, como é que ele fez aquilo e essa situação despertou-me o interesse pelo skate.

Tem mais situações que te marcaram quando começaste.

-Nessa altura tive uns problemas na escola e fui suspenso, os meus pais castigaram-me e tiraram-me o skate durante ano e meio.

Esse é mesmo um castigo no sentido literal da palavra. Quer dizer então que paraste durante esse tempo todo de andar de skate?

- Mais ou menos, comecei a arranjar forma de ir andar de vez em quando, comprei dois skates e refundia o skate no armário e tinha que inventar desculpas para poder ir andar.

Nesse ano devo ter ido ao cinema umas cinquenta vezes. Eu desconfio que os meus pais sabiam (risos).

Depois os meus pais começaram a deixar-me ficar mais á vontade, de vez em quando levavam-me a Monsanto. Comecei a ir para lá andar e evolui bastante, acho que os skateparques para evoluir é o melhor.

Então quer dizer que perferes skateparques ao street?

-Não é bem isso, os skateparques é mais para aprender, é bom andar num skateparque tens tudo perfeito para andar de skate e treinar, mas é no street que eu me divirto mais.

Andar num spot que é muito difícil e consegues é o melhor que há, acho que o skate é mesmo isso, ultrapassar os obstáculos que encontras na rua.

Qual é a tua opinião sobre o nível do pessoal em Portugal?

- Acho que o nível está muito superior de quando eu comecei a andar, por exemplo se fores ver o “Cidade” notas uma grande diferença. Mesmo assim ainda tinhas lá toques abusados, o bs bluntslide do Ricardo no curb da Feira Popular era quase impossível de imaginar.

Quem é que para ti está com melhor nível em Portugal?

- O Ruben Rodrigues, o Ed, o Belz, o Ricardo, o João Pinto, o Gamito, acho que estes são os que estão a andar melhor.

Então e fora o nível de skate, o que achas do panorama nacional?

-Acho que as pessoas não se mexem muito para procurar novos spots, para ir streetar, acabam quase sempre por ir andar para os mesmos sítios, ou acabam em skateparques ou na praça por exemplo.

Em vez de irem a sítios novos, combinarem um dia e irem todos andar em novos spots. Tipo o corrimão do Areeiro, ouço muita gente dizer que estão para ir lá há muito tempo, epá então vão o corrimão está lá e é fácil de encontrar, mas quem diz o corrimão do Areeiro diz os outros spots.

Gostas mesmo do corrimão do Areeiro (risos)?

- Ainda no outro dia tinha que ir fazer exercício para ir a uma consulta, pensei não vou andar aí a correr quinze minutos feito doido, vou mas é andar para o corrimão que é lá ao pé do consultório (risos), mas depois começou a chover e não deu.

Nem imaginas a quantidade de gente que já me ligou a dizer que tinha passado lá ao pé e lá estavas tu a skatar sozinho (risos). O que é te leva a ir para lá andar sozinho?

- Epá é um bom corrimão para treinar e para uma pessoa habituar-se aos corrimões de street, se ninguém quer ir e eu estou farto de andar sempre nos mesmos sítios, olha vou para lá e é como se fosse para um skateparque andar num corrimão. Prefiro mil vezes isso do que ir sempre andar para a Praça da Figueira, eu já me habituei ao corrimão e dá para ir tentar toques diferentes, em vez dos boards, 50-50, crookeds, dá para começar a puxar combos (risos).

Olé, já estás nos combos (risos)

- Qual é o problema de ir andar para um corrimão de rua sozinho, andar só para andar, para me divertir, é a mentalidade do nosso país, o que faz falta em Portugal é o partido do Belz, P.A.S. Vota nele e vais ter uma mini rampa debaixo de todas as pontes e viadutos do país (risos).

Temos político, é isso que queres ser no futuro?

OS FILHOS DO BETÃO

- Não, quero seguir o curso de Engenharia Electrotécnica no Técnico e viver do skate em Portugal é quase impossível

O quê tu não queres ser pro? (risos)

-Não, não tenho nível para isso e não é assim tão fácil como as pessoas pensam. Imagina que me lesiono, mesmo sendo um profissional a receber bem, o que é que eu ia fazer, não tinha trabalho ia para as obras? Não quero isso para o meu futuro, não ando de skate para ser pró, ando para me divertir

Muito bem, então sabes bem o queres na vida.

- Acho sim, os patrocínios é para poupar dinheiro no material, porque a quantidade de pessoas que recebem dinheiro e conseguem viver dos patrocínios em Portugal contam-se pelos dedos de uma mão. Por isso não se iludam, divirtam-se a andar de skate e tirem um curso.

O skate como desporto olímpico. O que pensas sobre isso?

- Há duas vertentes, por um lado é bom para as marcas porque vai haver mais pessoas a ver e encararem o skate como uma coisa mais natural e menos marginal, mas por outro lado é um bocado como vender a alma ao diabo perder um pouco da essência do skate, que é um desporto que marca pela diferença e é isso que leva a maior parte de nós a começar a andar de skate. Mas vai ser bom para as marcas e o que é bom para as marcas é bom para os skaters, as condições vão melhorar, também há marcas que não olham apenas ao lucro e essas se calhar não querem que o skate se torne desporto olímpico, mas infelizmente nem todos estão interessados no skate em si mas apenas no lucro.

Achas que é isso que acontece em Portugal?

- Um bocado, mas também há muita gente que não está nisto apenas pelo lucro, por exemplo o Ricardo da Feel Skateboards, ele não se interessa pelo lucro, é claro que se tiver lucro é bom uma pessoa precisa de dinheiro, mas ele começou com a marca para ajudar skaters a evoluir, repara que a Feel não foi buscar os melhores mas sim aqueles que podiam vir a evoluir e que tinham menos condições e para fazer algo pelo skate em si.

Acho que quem tem marcas de skate em Portugal deve fazer pelos skaters o que eles fazem pela marca, as marcas existem por causa dos skaters e têm que os apoiar, são os skaters que estão a pagar a vida a essas pessoas.

Voltando ao que interessa, o que é te dá pica para ires skatar, vídeos, manobras?

-O team da Zero e da Fallen sempre com grandes abusos, o skate mais recente com coisas diferentes, banks, wallrides, é o que estou a curtir imenso. O novo vídeo da Alien Workshop, “Mindfield”, está muito completo tipo o Arto Saari com corrimões gigantes, kinks, double sets, mas também tens o Jake Johnson com os wallrides e um skate diferente, depois para acabar tens o Heath Kirchart com os abusos e aquele bs flip gigante.

Para além do skate e dos estudos o que é que fazes mais na vida?

- Também faço snowboard há já algum tempo e agora tenho um patrocínio da Slide in que é uma agência de viagens.

Não me digas que és um cromo do snowboard também.

-Não é bem assim, o ano passado fui numa snowtrip com a Slide In e eles organizaram um campeonato, como o nível não estava muito alto ganhei o campeonato e a Slide In começou-me a patrocinar. A partir desse momento Este ano já foi quatro vezes á neve e em princípio se correr bem vou mais umas vezes.

O que é que representa o snowboard para ti?

-O snowboard é parecido com o skate, é o mesmo tipo de cena, os snowboarders normalmente também andam de skate, tive a ver uns vídeos á pouco tempo e havia um gajo que a parte dele começava a skatar.e bons toques. Os snowboarders estão a começar a imitar a onda do skate ao nível de manobras, quer dizer sempre houve uma ligação mas agora vê coisas diferentes, eles estão a aplicar isso no snowboard, andar em sítios onde não se pensava andar, dão flips e hippie jumps.

O snowboard é um desporto brutal, aconselho a todos a experimentar, se és um skater vais curtir de certeza.

Também depois do Danny Way o snowboard tinha que dar uma volta, o skate está sempre metido ao barulho.

-Yah, o skate influencia tudo até a maneira do pessoal vestir, já vê pessoal no snowboard de calça apertada, e mesmo outros desportos como o surf ou o wakeboard.

E mais coisas que faças nos tempos livres.

-Sei lá, estou aí com o pessoal, estou a estudar (risos), ou então estou a skatar, a vida de um skater é assim, não há muito mais coisas para fazer, queres o quê, ir ao cinema (risos). Se não fazes outro desporto é mesmo assim ou é estar com os amigos ou é skatar e quando posso vou á neve.

O que é a amizade para ti?

-Isso é uma pergunta muita lixada, epá eu não sei o que é a amizade.

Isso é mesmo muito triste.

-É? Então vamos lá o que é que é a amizade para ti?

Olha-me este manel não vou responder por ti.

-Assim não vale se eu responder vai sair uma cena mesmo panuca ou assim. Acho que não consigo dizer o que é para mim a amizade é difícil exprimir isso por palavras.

OS FILHOS DO BETÃO

Então o que é o skate para ti?

- O que é o skate? O skate é um objecto, uma tábua, uns trecos, umas rodas (risos). Não, o skate é um estilo de vida, um modo de viver, convívio com os amigos, só skatar sozinho é meio triste, skate não é só um desporto em si, é o convívio, o ambiente, é tudo o que está associado e faz do skate o que ele, as festas, os barbecues, as jolas, o pessoal a skatar, o skate é isto tudo e mais, é um modo de viver.

Então e o que é o fim?

- Epá o fim são os agradecimentos (risos).

Agradecimentos

Quero agradecer á minha família, às marcas que me apoiam Analog, Gravis, Feel Skateboards, Slide In, Life Guilty, a todo o pessoal que skata comigo e me dá pica para ir skatar, ao pessoal que me influenciou quando comecei a andar de skate, á onsk8 por fazer alguma coisa pelo skate, ao skatebyte.com e agradecer ao gajo que inventou o skate.

Entrevistado 4: Nuno Araújo Ferreira Cardoso

Idade: 18

Patrocínios ou apoios: KATE SKATESHOP, Team Mundial haha

Anos de Skate: 6

-Sei que estás neste momento em Barcelona. O que é que estás a fazer em Barcelona?

Estou em Barcelona desde o início do ano, vim para cá estudar e andar de skate. Em Outubro em princípio volto para Portugal.

-O que estás a estudar?

Estou a fazer um curso de 1 ano de introdução ao Design (gráfico, produto e moda).

-O que é que pensas fazer no futuro a nível profissional?

Se queres mesmo que te diga, não faço ideia. Interesse-me por coisas a mais, ainda nem sei bem o que quero estudar quando acabar este curso. Hoje em dia temos opções a mais e isso às vezes vem complicar um bocado as coisas. Mas tento não me preocupar muito com isso: vamos andando e vamos vendo.

-Como é que te tens safado aí em Barcelona?

Quando cheguei foi um bocado complicado. Não conhecia ninguém, ia sempre skatar sozinho e pensava se tinha sido uma boa ideia ter vindo. Mas tudo isso é normal, saí do Porto durante uns tempos e isso fez-me dar muito mais valor aos amigos e à família. Só aprendemos a dar valor às coisas quando não as temos. Agora está tudo muito melhor, já vou conhecendo pessoal e tenho ido andar com o Belz. Acho que se não fosse ele ainda andava aí muito perdido!

-Quais são as maiores diferenças que sentiste entre Barcelona e o Porto?

Aqui há um sistema de transportes que realmente funciona! Para que é que alguém precisa de um carro nesta cidade? Nem me passa pela cabeça, só vejo problemas e nenhuma vantagem!

Outra grande diferença é que aqui não encontras uma pessoa conhecida a cada 3 minutos que andas pela rua, o que me leva a pensar ainda mais no Porto como uma aldeia. Em termos de Skate acho que nem vale a pena falar. A cidade é um skatepark gigante e a quantidade de gente a andar cá deve ser mais que em Portugal inteiro.

-O que é para ti o skate? O que te levou a pegar num skate?

Para mim o skate é uma coisa mesmo complicada de explicar. Envolve tanta coisa... Conheci a maior parte dos meus amigos através do skate e acho que se tivesse de resumir tudo o que significa para mim, diria que o skate é amizade e diversão.

-Vamos voltar ao início, como tudo começou. Quais são as tuas primeiras lembranças do skate?

Lembro-me de ter comprado um skate acho que para os meus anos quando era mesmo muito novo, devia ter uns 7 ou 8 anos. Já nem me lembro da razão por que quis um skate naquela altura. Como sempre, passado pouco tempo ficou meio arrumado e só voltei a pegar no skate quando tinha 12 anos. Dois amigos meus que andavam na minha turma começaram a levar o skate para a escola e eu fui atrás. Andámos sempre juntos durante uns anos, víamos sempre os vídeos todos e íamos a procura de spots. Depois disso eles foram deixando de andar, mas hoje em dia ainda são dos meus melhores amigos. Tenho que lhes agradecer, se não fossem eles não hoje em dia era uma pessoa completamente diferente. Gusti e Alex, obrigado)

-O que fazes para além do skate? Hobbies, outros interesses?

Para além do skate estou com a minha namorada, com os amigos, toco guitarra, adoro cozinhar, ir ao cinema e podia estar aqui até amanhã a enumerar mais interesses... Como já tinha dito antes, interesse-me por coisas a mais hehe

-Não sabia que curtias cozinhar. O que é que mais gostas de cozinhar? Tens alguma especialidade da casa?

OS FILHOS DO BETÃO

pa como sabes sou vegetariano, por isso ando por ando sempre por essa base. quando cozinho para os amigos é mais a base se massas no wok, adoro cozinhar com aquilo. se cozinhar para mim gosto de inventar um bocado mais, experimentar combinar as coisas de maneira diferente. ate costumo ter um bom feedback lol

-Como e porquê é que passaste a ser vegetariano?

A minha irmã mais velha já era vegetariana e sempre se interessou imenso por temas de saúde. Começou a mostrar-me documentários sobre a produção de carne, matadouros e isso chocou-me mesmo muito, fiquei a olhar para a carne doutra maneira. Acho que qualquer pessoa que veja algum documentário desses fica sensibilizada, tem que ficar.

A minha namorada também já era vegetariana e as coisas desenvolveram-se de uma maneira muito natural. Aos poucos comecei a informar-me mais e fui deixando de comer carne e peixe, agora mais recentemente leite, ovos, etc, tanto por razões éticas como de saúde. O que vem dos matadouros, todo aquele medo, acaba por passar para ti e hoje em dia não consigo passar por talhos sem ter de virar a cabeça. Sempre adorei animais e não consigo contribuir para que os continuem a tratar assim.

-Diz-me um documentário para o pessoal ficar mais sensibilizado?

Este é um documentario mt bom mesmo Eaerthlings - <http://www.youtube.com/watch?v=NghzqtqP50Y>

-O que é mais difícil, skate ou tocar guitarra?

Depende. Skate não é nada fácil, mas às vezes também me apetece atirar guitarras contra a parede. São ambos difíceis à sua maneira e exigem muito tempo e dedicação para chegares a um nível fixe. Acho que o único ponto em que o skate é mais complicado tem a ver com as lesões.

-Se tivesses que escolher entre o skate e a musica, o que é que escolhias?

Não escolhia haha ! Sei lá, é daquelas perguntas impossíveis de responder!! Até porque os videos de skate têm música, se escolhesse o skate a música ia continuar lá!

-Qual é o teu estilo musical preferido? Artista favorito? Álbum favorito?

Eu gosto de um bocado de tudo, menos punkalhada feia e gajos que cortam os pulsos. Desde rock mais antigo ao mais moderno, muito jazz, algum hip-hop e música electrónica. Neste momento estou numa fase John Mayer. O gajo é mesmo um grande guitarrista e compositor, é um animal!!!

-Pessoas que influenciaram o teu skate?

Toda a gente com quem skatava no início e o pessoal do Yeah Right, que foi um dos primeiros vídeos que vi.

-Porque é que não és um Thrasher como o Neto?

Pá ser trasher como o Neto é tramado... O gajo lá na Pool de Ermesinde agora.. Não há vida para ele ! É mesmo quem me puxa mais para ir aprender a andar em rampas.

-Skaters Favoritos? (Nacionais e internacionais)

Nacionais sem dúvida o Nuno Gaia, João Neto, Jorge Simões, Rúben Rodrigues e Ed. Internacionais são o Koston, Paul Rodriguez, Mike Mo, Sean Malto.. É difícil dizer só alguns. Agora aparece cada vez mais pessoal a andar mesmo bem ! Olha só o Cory Kennedy.. Há um ano ninguém o conhecia.

-Spots favoritos?

Camara de Matosinhos, Alfena, Póvoa, Stalin Square.

-Spots que gostavas de visitar?

Tantos... O problema é que não sei os nomes! Adorava ir aos Estados Unidos e à China.

- Se pudesses mudar algo no mundo actual, o que era? Porquê?

Mudava a mentalidade das pessoas. Toda a gente parece viver a pensar no futuro, a imaginar as casas que vão comprar, os carros que vão ter e o dinheiro que vão poder gastar. Não vivem minimamente o momento e não aproveitam o dia-a-dia como deviam. Comecei a aperceber-me disso há pouco tempo e faz-me mesmo confusão. No fundo, perdem a vida a viver a ilusão do futuro. Não é que planear seja mau, mas há que encontrar um equilíbrio.

-Gostas de Futebol?

Gosto de ver jogos importantes com o pessoal uma vez ou outra, mas de resto não me interessa minimamente.

-O que é que pensas sobre a rivalidade que parece existir entre o Porto e Lisboa? Achas que o futebol teve algo a ver com isso?

É capaz. não te sei responder muito bem. Sei que no futebol o pessoal mais extremista exagera e as cenas que acontecem por causa disso não fazem sentido nenhum. Agora quanto às rivalidades fora do futebol, acho que é mais uma brincadeira. Acho que não conheço ninguém que leve isso a peito.

-Na tua opinião como é que está o skate português? (nível, oportunidades, condições, etc)

Acho que o pessoal anda a evoluir e estão a aparecer bons projectos como a Surge, está tudo a começar a andar no caminho certo. A nível de condições acho que ainda está muito mauzinho, vive-se muito dos apoios, que no fundo é fingir que se ajuda... Se se investisse mais nas condições do pessoal acho que o nível subia bem mais rápido. Se não tens dinheiro nem tens quem te dê tábuas, és capaz de pensar 2 vezes antes de te mandares a um ganda gap.

-Parte de vídeo que mais te marcou? Porquê?

OS FILHOS DO BETÃO

Acho que a do Mike Mo no Fully Flared. Identifico-me mesmo com o estilo de skate dele, curbs e escadas. Dá-me imensa pica para skatar e não me farto muito daquilo, mas agora quero ver se começo a andar em spots mais alternativos também. Acho que não nos podemos reduzir a 2 tipos de spot.

-Agradecimentos:

Tenho de agradecer ao Gaia por tudo o que tem feito por mim, a toda a gente com quem costumo skatar, aos meus amigos, à minha namorada e à minha família que me apoia imenso!!!!

Entrevistado 5: Francisco Perdigão “Kiko”

Idade: 18 anos

Patrocínios: DVS, Matix, Creme e Plaza Rocks Skateshop

Tempo de prática: 6 anos de Skate

SB- O que é que te levou a andar de skate?

FP- Há mais ou menos 6 anos o meu irmão já andava de skate, e eu com não fazia nada da vida e sempre gostei de ver o meu irmão, ele arranjou-e um skate e comecei a andar de skate.

Comecei a vir para o largo, o meu irmão apresentou-me ao pessoal, gostei mesmo disto e continuei sempre a andar de skate, é graças ao meu irmão que eu ando de skate hoje.

SB- Como é que se chama o teu irmão?

FP- David Perdigão.

SB- Nestes seis anos fora o grande incentivo do teu irmão, quais foram as pessoas que te marcaram e ajudaram a continuar ligado ao skate?

FP- As maiores ajudas que tive para além do meu irmão foram o Bruno Vinagre “BOB” e o Vítor Dimas, eles sempre me ajudaram, quando não tinha dinheiro para tábuas eles davam-me as tá buas dele, rodas, trecos e sempre que eu tinha uma má nota na escola eles apertavam comigo e diziam-me que tinha que ter boas notas para andar de skate. Além deles foram o Choi, o Torreli, o Paris e mais pessoal que já não anda de Skate.

SB- O skate está a entrar num ciclo de mudanças, há quem queira o skate como desporto olímpico com seleções nacionais, a indústria cresce cada vez mais, os milhões são cada vez mais. Na tua opinião o que é que pode vir a melhorar e ajudar o skate no futuro?

FP- Sinceramente acho que o skate está bastante melhor do que na altura do meu irmão, há uns seis ou sete anos atrás, o material está mais barato e há mais sítios para andar. Mas acho que os skateparques têm que melhorar, são quase sempre iguais, com rampas e corrimões a descer iguais, acho que têm que começar a fazer mais coisas de street que é o que interessa, construam praças.

O lado dos representantes em Portugal acho que está um bocado mau devido aos monopólios que se criaram. Um representante na minha opinião devia ter menos marcas para conseguir trabalhá-las melhor, assim os patrocínios para os skaters iam de certeza melhorar.

Em Portugal há pessoal a andar muito e mesmo assim não têm patrocínios nenhuns.

SB- Quem é que está a andar muito?

FP- Há pessoal no Porto que está a andar muito, por exemplo o Nuno Cardoso está a andar mesmo muito, outro exemplo de um gajo que anda muito e ninguém o conhece ´o Hugo da Praça da Figueira.

Há pessoal que não aparece em lado nenhum, nas revistas, aqui no Skatebyte.com e depois vais a ver e andam mesmo muito, até faz confusão como é que eles não têm apoios. Há pessoal a andar mais que muitos gajos com patrocínio, como eu por exemplo, dou-me ao luxo de ter aquilo que tenho.

SB – O que é um campeonato para ti?

FP – Nada de especial, eu sinceramente não gosto muito de campeonatos, sempre que vou a um campeonato só dá para andar a sério no máximo meia hora, pago um balúrdio e ando pouco, só vou mesmo para estar com o pessoal, mas não significa nada para mim. Gosto mesmo é de street e os campeonatos é outra coisa á parte.

SB- Estamos neste momento a olhar para o Largo de Jesus, o que é que o Largo significa para ti?

FP- O largo para mim é mesmo a minha segunda casa, sempre andei no largo, o que ando de skate hoje em dia é por causa do largo, foi ele que quase me ensinou a andar de skate e se construírem um skateparque em Setúbal não vai ser a mesma coisa do que o Largo de Jesus, não há nada que substitua este spot.

SB –O que é que fazias se o Largo de Jesus desaparecesse?

FP – Eu não sei, é uma pergunta mesmo muito difícil, não sei o que é que fazia na altura.

Se este spot desaparecesse acho que eu queria desaparecer também de Setúbal, tinha que arranjar outro sitio para andar porque fora o Largo em Setúbal não quase nada para skatar. Se o Largo desaparecesse o meu skate ia ficar muito diferente, de certeza que não ia haver nenhum sítio que substituísse o Largo, não sei mesmo o que iria fazer.

SB – Quais foram os maiores abusos que viste aqui no Largo?

FP – A manobra que mais me impressionou foi a do Belz, Bluntslide a sair de fakie flip, não via a manobra ao vivo mas quando vi no Skatebyte.com fiquei mesmo parvo a olhar para o ecrã. Outra foi o flip para o incline

OS FILHOS DO BETÃO

maior do Rómulo, o Jerry Hsu que deu nollie front foot flip á primeira no incline maior, o ollie do Caswell Berry no gap que ficou baptizado com o nome dele, e depois os espanhois da DC houve um deles que deu o ollie por cima da grade cá para baixo.

SB- Estivemos há duas semanas num tour com muita maluqueira e sei que foi a tua primeira vez num tour. O que é que achas-te dessa experiência?

FP- Gostei mesmo muito, tive sempre pica e aquela parte de andarmos a encontrar spots todos juntos foram bons momentos. Estar num sítio novo, todos juntos numa casa, aqueles quatro dias a andar com aquele pessoal deu-me muita pica para andar de skate.

SB – Neste tempo todo quais foram os skaters portugueses que mais te marcaram, que te deram mais vontade para andar de skate?

FP – No aspecto de dar vontade foi o Pedro CARREIRA, ando muitas vezes com ele aqui no largo, dá-me sempre muita motivação para andar e é um nome que está na lista de certeza. O Belz, que é o skater português que mais gosto de ver andar, sempre gostei do estilo dele e é um grande bacano. O Filipe Cordeiro, sempre me ajudou, sempre me apoiou, o pessoal de Lisboa, o João Martins, a malta de Olhão, os Relógios.

Depois há outros skaters mas que não conheço, por exemplo o Bernardo Osório sempre gostei de o ver andar de skate, para mim tem um estilo quase perfeito e é completo, o Ed, o Ruben Rodrigues, o Gamito.

SB – Skaters Internacionais?

FP – O skate que eu gosto mais de ver andar de skate é o Sean Malto, um gajo que ainda não é muito conhecido mas anda mesmo muito o Evan Smith, Mark Appleyard, Andrew Brophy tem um pop gigante, o Torey Pudwill, o Lucas Puig um grande skater, e o Luan de Oliveira que é uma máquina.

E outro gajo que me impressionou bué no MindField foi o Jake Johnson, tem um estilo perfeito, tem uma imaginação perfeita, curti mesmo muito fiquei parvo.

SB – Vídeos para ver antes de uma skatada?

FP – Além do MindField gosto do And Now da Transworld, tem o Sean Malto e outros skaters que gosto como o Kenny Hoyle, Nick Trapasso, este filme dá-me sempre pica para andar. Curto também do Fully Flared, alguns vídeos mais antigos que o pessoal parece que não dá muita importância, gosto do Vídeo Days da Blind, do Photosyntese, e depois os OnVideo e o In Bloom, este filme deu-me muita pica para skatar.

SB – Qual é o peso do skate na tua vida?

FP - Neste momento se eu não andasse de skate não sabia mesmo o que ia fazer, não sei se ia ser um cromo dos computadores, ou daqueles cromos do engate, o skate é o meu estilo de vida é o que eu faço, quando acabo uma coisa qualquer penso em andar de skate.

É o que eu faço sempre, vou andar com os meus amigos e isso é o mais importante para mim.

Agradecimentos

Agradeço mesmo muito ao meu irmão, sempre me apoiou e está sempre disponível para ajudar, quero agradecer aos meus pais, á minha família, aos meus amigos, ao Filipe Cordeiro, ao Choi, ao Bob, ao Vítor, a todos os meus amigos, ao João Mesquita da DVS e Matix, ao João Rocha de Creme, e a todos os skaters.

Entrevistado 5: João Martins

Idade: 21 anos

Apoios: Joca Praça da Figueira

Anos de skate: 8 anos

Bytas-Vamos lá começar isto com uma pergunta cliché, o que é que te levou a andar de skate?

Jony- Foi o meu irmão e também por causa do primeiro jogo do Tony Hawk, o meu irmão nessa altura já andava tipo com o Belz, com o Bio, com o pessoal de Algés Linda –a-Velha, por acaso até vinham skatar aqui para o quintal onde estamos agora, só que eu não podia vir e sempre que podia roubava a tábua ao meu irmão e ia skatar para a rua.

Depois um amigo da minha rua que tinha mais dinheiro que eu comprou uma tábua e comecei a skatar com ele lá na rua, por acaso ele já não skata e já não se interessa.

Para ti quais são as razões que levam uma pessoa a esquecer e perder o interesse no skate?

Pelo menos no meu caso, esses meus amigos até continuam a skatar não é de uma forma tão intensa, por exemplo o meu irmão seguiu os estudos cagou um bocado para o skate apesar de ele ainda ter aquele amor pelo skate, o Flávio que era um gajo que andava bué na altura depois foi para França e nos primeiros tempos continuou a andar muito só que depois a life bateu á porta, é mesmo assim temos de começar a trabalhar, o resto do pessoal foi mesmo o trabalho mas mesmo assim foram poucos os que deixaram mesmo quase todos continuam a skatar ocasionalmente.

E o que fazes actualmente, estudas, trabalhas?

Estudo, skato, estou com a minha namorada.

O que é que estás a estudar?

OS FILHOS DO BETÃO

Estou em Arquitectura, Planeamento Urbano e Territorial, para ver se eu mudo aí os spots e tiro a calçada a esta merda toda, já ando a incentivar o pessoal da minha turma para acabarem com a calçada e a por na cabeça de uns que o skate é fixe.

De há oito anos até agora o que achas que mudou no skate, quais são para ti as coisas que te marcam mais a nível de mudanças?

Epá é a atitude do pessoal, temos mais sítios para andar, há mais pessoal para andar, mais condições, mas a atitude do pessoal não é tão propícia para um gajo simplesmente skatar.

Dantes um gajo saía de casa não importava nada, só queríamos ir skatar com os nossos amigos, agora é mais uma atitude de posar e é feio dizer isto mas é aquilo que sinto, é claro que não é toda a gente. É fixe ter aquela pausa mas não é isso que interessa, dantes não havia nada o pessoal skatava com aquilo que tinha e o que podia, um gajo tinha guito era para uma tábua e não para roupa de skate isso era mesmo a ultima coisa em que pensávamos.

Parece que o feeling já não é o mesmo, eu sinto muita falta de estar com o pessoal com que comecei a andar, por exemplo hoje no best trick aquele pessoal da praça bué de unidos, esses eu vejo que é uma cena para mim mais a sério, quando eu digo a sério é em termos de espírito de skate.

Já há alguns anos que tenho skatado contigo, tu cada dia que passa parece que estás com mais pica. O que é te fez ou faz ganhar mais pica?

Eu sempre procurei andar de skate, e quando ia skatar sozinho comecei a encontrar e a conhecer pessoal, depois conheci o Ruben e o Dantas. Eu tipo era um zero á esquerda e skatar com eles era para mim uma cena brutal, apesar de ter passado aquela fase do anhanço, á sempre aquelas alturas quando estás a skatar com pessoal que anda bué ficas mais acanhado e paras mais para ver do que skatas, mas cresci e agora tenho 21 anos e fez-me ver que eu o que quero mesmo é andar de skate. Outra coisa bué importante foi tentar ganhar as bases, para conseguir puxar mais por mim, eu podia estar num spot e não dava nada e não ia dar nunca porque não tinha as bases.

O que procuras para a tua vida no futuro?

Quero mesmo acabar os estudos porque estou numa área que realmente gosto, depois quero aproveitar aquilo que estou a aprender para tentar também ajudar o skate, tanto a nível de spots como de influência nas mentalidades.

Quero continuar a andar de skate, foi uma coisa que mudou a minha vida, organizar o meu dia a dia para tentar conciliar isto tudo, estudo, skate e estar com a namorada.

Mas primeiro mesmo a sério são os estudos, porque sinceramente o skate não me vai levar a lado nenhum. É uma coisa que gosto de fazer, é aquele amor, no fundo quero mesmo conciliar as duas coisas e é claro estar com a minha namorada.

Como é que se chama a tua namorada?

Ana

Como é que a Ana vê o Skate?

Ela curte bué, eu tive ganda sorte, é sempre a primeira pessoa a saber o que me aconteceu, apoia-me e acima de tudo percebe que isto é uma coisa que eu gosto de fazer .

E a nível familiar como é que?

Epá o meu pai não gostava, mas agora já vai ver um ou outro campeonato, curte bué goza comigo tipo em que lugar é que ficaste, pois és um coxo cenas assim., mas já aceita por percebeu que é uma coisa que eu realmente gosto. A minha mãe gosta bué, mas por eu ás vezes não estudar pensa que eu estou a meter o skate á frente do estudo, mas é normal são nossos pais e só querem o nosso bem.

Uma pergunta básica, quem foram as pessoas que mais te influenciaram a nível de skate?

O Ruben uma máquina, em termos de bases e de manobras de chão o Miguel Couceiro MPC curto mesmo bué de skatar com aquele gajo, em termos de abusos e que me fizeram ver que se fazia coisas grandes em Portugal o João Pinto, o Ed, o Belz também foi alta influência.

E é claro o pessoal com que comecei a andar, o meu irmão, aquela união que existia.

Pelos nomes que estás a dizer é tudo pessoal que são teus amigos, dá para ver logo que dás valor á amizade.

Dou mesmo muito valor, a amizade é para mim algo que é muito importante, hoje em dia o que ando a ver é que se fala bué mal nas costas e isso para mim é impossível, aquilo que um gajo tem a dizer diz, é isso que uma amizade é, se eu acho que um amigo está a fazer alguma coisa mal eu vou dizer-lhe, não é ir dizer ao outro nas costas de um amigo e depois o outro já vai inventar mais um bocadinho, depois isso vai gerar problemas e é assim que as amizades acabam, é bué parvo mas é a realidade.

Para mim a amizade é mesmo muito importante, eu curto skatar com pessoal com que me sinto bem, se calhar penso assim porque quando comecei a andar foi com os meus melhores amigos. Por exemplo tu com o site tens de ir fotografar, és fotógrafo mas lá está também és skater e como eu adoro skatar tu também adoras skatar, e é com aquelas pessoas que mais gostas estar que vais skatar de certeza.

Um spot que sempre quiseste conhecer e que ainda não conseguiste

OS FILHOS DO BETÃO

Aquele spot em Nova Iorque debaixo da ponte, os Brooklyn Banks, Barcelona, mas já estive lá.

Então e qual foi a tua impressão de Barcelona?

O spots são perfeitos, mas o pessoal parece uma beca poser, se calhar a atitude que algumas pessoas demonstram não é de propósito mas foi a impressão com que fiquei.

Epá estou a ficar sem perguntas, olha faz-me tu uma pergunta.

Vai ser uma pergunta bué geral, mas o que é que tu achas do skate português neste preciso momento?

Na minha opinião o skate português está na corda bamba, muito devido ao que falámos á bocado a mentalidade, muita gente não tem noção mas o skate em Portugal é muito pequeno e se não for a união de todos nós os skaters, isto não vai para a frente e quando passar a moda isto vai quebrar e o skate vai perder muita força como já aconteceu há uns bons anos. Neste momento falta mais união entre todos nós, temos de trabalhar todos para o mesmo com um objectivo comum.

Isso foi uma cena que eu notei bué quando deixei de andar de skate com os meus amigos, não era bem a mesma coisa, aquele feeling de estar com o pessoal amigo a fazer merda. Parece que houve um grande distanciamento e que eu hoje em dia noto mais nos putos, foi isso que tu disseste tens razão quando dizes isso.

O que achas do lema quero ter um patrocínio?

Olha vou ser sincero houve aí uma altura que queria ter patrocínio e quando tive um não senti nada de diferente, é verdade que dá bué de jeito ter material para skatar, mas não é o mais importante.

Então o que é mais importante para ti?

O mais importante é skatar todos os dias com as pessoas com quem me sinto bem, aprender toques novos curto bué, dar um toque num spot e sentir-me bem com isso.

Toma lá o gravador e acaba com esta conversa

Antes de mais gostava que o pessoal pensasse mais no porquê de terem começado a andar de skate, naquilo que os leva neste momento a andar de skate, andem de skate por gosto e pensem bem no que o skate é realmente para vocês.

Agradecimentos

Quero agradecer á minha família por sempre me terem dado dinheiro, quando podiam dar, para comprar os skates, ao pessoal com quem comecei a andar de skate, ao meu irmão, ao Stuart, ao Rui, ao Flávio, ao André, ao Sérgio, ao pessoal de Carnaxide, de Linda-a-Velha, de Lisboa, ao Gonçalo, epá não vou dizer mais nomes eles sabem quem são, a ti que sempre puxaste por mim curto bué de skatar contigo, á Ana, ao Joca, de certeza que me vou esquecer de alguém.

Anexo B: Entrevista ao Informante

Entrevista dia 13/07/2010 – skateparque ski skate amadora – alfragide

Nome – Vasco Manuel Neves

Idade – 32 anos

Há quantos anos é que andas de skate?

Acho que já são 22 anos.

Porque que começaste a andar de skate ? porquê o skate, como é que começaste a andar de skate?

Pá o skate..... por acaso um amigo meu.. o ricardo Tinha um skate e pronto começamos a brincar com o skate e a partir daí foi uma sensação que nunca mais esqueci e Não sei...!! O skate a mim transmitiu-me desde o princípio uma sensação de liberdade ... de poder fazer o que eu quisesse em cima do skate , foi isso que me atraiu...

E consideras-te um skater?

Claro.. claro... até porque...

Mas consideras-te dentro do grupo?

Do grupo..... é assim, hoje em dia as coisas já não são como antigamente porque antigamente .. tu eras skater... e .. eras skater ... pertencias a um grupo grande! Hoje em dia o meio do skate tá dividido em vários grupos já as coisas cresceram muito.. é diferente. Mas sim... considero-me...tou... faço parte de vários grupos ... porque ando sempre com eles também... sempre a acompanhar a massa.

Portanto .. consideras que o skate conjuga um grupo em torno de deste desporto!?

Claro ... claro ... sim .. sim.. !

E o que é que axas do skate em relação aos outros desportos?

O skate .. em relação aos outros desportos.... Hum.. O skatetem uma vertente.. fora a vertente desportiva que é muito importante... que é a parte do lifestyle ... do que tu vives só sem ser a fazer o desporto ... sei lá .. o estilo de vida do skate é algo que nenhum desporto tradicional tem ... sei lá... posso te dar o exemplo... nós andamos na rua a olhar para as coisas... nós tentamos ver tudo o que se pode aproveitar na rua Às vezes até nos podem considerar um bocado malucos ...tamos a olhar e a “esfregar” curbs, e pedras e quê... mas é .. é aquele aspecto que...não sei.. que é ... que é único man! Nós tentamos aproveitar tudo porque... ao contrário dos desportos tradicionais... tipo o futebol o basket e isso tudo, tens o campo .. tens a baliza ou tens o ar e quêe tá ali... Isto é que não... tena a rua... e Pá ... as possibilidades são infinitas man... é ... algo...pá é muito diferente....

Então se pudesses definir o skate ... o que é que é para ti o skate?

Para mim o skate Fundamentalmente é um estilo de vida ... é um modo de vida... é um modo de ...encarar o mundo com outros olhos... acho que o skate ajuda bastante a abrir a mente e vermos as coisas com outros olhos tas a ver!!

E achas que há uma cultura skate?

Sim .. sim ... e cada vez mais forte...

Se pudesses defini-la como e que começavas por defini-la?

Começava por definir.. hum... deixa la ver ... é difícil man... é bué difícil.... Hum... mas começo por.... Hum .. a primeira coisa que me vem logo à cabeça é ... é que somos totalmente do resto... e o facto de sermos diferentes leva-nos a pensar também de maneira diferente e ... de olhar para as coisas de maneira diferente como eu tinha dito a bocado... eu acho que isso é o que para mim o que caracteriza mais o skate. É o nós conseguirmos olharmos para as coisas de outra forma... de uma forma que as pessoas normais secalhar ... nunca iam olhar...

Achas que há uma forma de olhar para a urbanização num sentido de arte, num sentido artístico?

Sim sim... sim sim... e ultrapassa até esse aspecto.. ultrapassa o aspecto arquitectónico... tudo... porque Só, .. por exemplo ... o facto de termos a conviver.... Tás a ver.... Logo já temos a fazer algo que hoje em dia já não é muito normal... o convívio hoje em dia já não é o mesmo que era antigamente e o skate parece que mantém esse convívio ... saudável ... e Tamos na rua não tamos agarrados ao computador em casa ou á playstation ou o quê .. tas a ver... e acho que é isso que faz o skate ser algo tão diferente e único...

Achas que o skate é um desporto discriminado em relação aos outros?

Claro ... e sempre foi ... em Portugal e no resto do mundo E sempre vai ser discriminando Porque nós quer queiramos quer não ... o que nós gostamos mesmo é andar na rua ... porque os sítios que constroem para a prática do desporto são skateparques ... e ... muito bem ... são precisos para treinar e praticar ... mas nós queremos mais do que isso ... nós queremos Queremos rua ... queremos coisas diferentes ... até podem fazer

OS FILHOS DO BETÃO

um parque que é uma praça normal E dizer que é skateparque pa nós era o ideal ... aliás acho que o futuro do skate passa por isso ... fazerem ... tipo ... cenas de rua normais e dizerem olha.... Isto é um skateparque. Pá e agente vai pa la tiramos fotos e filma-mos porque é igual à rua ... tas a ver ... se não for nós não queremos É um bocado estúpido mas ... é a cena man.

O que é que tens a dizer em relação aos conflitos de rua? Achas que eles partem de voçês ou partem da outra parte ou de ambas as partes !?

É assim ... eu não posso dizer que são sempre as outras pessoas que são as culpadas porque nós também muitas vezes secalhar nos exaltamos.

Mas achas que eles nascem em função de quê?

É pá .. nascem em função ... principalmente daquela ... hum ... de verem um skate e verem algo que não conseguem compreender ... algo que para eles ... não conseguem perceber! Não conseguem perceber o que que tamos ali a fazer, o barulho que fazemos. O que é que tamos a fazer ... e ficam ... muitos deles ficam atónitos ... e é assim ... a maior parte das vezes temos stresses as pessoas reagem mal ... mas também temos alturas que reagem bem e nós ficamos parvos! ... o skate ... é algo como eu tava a dizer, para mi é único e diferente, mas não é só para mim. Para as pessoas normais, vêm uma pessoa a andar e ficam tipo ... parvas ... - como é que ele fez aquilo!!? O skate tem essa vertente e pronto depois há pessoas que lidam bem e outras que lidam mal. Normalmente lidam mal ... mas ... tem a haver com isso de ser algo que eles não conseguem compreender.

Achas que é a partir da ocupação de espaços que nasce mais frequentemente esse tipo de conflito?

É muito é ... a maior parte das vezes é a ocupação dos espaços de tares a invadir propriedade privada mas muitas das vezes tem mesmo a ver com o facto de eles não conseguirem perceber. E como não conseguem, perceber então ... o que podem fazer é ... ou dizer mal ou então não dizer nada e ficar a olhar parvos ...

Achas que é isso que faz com que o skate em Portugal ainda não seja aceite como um desporto de alta competição ou até mesmo um desporto em si?

Sim é ... mas não sei se o skate vai ... alguma vez ser considerado aquele desporto de alta competição ... também muito a haver com o que falamos há bocado ... os desportos tradicionais, e etc.

Mas o evento X Games tratam este desporto como um desporto de alta competição!?

Ya meu mas ... por exemplo tu vês alguns dos melhores do mundo ... vão lá ... vão competir ... mas pá ... esses melhores do mundo vão competir porque tá ... podem ganhar 100 ...200 mil ... 300 mil euros ali ... tas a ver ... porque ... senão eles não iam ... porque não faz parte da cultura deles ... tas a ver ... e se não fosse o dinheiro. Se fores a ver tudo o que é grandes campeonatos que tu vês agora ... tas a ver os X Games há o audiotour ... há agora uma cena nova que é o Malu ... todos esses campeonatos que aparecem o pessoal só vai porque há muito dinheiro em jogo.

São os patrocinados não é?

Sim ... os patrocínios são muitos man ... e é muito dinheiro ... senão acho que não iam man ...

A dado ponto desta entrevista e visto esta estar a ser efectuada num skateparque aparecem alguns dos elementos do Radical skate clube que decidem intervir na conversa. A partir daqui passo também a incluír os seus depoimentos.

1º Elemento – Quanto é que tu ganhas com o skate é em euros ou é em (chunkos)?

(risos) eu até ganho é em jacts... é em jacts ... (géneros)

Eu – Queres deixar algum comentário para os mais novos?

1º Elemento – Pa não serem tão individualistas ...

Ya man ... e que o skate é diversão acima de tudo ... tas a ver ... o que interessa é se divertir ...

Eu – mas porquê ... tem havido muito confronto entre indivíduos?

Não ... não ...

1º Elemento – não ... é que agora os putos são individualistas e antigamente o pessoal era mais unido e ensinavamo-nos e o caraças não era ... não havia a cena da competição ... era mais diversão mesmo ...

2º Elemento - Pois é mesmo isso man ...

ya ...

1º Elemento – Agora como isto ta tudo comercial e o caraças toda a gente quer patrocínios e ... querem aparecer ...

Vasco – ya ... os putos encaram as coisas com outro ...

Ou seja ... tomou um novo nível de competição?

Vasco – sim ... e as coisas aumentaram os apoios aumentam, ... as coisas aumentam ... e a mentalidade dos putos vai atras do main stream ... tas a ver ...

fim

Anexo C: Entrevista de História de vida

Entrevista dia 13/07/2010 – skateparque ski skate amadora – alfragide

Nome – Vasco Manuel Neves

Idade – 32 anos

Comecei a andar ai por volta dos 11 anos em Santo António onde morava na altura ... com os meus amigos ... na altura o skate era ... era um desporto colectivo ... embora agente praticasse individualmente ... antigamente nós ... skatavamos mais em conjunto ... e havia aquela altura dos daggers e dos Loucos do Skate (filme) em que agente todos iamos com os skates a descer a rua e isso tudo ... foi das melhores alturas para mim a andar de skate ... que agente vivia e curtia e ... hum ... mais tarde ... pronto continuei a skatar sempre ... isto em finais de 80. Continuei a andar de skate ... umas lesões pelo meio ... já é normal ... para mim é mais normal que para os outros ... mas pronto ... e isto em 90 já ... entretanto faculdade ... continuei a skatar ... deixei a faculdade ... continuei a skatar ... mas sempre a levar o skate de uma maneira ... despreocupada ... a skatar pa me divertir pa tirar o stress do dia ... do trabalho ... entretanto ... isto já nos finais de 90 ... comecei a pensar ... que na altura em Portugal não havia informação ... não havia quase nada sobre skate ... nós iamos ... tinha-mos mais informação dos Estados Unidos ...

Onde é que arranjavas informação?

Em revistas ... até a internet já havia na altura meu ... nos finais ... pá e era mais fácil ... eu tinha mais informação dos Estados Unidos do que do meu País meu ... que era uma granda vergonha meu ...

Lembro-me de haver a Skate Magazine (Revista Espanhola), que era comprada para se ver as fotografias de modo a aprender os truques!

Ya ... mas ... aliás ... isso ... hoje em dia isso já não acontece meu ... tu tens videos todos os dias a sair na net ... os putos vêm tudo ... logo.

Mesmo pouco tempo depois de teres começado a andar não tinhas muitas infra-estruturas nem muitos praticantes aonde te pudesses referenciar?

Não ... ya ... ya ... isso tenho de voltar atrás ... é mesmo falta bué da cenas ... ya ... vou voltar ... não mas vou voltar ... voltar aos oitentas ... finais de oitentas princípios de noventa ... foi na altura que começamos a andar e foi na altura que o skate em Portugal também começou a ganhar mais força. Começou a aparecer ... campeonatos. Na altura os primeiros campeonatos que começaram a aparecer foi do Radical Skate Clube ... pronto ... foram os ... foi a primeira organização a puxar realmente pelo skate ... a fazer o skate subir ... se não fossem eles o skate hoje em dia em Portugal não tava nem metade do tamanho que ta agora ... pronto ... havia os campeonatos do Radical ... e fora os campeonatos do radical pouco mais havia ... skateparques havia ... secalhar Pedrouços em Lisboa e pouco mais ...

Era o de Pedrouços e o da Casa Pia ...

Da Casa Pia também ya ya ... ya.

Primeiro foi o de Pedrouços e aquele Half-pipe na Costa da Caparica e o do Onda Parque (antigo parque de diversões aquáticas na Costa da Caparica).

Ya ya ... ya ... mesmo.

Foram as primeiras infra-estruturas em Portugal ... penso que o primeiro foi o da Costa.

Não, não ... o primeiro foi o da Quinta da Balaia no Algarve que agora ... aliás ... isto tamos a falar aí 86, 87 ... foi o primeiro ... o primeiro skateparque em Portugal ... foi o da Quinta da Balaia ...

Era mesmo um skateparque ou apenas uma infra-estrutura?

Era uma pool com um snake run mesmo old-school man ... só que pronto ... Algarve ... passado uns tempos ... taparam aquilo pa construir um hotel. Então já não existe ... existe ... tá debaixo da terra ... pronto ... 2º skateparque mais antigo de Portugal ... hum ... Baixa da Banheira ... ainda existe ... esse ainda existe ... é o segundo ... e depois pronto ... Pedrouços ... Costa da Caparica ... Onda Parque ... so a partir de 96 é que começam a apreçer os outros parques ... tipo altura do de Odivelas ... e essa foi o boom dos skates em Portugal, nessa altura.

Perto da altura em que foi feita a Expo?

Ya foi na altura da expo ... acho que Odivelas foi mais ao menos 96 ... acho que é 96 mesmo ...

E em termos do teu percurso entre 90 e finais de noventa? Como é que foi o teu percuso em termos de utilização de infra-estruturas?

É pa ... pouco man ... pouco ... pouco porque era puto ... também pá ... guita pa ir longe não havia muito e quê ... e então ... praticamente ... um gajo tinha que se orientar e fazer o que pudesse na ... na tua rua, na tua área, na tua zona ... eu skatava com os meus amigos e normalmente ... para nós o ... a nossa skatada ideal era descer

OS FILHOS DO BETÃO

... tipo Kilómetros e iam os a skatar até lá abaixo e depois vinha-mos outra vez pa cima todos partidos e tinha sido um ganda dia de skate ... e pronto ... tinha-mos aproveitado a rua ... mas pronto também queríamos rampas e ... não tinha-mos como ir ter às rampas que haviam ... eram longe. Poucas. Ou seja tinha-mos que as fazer. E pronto. Fazia-mos as nossas rampas. E ... acho que até era mais louco ... ficavam uma ganda ... uma ganda porcaria (risos) ... mas olha ... era o que havia ... e ao menos fazíamos alguma coisa pa nos divertirmos.

E em termos de aprenderes truques e manobras, como é que te referenciavas?

Ya meu ... os vídeos havia ... mas os vídeos era ... raros man ... agente via um vídeo passado sei lá ... 3 anos, ou 4 dele ter saído nos Estados Unidos chegava a Portugal e ... pronto ... já ... já tinha tudo passado mas para nós era ... uma grande novidade ... e agente comia os vídeos todos segundo a segundo. E ... ver as manobras que nunca tínhamos visto ... tipo meter na pausa slow motion pa depois ir tentar pa rua porque nunca tínhamos visto aquilo na vida man ... mas antes dos vídeos as revistas ... antes dos vídeos era as revistas que não eram muitas ... eu lembro-me por exemplo a primeira que eu vi era a brasileira a Overall. Foi a primeira revista que eu vi meu ... eu lembro-me ... a primeira tinha a ensinar como fazer no comply pa um lado e pa o outro em sequência ... pa e sei que tive bue da tempo pa aprender e acho que nunca consegui dar bem o no comply ... mas ao menos tava ali e via e tentava ir pa rua e fazer e quê ... mas era a única cena ... de vez em quando uma ... uma Trasher mas raramente pá ... depois aos poucos pronto. Começou a aparecer mais. Os vídeos também começaram a aparecer mais. Mas sempre com aqueles 3, 4 anos de desfazamento. Pronto, mas era bom a mesma. Desde que aparecesse um vídeo novo pa gente ver ... e pronto isto foi assim até finais de 90. Finais de 90 mesmo na boa. Dá-se o boom dos skateparques, dos vídeos também começaram a crescer duma maneira parva ... começaram a aparecer também mais facilmente ... e internet, mas também tem a haver com o material meu. Na altura começou a aparecer mais pessoal a distribuir, porque ... tipo princípios de 90 tu tinhas secalhar duas empresas a distribuir material ... ou seja o que é que dava ... o material era pouco e era caro meu, na altura as tábuas custavam ... 70, 80 euros se fosse preciso ... pá agora elas custam 20, 30 euros. E agente tá a falar de há 20 anos atrás, tá a ver. E isso foi uma coisa boa que também fez aparecer os vídeos, na altura os vídeos eram mais ... VHS ... começou a aparecer mais coisas ... e pronto apareceu mais ... o skate cresceu ... o boom do skate na altura foi bastante grande pa Portugal, porque lá fora o boom maior já tinha sido dado, tá a ver. Pa Portugal foi nesta altura mais ou menos que começou a crescer mais forte.

Mas nos anos 80 já estava completamente implantado a nível internacional, o skate já era um desporto aceite a nível internacional, já tinha chegado a vários pontos do mundo, só que como sempre em Portugal as coisas vêm sempre, como tu dissesse ainda há pouco, e muito bem, vêm sempre desfazadas, vêm sempre aos poucos ...

Sim sim, sim ... chegava ao mundo todo já... ya ...

E a partir dos finais dos anos 90 comesas então com os teus projectos não é?

Ya ... ya ... finais de 90, princípios de 2000 ... tem a haver com aquela história que eu te tava a falar há bocado da informação ... que eu tinha mais facilmente informação do Estados Unidos que era doutro continente, ou mesmo do Brasil do que Portugal man ... e não ... isso não percebia ... e pronto na altura a internet tava também a dar o seu boom e ... pronto eu sempre me interessei e ... olha pensei em fazer um site de skate e ... e pronto fiz o site de skate aos poucos.

Foi difícil fazeres o site? Tiveste muitos apoios?

Sim ... ajudaram-me, mas ao principio nada de apoios ... porque ... hoje em dia a internet é muito forte. Tudo o que é de marcas e isso tudo olham pa internet, e bem, como um veículo fundamental para chegares aos putos e às massas. Antigamente ... antigamente ... tipo tamos a falar de 2002, 2003 a internet ainda tava a começar pa eles ... pas marcas apostar na internet ... não havia isso ... nem pensavam na internet ainda e no poder que ela tinha ... então ao principio foi complicado... mas pronto eu também trabalhava e ... como eu gosto de skate e ... isto é a minha paixão ... então ia fazendo e pronto aos poucos fui melhorando o meu trabalho e ... pronto as marcas começaram a apoiar também ...

Portanto hoje em dia já tens uma certa série de apoios de marcas de skate. São apoios esporádicos ou são apoios certos?

Sim hoje em dia sim felizmente. São apoios certos. Neste momento eu estou a trabalhar com ... 7 marcas ... e tudo ... tamos a falar em ... em tudo apoios anuais ... em regime contractual. Vendo espaço e quê ... e pronto e depois tento fazer o melhor também ... pelas marcas que me apoiam obviamente e ...

Quando comesas a fazer o teu site tiveste apoio de alguma associação ou de algum organismo? Dirigiste-te ou pediste apoios a algum organismo?

Não, não por acaso não ... não o único organismo que ... pronto ... que eu tinha mesmo que ir ter com eles foi com o Radical porque tem uma importância muito grande ... pronto ... tiveram muito ... muita presença.

E sentiste-te apoiado? Eles deram-te algum apoio?

Sim, deram-me apoio, claro. Porque para eles como ... aliás a vida deles também é o skate e ... para eles ... aparecer alguém a querer fazer alguma coisa pelo skate é sempre bem vindo então ajudaram-me bastante no principio também ...

Quer dizer que sentes-te já parte do grupo, e isto também por teres esta dialéctica de vida já desde os anos 80 até agora?

Claro porque ... é assim ... eu acima de tudo ... aliás ... principalmente ... se for a ver. Eu sou skater. E por ser skater por isso é que as outras coisas foram surgindo. E como sou skater eu sei o que ... pronto ... sei o que gosto de ver ... sei o que é que é bom para ver e ... e pronto e ajuda ...

Mas tens consciência que foram personagens como tu que dinamizaram e conseguiram que fosse atribuído algum valor ao skate em Portugal?

Pá ... mais ou menos ... eu às vezes eu até ... eu vejo o meu trabalho e ... até acho que podia fazer bem melhor e quê ... mas neste momento ainda tou sozinho a trabalhar nisto. Mas sim. Vejo que tenho tido alguma importância e ajudei ... de alguma maneira ajudei a fazer crescer embora eu ... há pessoas que ajudaram mais ... sei lá. Olha o Ricardo Fonseca (**único profissional Português, pentacampeão nacional**) por exemplo ... por exemplo ... a mim ajudou-me imenso eu tive uma altura que tive uma lesão do caraças tive parado quase já ... já não ia skatar ... quase já tava-me a marimbar ... é pá e só a vê-lo skatar ... e ele chegar e emprestar-me o skate. – ia ... dá lá um ollie meu! Só isso. Fez-me voltar a andar de skate ainda com mais força e com mais vontade de skatar.

Mas já tiveste lesões graves?

Ya, mas é ... mas tamos a falar até do pé.

Estás a falar de uma lesão que fizeste no pé, isto há 12 anos?

Ya, ya ... tamos a falar dessa man. Ya ... se não fosse o gajo! E o Diogo também. Porque eu tava ... digo-te já naquela altura ... eu tava naquela ... mesmo nunca mais pegar num skate. Nunca mais man. Pá mas pronto ... depois acho que meti-me em cima do skate e olha ... azar ... nunca mais ...

Eu lembro-me de sermos mais novos e tu estares a dizer que um dia ias montar uma empresa e que iria ser alguma coisa relacionada com o skate e que até já tinhas nomes e tudo!

Ya, ya ... ya ainda ta lá ... ya ainda tenho lá e ainda tenho bue da desenhos e bue da cenas man ...

Isso quer dizer que produziste ainda hoje estás a activo e tens sido presente e que tens vindo a contribuir para o desenvolvimento do skate enquanto desporto em Portugal!? E isto porque a sociedade ao que parece ainda consegue ver o skate como uma brincadeira para crianças ...

Ya, mesmo ... mesmo ... mesmo, sim ...

Muitas das pessoas ate consideram o skate uma brincadeira perigosa quando no fundo é um desporto, porque há coisas bem mais perigosas e os jovens ate podem se meter em coisas para além do desporto que são muito mais perigosas como em grupos ou o flagelo da droga.

Ya, então não ... fogo ... é que é mesmo ... aliás ... e infelizmente em todos os meios há exemplos do que é que o álcool e a droga e isso podem fazer às pessoas. E até no skate há ... há ... temos o ... sei lá ... o estrelinha ... tu lembras-te do estrelinha? Pá o estrelinha tinha um potencial gigante podia ter sido dos melhores do mundo ... pá ... todo lixado* da vida ... meteu-se ... pronto caroucho e quê ... nunca mais meu ... pronto ... borrifou-se* pró skate meu. Fogo era dos melhores man, o gajo tinha ganda potencial meu.

Acho que ele foi campeão por volta de 96/97!

Ya é capaz mesmo. Por volta dessa altura.

Portanto o teu percurso já intimamente ligado ao skate começa realmente a partir de 2000, ...

Vasco – Sim, ya.

Eu – ... é também basicamente na altura, ou seja dois anos após a Expo 98 com a abertura do Skateparque Vasco da Gama, as coisas começam ... parece que ganham carris ...

Ya ... começam a crescer ...

E ao que parece já percebemos uma máquina a carregar o skate em Portugal! E o que é que achas que impulsionou mais o skate nessa altura? Achas que foi fundamental o aparecimento de personagens como tu a divulgar o skate?

Foi meu ... mas ... pá os skateparques também é aquela coisa ... pá ... sempre que aparece ... sempre ... mas é mesmo sempre ... fazem um skateparque e é assim no espaço de seis meses nessa zona ... aparece ... na boa ... 20 a 30 skaters! Claro que depois desses 20/30 vão ficar 10. Às vezes menos, mas sempre que fazem um skateparque há logo um Boom a nível de praticantes do caraças* naquela zona. Pá ... e eu acho que os skateparques ... puxa bué ... e acho que é das coisas que ... que faz crescer mais o skate. Às vezes as gente ... pronto ya ... queremos skateparques ...

tem que haver ... mas é bué importante man ... aparece bué da putos ... olha este gajo (**Vasco refere-se a um praticante que se encontra a passar no local da entrevista**) o **Vióla (João Vióla)** tá a andar pa caraças* man! O gajo começou a a andar quando!? Quando apareceu o skateparque na Amadora ... não foi!?

Vióla – ya ... mais ou menos.

Senão não andava man! Ele tá a andar pa caraças* man! Senão fosse o skateparque não tava a andar tás a ver!?

É bué importante man.

Isso quer dizer que eles hoje em dia evoluem com uma velocidade muito superior à nossa altura?

OS FILHOS DO BETÃO

Pá ... se tiverem as infra-estruturas meu ... de resto têm tudo! Olha ... o material é melhor e mais barato ... logo à partida. A informação tu vês tudo logo ... quase na hora ... pá o video da Element, o último da **Element Europa** foi ... estreou online ... tas a ver ... tu ... hoje em dia ...

Pois porque tu até tens sido o responsável por várias skate trips, ou pelo menos contribuis para isso, já vi que estiveste em Barcelona, e em outros vários sítios ...

É pá ... tento fazer mas ... é a guita! Normalmente as marcas é que fazem ... e um gajo ... olha ... vamos ali, vamos ali ... posso dizer ... e ajudar nos sítios e quê mas as marcas é que têm que investir man ... fogo ... elas é que fazem dinheiro com isto ... não sou eu ... quer dizer eu também faço ... ya ... também faço ... pá mas as marcas fazem bué da guito man ... tou ... a sério man. Vou te dar exemplos ... sei lá ... tu lembras-te quando agente começou a andar ... agente via uns Airwalk ou o quê e ... ya bem man ... olha ... skater ... é skater ... anda cá e quê ... agora tu vês uns D.C. vês ... pá ... é tudo man ... só skate ... só marcas de skate man.

Nós temos sempre técnicas de ver se o gajo anda de skate ou não

Claro ... então não ... basta ver só ali o coisinho ... e ya ...

Tem os ténis raspados de lado ... já sabemos ... olha aquele anda.

Ya ... mesmo.

Por acaso é a maneira como um gajo vê ... e mesmo tu ao olhares para um skate de uma pessoa, pelo menos é aquilo que me parece, vejo uma pessoa a passar com um skate e se o skate está muito gasto nas pontas ou no meio aí tu vez que se calhar já anda ...

Ya ... ya. (risos)

Se não está muito gasto ou a prancha é nova ... ou então o gajo não anda.

Ya ... mesmo. (risos) é que é mêmo man ...

Eu acho que há muita gente, tembém há muita gente que vai para os sítios, e uma das coisas que eu vejo, é que, por exemplo, eu vou às vezes andar e já ando também ao mesmo tempo que tu eu ando 4 horas de seguida enquanto que eles andam meia hora para e já não andam mais.

Ya, ya ya ya.

Isso é um entrave do caraças ao desenvolvimento plo menos é aquilo que eu penso.

Mas ... depois ... aí é que tá. Depois há pessoal que evolui e outro que não evolui ... olha aquele Puto ali (**O informanterefere-se novamente a João Vióla**) tcs hh ... era o dia inteiro sempre ... Bum bum bum ... por isso é que tá a andar bem ... tem que andar ... fogo.

E tinha alguém se calhar para tar lado a lado com ele não é? Para se debater com ele não?

Sim ele tem um grupo bué da grande de amigos ya ... tudo a skatar ...

Pois porque é bué de importante também. Tu quando começaste a andar ... quer dizer, tu esforçavas-te muito, eu lembro-me, ias andar sozinho, horas e horas, mas também andavas sempre com muita gente ...

Claro man ... vocês é que davam me pica para skatar man. E só ia skatar sózinho porque vocês não iam ... e olha ... mas eu quero ... e olha ... e ia ... queria skatar. Mas eu curtia era com vocês fogo ... então não ...

Mas agora retomando novamente a tua história ... relativamente a partir de 2000 ... vou-te pedir que faças uma abreviação ... desde os 2000 até agora ... o que é que tu achas que fizeste ou o que é que tu achas que foi a tua vida em relação ao skate desde aí ...

É pá ... a minha vida a partir daí foi só ... é só skate man ... às vezes até é um bocado cansativo ... porque é só skate.

Às vezes até já estás farto?

Claro meu ... mas é como tudo na vida agente chega a um ponto se tamos sempre a fazer uma coisa ... pá eu não tenho ... posso dizer que não tenho tipo férias ... tipo imagina uma semana sem ... sem ter o skate ou sem pensar no skate ... não tenho uma semana dessas há ... bué da anos man. Tenho de sempre ir agarrar na net ... tenho de sempre ir fazer alguma coisa ... tenho pronto ... é o meu trabalho. Mas olha ... é assim ... eu tou saturado mas ... secalhar estava bastante mais saturado se tivesse sentado num ... numa secretária ... e olha ao menos vou fazendo o que eu gosto e ... tentar puxar pelo skate ... mas ainda há muito pa fazer porque o skate ... temos que ... que puxar muito mais man. E temos que tentar abrir ainda mais meu ... e mais a nível da mentalidade das pessoas ... agora vai ser bastante mais fácil porque ... eu tenho 32 ... e há bué pessoal da minha idade que começou a andar quando agente começou e que tão à frente de empresas ... e já vêem os skate doutros olhos ... daqui a 10 anos já vai ser mais fácil e é assim aos poucos, há-de haver uma altura que o skate vai tar tão implantado ... pá podemos fazer o que quisermos disto ...

Não sei se te lembras, nós ainda andavamos no Liceu e nessa altura dizia-se que o skate ia ser introduzido na Educação Física não sei se chegaste a ouvir falar disso!? Achas que isso seria bom?

Ya, cheguei ... era fixe mas ... é assim era bom e era mau ... por um lado era bom claro ... ia meter os putos a andar ... ia aparecer bué da gente a andar de skate ... por outro lado é mau porque ... era ... mais um passo pa ter ... pa fazer o skate um desporto aceite mainstream ... e é óbvio que eu quero que isso aconteça mas ...

Dentro de limites!?

Vasco – Ya meu ... porque o ...

OS FILHOS DO BETÃO

Manter as Boundaries ...

Exacto man ... porque o que eu ... o que eu ... o que o skate me ... me puxou ... o que me fez agarrar no skate e continuar a fazer isto ... não tem ... não foi o ser um desporto aceite ... foi o ... mesmo eu ter a liberdade de fazer o que eu quiser ... bastava ... o que eu pensar eu posso fazer ... e acho que isso é um ... é o mais importante no skate.

Portanto achas que a possibilidade de inventividade no skate foi o que mais te fascinou!?

Claro, claro a criatividade do skate ... e é assim ... não é só ... o skate ... fora a modalidade em si o skate influencia bué da coisas ... bué da coisas* que nós não damos conta ... a moda hoje em dia ... se fores a ver meu ... a cena das calcinhas apertadas e dos cintos de bicos e quê ... pá ... os punks começaram com os bicos ... os skaters voltaram ... trouxeram os bicos ... e os skaters meteram os bicos ... agora aí as gajas andam ... agora já aqui outra vez ... mas agora vão buscar outras cenas do skate porque olham pa um skater ... é verdade a sério man ... ya meu e passam e ficam naquela ... e yaquelas calças man aqueles ténis e coisa e han ... passado uns meses o pessoal começa a comprar as cenas.

Portanto, a indumentária do grupo começou-se a implantar na moda!?

Claro meu ... mas isso é uma coisa que só um skater é que consegue ver man ... e tu vais tipo a uma bershka ou uma pull and bear ou uma zara ... então uma pull and bear até te passas é só cópias de ténis de skate.

E é assim o skate ... o skate ... os fins de 2000 ... o skate nesta altura tá a passar uma fase que é ... isto ... o skate tá a dar um salto ainda maior ... e tem a haver com o tal mainstream e de ir de encontro a uma ... à cena do desporto e mais ... e mais massificado e mais aceite ... o skate vai ser ... vai quase de certeza para esse caminho as coisas estão todas a ...

Acho que a moda ... o conceito da moda chegar muito para além do grupo já é em si um indício disso mesmo ...

Sim sim sim ... claro então não ... e lá tá meu ... tem a haver ... com a tal criatividade man ... o skate sempre puxou por muita coisa e imagina eu falei da moda mas vamos falar em audiovisual meu ... a nível de vídeo e quê ... os vídeos de skate meu ... pá tu se fores a ver agora algumas cenas de cinema ... (...) mas eu ainda vou mais longe eu tava a falar em filmes mesmo que tu vês no cinema ... e tu vais a ver ... é pá há certas cenas ... que eu tinha visto em vídeos tipo de há ... de 91 man ... há o vídeo da blind que é o videodays ... pá e há lá umas passagens ... na altura foi ... o ... sabes é ... o spike jonze ... foi o gajo que fez ... que agora é um realizador bué conhecido ... spike jonze ... e o gajo fez lá umas coisas* e foi o pioneiro a fazer aquilo man ... e passado uns tempos pronto começou a ir pó cinema porque havia uma passagens bué da loucas e quê pum... tu vês no som então man ... tu nos vídeos de skate ouves tudo man ... tas a ver! Porque o skate é aquela coisa man ... pá não é aceite e há sempre aquela coisa ... é o skate e quê ... mas é dos desportos que mais curiosidade e mais atraí as pessoas normais e as massas.

Mas achas que é por ser um desporto radical?

É... por ser algo diferente e que muitas vezes elas realmente não conseguem compreender ...

Mas achas que este fascínio que o público mais jovem em geral têm pelo skate é por este ser um desporto conotado com culturas urbanas? Com a ideia de tribo urbana?

É pá acho ... acho que pode passar aquele encanto e aquela ... aquele entusiasmo de ver alguém a fazer skate, acho que a seguir ya tem muito a haver depois tem a haver com a cena de entreres numa cultura num grupo etc. claro ...

Uma última pergunta. De onde é que vens, onde é que estás e para onde é que vais em termos daquilo que tens produzido pelo skate?

Pá ... eu vou pelo mesmo caminho que tenho seguido ... vou tentar é fazê-lo com mais pessoas a ajudar.

Cada vez melhor e mais bem feito?

Sim, sim tentar cada vez ... sim melhorar todos os anos, tentar melhorar em tudo meu ... aliás é o lema do site ... tem sido esse, temos tentado melhorar todos os anos tas a ver ... e sei que aos ... pá em princípio tinha noção que não tinha meios nem nada mas ... eu sabia que tinha que ser aos poucos e sei ainda que os meus meios são bastante melhores mas podem ser melhores ainda. E ... isto aos poucos ... agente tem é que querer fazer ... e fazer melhor.

Ou seja, a construção do teu site ... e a progressão da construção desse mesmo site é quase como uma dicotomia entre a progressão do teu esforço em relação ao skate, ou seja, é quase como ... começaste a fazer um site ao mesmo tempo que tentaste sempre melhorar e chegar a um patamar superior!

Claro, claro, é mesmo isso. Porque depois e vou ... se eu fizer um trabalho ainda melhor no site, eu depois vou ajudar os putos que tavam como eu tava ao princípio, tas a ver, e vou ajudar os putos a ter pica e querer fazer melhor no skate, tas a ver ... e depois aí é que é a verdadeira dicotomia ... porque depois eu é eu melhorar o site e os putos melhorarem o nível deles.

Então tens consciência que para além de produzires ... reproduzes também a cultura skate em Portugal?

É pá ya ... ya ya ... embora não pense muitas vezes mas ya, ya claro meu ... porque se eu meto uma entrevista fixe com toques fixes e quê ... pá vai dar pica aos putos e mesmo á pessoa com quem eu fiz ... eu tenho ... tenho

OS FILHOS DO BETÃO

esse exemplo ... qualquer gajo que eu faça uma entrevista ... os seis meses a seguir tão com pica pa caraças* man. Tas a ver ... ficam com pica porque fizeram alguma coisa tas a ver ... pá ... eu numa entrevista eu digo a eles ... pá isto pode demorar um mês, pode demorar seis meses mas tem que ficar fixe, tas a ver ... pá já tive seis meses a fazer ... aliás já tive uma que demorou um ano ... entretanto ... ya o puto também aleijou-se e quê mas ficou altamente, o puto arranjou uma cena lá fora e tudo, tas a ver ...

E isso também por influência da entrevista!?

Ya meu ... pá e é fixe man ...

Isso quer dizer que passas também a ser um promotor, para além de promoveres o skate promovés também atletas. Quer dizer, fazes isso através do teu site!

Ya man ... porque é um veículo de informação ... agora há vários man ... quantos mais houver ... enquanto as pessoas tiverem vontade de fazer e fizerem ... pá o skate vai tar sempre a crescer ... agora ... para onde e como ... isso é que já é uma questão difícil de responder ... mas vamos ver o tempo o dirá ... eu vou tentar fazer a minha parte para ele crescer para onde eu quero que é ficar cada vez mais profissional e aceite mas, pá o skate não pode perder o core, aquilo ... o espírito, a essência do skate que é para mim mesmo é o ...

O espírito irreverente!?

Ya, meu ... é ser algo diferente man e que não somos os cromos da bola que andam ali a dar uns pontapés na bola ... mas depois olham e não vêem mais nada à frente meu ... e o skater meu ... pá ... felizmente na maioria das vezes tem mais do que aparenta e fora o barulho que tá a fazer ... pá ... consegue ver muito mais para além do que as pessoas normais ... a sério meu ... eu o que eu tenho ... durante estes anos e ver tantos putos e quê ... pá ... só que há putos otários isso tudo mas eu sinto man ... vejo o ... pá ... o puto que é fixe man tu vais ver ... tem ganda cabeça, e sabe pensar e quê man ... tenho um puto que é o Alen ... que é campeão ... foi campeão de snowboard ... também ... foi campeão nacional ... nunca tinha entrado numa competição ... só que o puto skata bué e já faz snowboard há bué de tempo, chegou lá ... foi um gajo qualquer que o patrocinou, duma agencia de viagens ... não tu tas comigo vais ganhar ... ah vou ganhar ... tu tas te a passar! ... limpou aquilo de uma maneira, já é o 2º campeonato consecutivo campeão nacional ... aquilo é só betos também ... o gajo é um ganda beto também ... só que depois falas com o puto ... é um beto mas é um beto que tem noção que é beto ... tem noção ... eh pá ...

Só, que dentro deste ambiente encontramos várias categorias sociais não é!?

Há ... há ... por acaso é engraçado falar nisto, eu já pensei bué de vezes sobre isso ... há bué da ... pá há bué ... há ... tens pessoal de todas as classes, mas infelizmente, ainda acontece porque as marcas só agora é que começam a apoiar decentemente só agora é que começam, por exemplo, a dar algum dinheiro a quem anda bem, pronto. E é pá infelizmente, vais ver, a maior parte do pessoal que anda bem, e quase todos eles têm posses man. E eu já vi tanto ... tantos gajos com um ganda potencial man ... é pá e que agora neste momento já não tão aí a skatar porque tiveram que ir trabalhar tiveram que ir fazer pela vida, tas a ver ... os melhores em Portugal ... tas a ver ... é tudo pessoal cheio da guita.

Tiveram apoio não? Porque no fundo o material é caro, acaba por ser um desporto caro!

Pá ... e não é só o material man ... é o chegar aquela altura da tua vida em que tu já não podes brincar e é assim ... agora vou ter que fazer pela vida, tas a ver ... não há ... não tens os pais pa te darem dinheiro por trás ... pá ... tem ... tens que te fazer à vida ... pá um gajo qu é o Vito ... agora tá na Islândia foi pa lá trabalhar nos correios, teve sorte! Veio cá uma louraça ... o gajo é black ... uma louraça e levou-o ...

Vou-te pedir que faças um último comentário; acerca daquilo que tu pensas que vai ser o skate agora ... o que é que foi, o que está a ser agora e o qu é que vai ser o skate em Portugal, é isso!

Ya, pá o skate em Portugal foi ... foi algo muito ... muito puro e ... e ingénuo como, como todas as coisas são ao princípio, mas pronto evoluiu, como tudo evolui também e neste momento está numa fase ... aliás neste momento o skate nunca teve tão bem como tá agora em Portugal ... sim tá tudo em grande ... os apoios são grandes ... o pessoal a andar é muito meu, os skateparques também são bastantes, campeonatos também há ao pontapé meu, tens informação tens videos ... tens tudo, hoje em dia quem quiser fazer alguma coisa do skate, pá é só querer e ir praticar e treinar ... mesmo ... pá o futuro do skate em Portugal acho que passa mesmo por a continuidade do presente meu.

Destes últimos trabalhos que têm sido feitos!

Y ... e acho que ... as coisas vão crescer mesmo pó mainstream ...

Obrigatoriamente?

Ya, vão crescer pa esse lado mesmo ... e só ... vai caber só mesmo ao pessoal mais velho tentar não deixar passar certas barreiras de ... pronto ... tipo Shecklers e quê ... tipo o Sheckler no meio do skate mundial man é bué da mal visto man ... só porque fez a cena da MTV, a sério man ... os melhores gajos gozam com ele man ... agora não que acho que já acabou e quê e o gajo já tá coiso ... mas um gozo não tá bem a ver man ... em videos em revistas, eich ...

Agora temos a Fuel TV que tem muito mais ... tem programas direccionados ...

A Fuel TV é ganda cena ... ya, ya aliás é um granda projecto.

OS FILHOS DO BETÃO

Apesar de ser muito repetitivo mas é ... é pá em termos de apoios e as imagens e a dedicação áquele tipo de desportos, acho que é do melhor que há ...

Ya meu ... ya, ya ya ... e o futuro do skate passa também por isso, falaste na Fuel, passa muito também pelo crescimento dos meios audiovisuais tas a ver ... passa bué por isso meu ... porque tu ... o skate, é dos aspectos mais importantes do skate hoje em dia é o video man ... tipo ... tu no futebol és campeão do mundo, no basket ganhaste a final da NBA, tu no skate tiveste a melhor parte do video X ... e é assim que funciona o skate hoje em dia ... pá porque o pessoal sabe o que é que é andar e sabe que ele teve ali secalhar um mês pa dar aquela manobra, mas é um abuso do caraças* man! E é isso que importa é verdadeiro ... é o skate verdadeiro tas a ver ...

Anexo D: Observações

1ª Observação:

Data – 12/10/2009

Local – Praça da Figueira

Indumentária – Roupas largas (sendo em grande parte uma indumentária definida por certos tipos de marcas de grande influência no Desporto)

Idades – 17 – 22

Desempenho – Estes elementos pareciam já se encontrar num patamar de elevado nível. A interacção entre estes praticantes assumia contornos de competição. Utilização de uma organização que permitia aos praticantes treinarem mantendo a atenção dos outros elementos, fundamentando um clima de competição mesmo nas sessões de treino e tentativa erro.

Nº de elementos – 4

Nº de horas dedicadas – 3 hrs

Linguagem – Linguagem apropriada a explicação do tipo de truques efectuados; linguagem utilizada de forma a suscitar o sentimento de competição, de gozo de raiva e de incómodo ou dor.

Dinâmicas – Estes elementos fazem um uso simbiótico do espaço; contudo denota-se sempre uma espécie de prioridade que o elemento que apresenta maior desempenho em relação aos outros. Neste aspecto a dinâmica parece estar numa acesa competição!

Nº de horas de observação – 3 hrs

Tipo de Observação – Passiva

Sexo dos praticantes – 4 praticantes do sexo masculino

2ª Observação:

Data – 22/10/2009

Local – Praça da Figueira

Indumentária – Roupas largas - marcas de skate, logótipos de marcas de skate, utilização de bonés, gorros, etc.

Idades – 13 – 14 (33)

Desempenho – Rookies - novatos. Os intervenientes eram claramente iniciados na actividade; limitavam-se a treinar truques de mais fácil manobra.

Nº de elementos – 2 (3, contando com o observador visto este ter praticado skate aquando desta observação)

Nº de horas dedicadas – 2 hrs

Linguagem – Linguagem adequada às manobras que se estariam a treinar, gozo, contentamento, de

Dinâmicas – Competitiva, tentativa erro. Quando comecei andar e devido ao nível de proficiência este praticantes limitaram-se a observar por uns breves momentos depois continuaram na sua dinâmica de treino.

Nº de horas de observação – 1.5 Hrs

Tipo de Observação – Participante

Sexo dos praticantes – 2 praticantes de sexo masculino e Eu próprio (não incluído na observação, apesar de ao praticar estar a influenciar a lógica da dinâmica no espaço)

3ª Obsevação:

Data – 09/01/2010

Local – Praça da Figueira

Indumentária – Roupas largas, com marcas de material de Skate, elementos com desenhos de caveiras e adornos associados ao movimento Punk (elementos de sexo Feminino)

Idades – 13 – 20 (idade aproximada)

Desempenho – Os praticantes treinam manobras que ainda não dominam (tentativa erro) estes pareciam todos se conhecer (grupo de amigos); os elementos do sexo masculino tinham mais versatilidade em termos de equilíbrio e em prática, contudo estariam ainda num patamar de iniciação, apesar de um destes estar nitidamente num patamar superior de experiência. Este era sem dúvida o mais velho de todos e fazia uma utilização vasta do espaço. Este elemento também quase nunca parava para descansar, e isto apenas aconteceu após um acidente, em que este falha uma manobra e acaba por fazer uma ferida. Alguns minutos depois continuou a praticar.

Nº de elementos – 5

Nº de horas dedicadas – 2 hrs

Linguagem – Relativa as manobras; gozo, frustração, euforia e apoio. O léxico referente à manobra era constantemente passado aos elementos de sexo feminino.

OS FILHOS DO BETÃO

Dinâmicas – Os rapazes movimentavam-se utilizando maiores proporções de espaço e maiores velocidades; havia um clima de entreajuda entre elementos de sexo masculino e feminino. As raparigas permaneciam quase inseparáveis confinando-se a um espaço pequeno na zona central da praça. De referir que em matéria de agilidade era notório e evidente que a performatividade do corpo em termos de manobragem aparentava-se mais natural nos elementos de sexo masculino do que os elementos de sexo feminino; estes últimos acabavam por se recolher, parando em grande parte das vezes por alguns minutos.

Nº de horas de observação – 2.5 hrs (aproximadamente)

Tipo de Observação – Passiva.

Sexo dos praticantes – 3 elementos de sexo masculino e 2 elementos de sexo feminino.

4ª observação:

Data – 17/01/2010

Local – Odivelas

Indumentária – Roupas largas com siglas associadas a marcas de skate; desenhos de graffitis (tags); de referir que nos elementos observados haviam características de originalidade em pelo menos 3 dos praticantes. Estes optavam por utilizar um estilo de indumentária um pouco diferente do habitual. Um deles estava caracterizado num estilo que nitidamente se assemelhava ao estilo metal/punk, este parecia estar mais dentro do estilo de outros 3 praticantes de sexo feminino, e inclusivamente pareciam ser amigos.

Idades – 15/25 (por aproximação)

Desempenho – alguns praticantes já com alguma experiência, os quais mantinham uma utilização constante da infra-estrutura, ou seja em treino constante; alguns praticantes paravam para ver estes passar. Consegui verificar a existência de entre 4 a 5 grupos distintos dentro desta amostra. Os 3 praticantes de sexo feminino praticavam em conjunto e por vezes interagem com um 4º de sexo masculino; este parecia se apropriar do terreno mantendo apenas contacto com os elementos de sexo feminino e pouca interacção com os outros praticantes; era um praticante com boa experiência e consequentemente parecia fazer uma utilização mais funcional do espaço muitas vezes obtendo prioridade sobre outros, sobretudo os de sexo feminino.

Nº de elementos – 11

Nº de horas dedicadas – 4 hrs

Linguagem – Linguagem associada à própria prática desportiva em si; relacionada com truque e manobras, com a infra-estrutura; euforia, frustração, gozo, alegria. As interacções dos praticantes são sempre acompanhadas por a utilização de uma enorme quantidade de palavrões. A linguagem de frustração normalmente acompanhada por enorme leque de palavrões é normalmente utilizada em situações em que o praticante erra ou falha o seu intento; a euforia é caracterizada por situações em que outros praticantes observam um outro tentando uma manobra de topo e estão-se a pronunciar de forma a apoiar o executante. O gozo é geralmente associado à incitação, deste modo o gozo é utilizado como uma forma de coagir outros praticantes a se esforçarem mais em certas manobras ou truques. A alegria por sua vez é integrante a condicionante de euforia pois é associada à execução perfeita de manobras ou truques; os assistentes gritam eufóricos quando um praticante executa uma manobra de topo em perfeição. Uma das práticas comuns é os skaters pegarem nas suas pranchas e soltando zunidos de alegria batem com a extremidade da sua prancha no chão fazendo assim barulho. Este tipo de prática é uma das características indissociáveis nas competições de skate. Sempre que um praticante consegue efectuar uma manobra de topo em perfeição é seguido por este tipo de prática.

Dinâmicas – os diferentes grupos ocupavam diferentes espaços dentro da infra-estrutura; os elementos conhecidos ocupavam os mesmos espaços, utilizando todavia o resto da pista. Um dos praticantes, experiente, parecia fazer uma utilização integral da pista passando por todas as áreas da infra-estrutura, detendo alguma prioridade de passagem; muitos dos outros praticantes limitavam-se a observar os mais experientes. Os praticantes de sexo feminino praticavam entre si sendo que de 3 elementos dividiam entre todos dois skates. O espaço em si é um pouco limitado o que motivava um tráfego intenso em várias áreas. O direito de passagem obedecia à regra de um de cada vez, à excepção de um ou mais praticantes de grande experiência que detinham uso fruto prioritário sobre outros menos experientes que frequentemente lhes cediam passagem.

Nº de horas de observação – 4 hrs

Tipo de Observação – passiva

Sexo dos praticantes – 8 praticantes de sexo masculino. 3 Praticantes do sexo feminino. (de notar que estes estiveram mais tempo parados a observar do que a praticar; estes adoptavam comportamentos atitudes e posturas masculinas, na tentativa de se equiparar ao praticante masculino)

5ª Observação:

Data - 13-02-2010

Local – Odivelas

Indumentária – Calças largas, bonés, Tshirts largas, muito deste material de marcas associadas a fabricantes de Skate, assinaladas com os seus logótipos específicos. (utilizados também como símbolos do Grupo)

OS FILHOS DO BETÃO

Idades – 13 – 21

Desempenho – alguns dos praticantes optam por utilizar certas partes da pista de modo a treinarem uma manobra ou um leque de manobras específicas. A utilização integral da pista fica a cargo dos mais exímios e locais.

Nº de elementos – 9

Nº de horas dedicadas – 3

Linguagem – a linguagem utilizada pelos praticantes era essencialmente linguagem referente à nomenclatura das manobras, gritos de alegria e gritos de raiva; linguagem relativa ao próprio exercício da prática. Utilização de expressões de gozo, como por exemplo, *es mesmo freack! Não vales um caraças**; utilização de expressões de congratulação, como por exemplo, *és mesmo cromo, ganda cromo*, etc. segundo a minha apreciação este tipo de expressão parece ter a função de incentivar o praticante, ou até mesmo uma função competitiva. De se mencionar efectivamente que estas interacções são sempre acompanhadas por uma enorme quantidade de palavrões. Parecem haver palavrões chave para certos tipos de situações, erros, quedas, etc.

Dinâmicas – As dinâmicas observadas são dinâmicas de competição, de estímulo e apoio. Os praticantes estimulam-se uns tendo como base um clima de competição.

Nº de horas de observação – 3 hrs

Tipo de Observação – participante

Sexo dos praticantes – 9 praticantes do sexo masculino

*- palavrões utilizados pelos praticantes

6ª Observação:

Data – 21/02/2010

Local – Odivelas

Indumentária – Calças largas, bonés, Tshirts largas, muito deste material de marcas associadas a fabricantes de Skate, assinaladas com os seus logótipos específicos. (utilizados também como símbolos do Grupo) Roupas largas com siglas associadas a marcas de skate.

Idades – 12/21 (idades aproximadas)

Desempenho – Alguns dos praticantes optam por utilizar certas partes da pista de modo a treinarem uma manobra ou um leque de manobras específicas. A utilização integral da pista fica a cargo dos mais exímios e locais. As áreas de ocupação por parte de praticantes menos exímios são normalmente as zonas sem obstáculos com chão liso (flat)

Nº de elementos – 5

Nº de horas dedicadas – 2hrs

Linguagem – A linguagem utilizada pelos praticantes era essencialmente linguagem referente à nomenclatura das manobras, gritos de alegria e gritos de raiva devido ao falhanço contínuo; linguagem relativa ao próprio exercício da prática. Utilização de expressões de euforia de gozo de alegria, frustração.

Dinâmicas – As dinâmicas são de competição. O treino intensivo obriga os praticantes a utilizarem um mesmo espaço na pista até conseguirem fazer a manobra ou o truque na melhor das perfeições. Para além da competição a persistência é também uma das dinâmicas. Neste caso 3 dos praticantes estavam juntos e ocuparam uma zona da pista aonde estiveram a aperfeiçoar manobras. Entre estes 3 praticantes havia uma dinâmica implícita de competição moderada pela persistência. Os outros dois praticantes observados encontravam-se a praticar individualmente sendo um deles nitidamente muito novo mas já dominava a prática e com isso fazia uma exploração muito funcional dos espaços que ocupava, mas sem nunca entrar nos outros espaços já ocupados. O 5º elemento por sua vez não muito exímio fez uma utilização da pista na sua zona mais plana; não interagiu com o resto dos praticantes e andou durante pouco tempo ficando na sua maior parte a observar os outros praticantes.

Nº de horas de observação – 2 hrs

Tipo de Observação – Passiva

Sexo dos praticantes – 5 elementos do sexo masculino

7ª Observação:

Data - 30-31/01/2010

Local – Skateparque Ski-Skate – Amadora/Alfragide

Nota: esta observação foi efectuada durante a 4ª e última etapa do Circuito Nacional de Skate (Campeonato português de Skate) sendo feitas observações em dois dias consecutivos. Alguns dos parâmetros foram desconsiderados nesta obs. Tendo sido adoptado outro tipo de observação.

Indumentária – dependendo do tipo de categoria nomeadamente iniciado, amador ou pró, os praticantes têm os seus patrocínios o que implica publicitar a marca seja no vestuário ou calçado; por norma só a partir da categoria de amadores é que são atribuídos patrocínios; os patrocínios podem ser em material, roupa, apoios em deslocações e/ou em dinheiro. A lógica de indumentária tem efectivamente um padrão, porém alguns dos

OS FILHOS DO BETÃO

praticantes são detentores de uma imagem própria. Alguns destes, ao contrário da norma, não usam calças largas, mas sim calças apertadas. Apesar de encontrarmos uma série de indumentárias, elas estão todas integradas num mesmo padrão.

Idades – 10-29

Desempenho – No sábado dia 30 as competições começavam à tarde. De manhã havia sessões de treino, e estavam abertas as inscrições (as inscrições no circuito só podem ser efectuadas por atletas federados) Estas sessões de treino permitem aos participantes poderem treinar e melhor conhecer e se adaptarem à pista aonde vão competir. Nestas sessões os participantes vão também delinear a sua estratégia e determinar a sua tática a utilizar nas competições, bem como conhecer os oponentes.

Nº de elementos – / (mais de 40)

Nº de horas dedicadas – 2 dias, incluindo manhãs e tardes

Linguagem – Neste âmbito foram observados três grupos, os praticantes, o público (no qual me inseria) e no júri, organização e apresentador da competição.

Praticantes – A Linguagem utilizada é referente sobretudo às manobras, à organização da interacção entre os praticantes, palavras, espanto, descontentamento.

Júri, organização e apresentador da competição – utilização de uma linguagem que utiliza recorrentemente expressões específicas da prova como *run* por exemplo. A linguagem utilizada está quase equiparada à dos praticantes na medida em que admite um carácter um pouco formal.

Público – este grupo encontrava-se na plateia sendo na sua grande maioria composto por jovens do sexo masculino e feminino, os quais pareciam estar dentro do mesmo esquema de utilização das expressões; foram imensas as vezes que ouvi a se referirem a manobras, do estilo dos praticantes etc. este grupo parecia estar em íntimo contacto com os praticantes

Dinâmicas – a organização encontrada entre os praticantes era normativa, regulada pelos praticantes dentro dos momentos dedicados aos treinos para a competição. O que por fora demonstrava parecer um perfeito caos era apenas uma forma aparente de organização gerida pelos próprios praticantes. Em cerca de quarenta atletas a praticar num espaço amplo que desta forma se torna reduzido, havia sem dúvida uma estrutura e uma organização baseada num esquema básico de formação em fila. Em várias secções da pista aglomeravam-se grupos de praticantes em filas; para evitar choques os praticantes tinham em atenção os pontos de passagem e de intersecção procurando fazer passagens em diferentes tempos. De notar também que consoante a habilidade do praticante, maior o seu status enquanto presença no espaço, ganhando desta forma direito de passagem sobre outros praticantes. Esta situação parece-me ser esclarecida pelo simples facto de que os praticantes preferem deixar passar um outro skater mais habilidoso para depois poderem observar as suas manobras e estilo de andar. Este esquema tem uma relação directa também com o modo de aprendizagem e competição.

Nº de horas de observação – 2 dias de observações

Tipo de Observação – passiva

Sexo dos praticantes – Masculino – participantes no torneio – 3 praticantes do sexo feminino na hora de acesso livre à pista. (estes praticantes parecem não ter a mesma agilidade em cima da prancha que os praticantes do sexo oposto; efectuam as manobras em velocidades muito mais brandas e estas não são de grande complexidade.)

Alguns dados relevantes nesta observação:

As várias etapas do circuito Nacional de Skate (organizado pela Radical Skate Clube, patrocinado pela D.C.) são divididas em 3 fases, sendo estas: Qualificações, meias finais e finais, ainda com um evento final intitulado de *Best Trick Contest* aonde o vencedor é aquele que fizer a manobra de maior dificuldade e complexidade sobre um obstáculo.

O circuito é também disputado entre diferentes categorias: iniciados, amadores e Profissionais

Entre as competições há lugar para 15 minutos de treino para os participantes

Entre os outros espaços não integrados na prova ainda foi possível fazer observações a alguns praticantes.

Patrocínio do Evento – Sample, Correio da Manhã, D.C., Skull Candy, Record; Câmara Municipal da Amadora (de salientar que os apoios da C.M. da Amadora apenas se basearam em apoios de logística) e Clube da Água.

Sonoridades – O som que era colocado pela organização para ambientar o evento era em grande variedade e alcançando inúmeros estilos. Sendo que a música que era colocada era pedida pelos próprios atletas; esta situação levou-me a supor que existe dentro do grande grupo de *skaters* uma pletora enorme de gostos, escolhas e atitudes musicais.

Finalização da Prova

No final da prova são decididos os vencedores. Estes apresentam entre o 1º e o 3º lugar mediante as categorias. Cada um ocupa o seu devido lugar no pódio e são atribuídos prémios (estes dependentes também da categoria) e em vez de uma taça, realmente um pormenor interessante é entregue ao 1º classificado a prancha de ouro, ao 2º a prancha de prata e ao 3º a prancha de prata

OS FILHOS DO BETÃO

8ª Observação:

Data – 27/02/2010

Local – Skateparque Ski – Skate, Amadora – Alfragide

Indumentária – Calças largas, bonés, Tshirts largas, muito deste material de marcas associadas a fabricantes de Skate, assinaladas com os seus logótipos específicos. (utilizados também como símbolos do Grupo) Roupas largas com siglas associadas a marcas de skate. De salientar que nos praticantes de sexo feminino destacam-se os motivos associados ao movimento punk, com cores escuras e axadrezados rasgados e adornos com picos e caveiras.

Idades – 10 – 33 (idade aproximada)

Desempenho – Alguns dos praticantes optam por utilizar certas partes da pista de modo a treinarem uma manobra ou um leque de manobras específicas. A utilização integral da pista fica a cargo dos mais exímios e locais. As áreas de ocupação por parte de praticantes menos exímios são normalmente as zonas sem obstáculos com chão liso (flat), como o caso de dois dos praticantes de sexo feminino, que não chegaram a fazer uma utilização das zonas da pista com obstáculos de maior dificuldade. Esta lógica no entanto não se verificava apenas nos praticantes de sexo feminino mas também nos praticantes com menor grau de proficiência. Um dos praticantes de sexo feminino estava a utilizar mais zonas da pista e detinha um nível de proficiência superior a alguns do sexo masculino que estariam ainda num patamar de iniciação. A nível de organização de utilização de espaços os praticantes estavam distribuídos por grupos mediante a utilização de um local específico da pista; isto denotava que nestes grupos os praticantes não se conheciam no entanto respeitavam-se mutuamente havendo espaço para todos na utilização do mesmo espaço. Apesar de haver uma organização obedecendo à ordem de chegada muitos eram aqueles que cediam a sua vez a elementos com elevado nível de experiência ou até ao elemento de sexo feminino que se encontrava no grupo. A lógica da sequência por ordem de chegada parece ser o esquema normativo que funciona como um mecanismo que permite evitar conflitos, contudo parece também haver uma boa dose de bom senso tanto nas cedências, como na própria circulação em si. Um dos praticantes de sexo feminino encontrava-se integrando num grupo de 5 elementos todos conhecidos; estes eram praticantes que já detinham alguma prática. A atitude destes perante o membro de sexo feminino era de ajuda e muitas das vezes leccionavam algumas manobras e outras técnicas a este membro. A rapariga não tinha grande experiência, no entanto já fazia uma utilização casual da pista aparentando já estar familiarizada com esta. O elemento de sexo feminino, embora a atitude de outros praticantes não o indicasse, estava no escalão mais baixo da hierarquia pois o seu nível de proficiência em relação aos outros assim o ditava.

Nº de elementos – 14 (15 contando com o observador) este número foi aumentando e diminuindo à medida que as horas passavam

Nº de horas dedicadas – 3 a 4 hrs

Linguagem – a linguagem utilizada pelos praticantes era essencialmente linguagem referente à nomenclatura das manobras, gritos de alegria e gritos de raiva; linguagem relativa ao próprio exercício da prática. Utilização de expressões de euforia de gozo de alegria, frustração.

Dinâmicas – As dinâmicas são de competição. O treino intensivo obriga os praticantes a utilizarem um mesmo espaço na pista até conseguirem fazer a manobra ou o truque na melhor das perfeições. Para além da competição a persistência é também uma das dinâmicas.

Nº de horas de observação – 3 a 4 hrs

Tipo de Observação – participante (neste período o observador dedicou-se à prática procurando interagir com os elementos presentes.

Sexo dos praticantes – 11 praticantes do sexo masculino, e 3 praticantes do sexo feminino.

9ª Observação:

Data – 07/03/2010

Local – Skateparque Ski – Skate, Amadora – Alfragide

Indumentária – Calças largas, bonés, Tshirts largas, muito deste material de marcas associadas a fabricantes de Skate, assinaladas com os seus logótipos específicos. (utilizados também como símbolos do Grupo) Roupas largas com siglas associadas a marcas de skate.

Idades – 9 – 35

Desempenho – Alguns dos praticantes optam por utilizar certas partes da pista de modo a treinarem uma manobra ou um leque de manobras específicas. A utilização integral da pista fica a cargo dos mais exímios e locais. As áreas de ocupação por parte de praticantes menos exímios são normalmente as zonas sem obstáculos com chão liso (flat). Foi observada a presença de um nível elevado de praticantes com alto nível de experiência.

Nº de elementos – 19 (20 contando com o observador)

Nº de horas dedicadas – 3 hrs

Linguagem – A linguagem utilizada pelos praticantes era essencialmente linguagem referente à nomenclatura das manobras, gritos de alegria e gritos de raiva devido ao falhanço contínuo; linguagem relativa ao próprio

OS FILHOS DO BETÃO

exercício da prática. Utilização de expressões de euforia de gozo de alegria, frustração. De salientar que é utilizada muitas vezes como forma de evitar acidentes e choques se utiliza a expressão “Oi” como forma de aviso.

Dinâmicas – As dinâmicas são de competição. O treino intensivo obriga os praticantes a utilizarem um mesmo espaço na pista até conseguirem fazer a manobra ou o truque na melhor das perfeições. Para além da competição a persistência é também uma das dinâmicas. O elevado número de praticantes provocava um aparente caos de circulação na pista, o que por vezes se revelava em alguns acidentes. Os praticantes de sexo feminino faziam uma utilização estática da pista numa zona com obstáculos de pouca dificuldade e também das zonas lisas do *Skateparque*. Muitos dos praticantes dirigem-se para a infra-estrutura acompanhados com grupos de amigos e desta forma nota-se que de facto a utilização se encontra dividida não só pela utilização consoante a proficiência do praticante mas também são ocupados locais específicos da pista por grupos de praticantes podendo estes pertencer ao mesmo grupo de amigos ou não. Existe sempre alguma interacção entre os praticantes mesmo que estes não se conheçam sendo esta por manifestada na maior parte dos casos pela necessidade de ajuda após uma queda ou então pela necessidade de aviso de forma a evitar choques ou acidentes.

Nº de horas de observação – 3 hrs

Tipo de Observação – Participante

Sexo dos praticantes – 16 (17 contando com o observador) praticantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino.

10ª Observação:

Data – 06/11/09

Local – Skateparque V. da Gama

Indumentária – Roupas largas - de marca - marcas associadas ao Skate

Idades – 13 - 26

Desempenho – Desempenho em termos de treino e insistência em determinadas manobras e locais específicos da pista; espírito de competição sempre presente.

Nº de elementos – 7

Nº de horas dedicadas – 3 hrs

Linguagem – Utilizada linguagem associada à prática; Gozo, Truques, erros e falhanços, quedas, frustração

Dinâmicas – Competição. Os elementos obedecem a uma lógica de utilização de espaços simbiótica num clima de competição. Este clima parece organizar a própria utilização dos diferentes espaços dentro do *Skateparque*. Neste caso a utilização restringe-se a uma organização que permite o uso singular e individual de cada um dos praticantes. Os praticantes vão tentar “aterrar” o maior nº de truques possíveis, cada um com o seu grau de dificuldade associado. Nesta lógica, quanto mais truques de maior grau de dificuldade o Skater “aterrar” maior é o sua aceitação dentro do grupo eclodindo também numa standardização de status superior dentro do grupo. Quanto maior o status do Skater maior é também o sua prioridade de utilização dos espaços dentro do *Skateparque*. Este status parece denotar uma espécie de simbolismo de apropriação do «espaço» dentro do espaço de prática, tendo como expoente máximo a prioridade de alguns sobre outros. A esta dialéctica podemos também sustentar que a aceitação desta lógica deve-se em grande parte à ideia de que o Skater evolui muito mais estando em contacto com outros Skaters de maior nível; desta forma o nível de competição é superior o que por sua vez influencia o desempenho. Neste caso um dos elementos era um Skater amador patrocinado pela Vans. Este utilizava todos os espaços da pista como com prioridade sobre os outros. Dos restantes presentes, 2 dos elementos estavam juntos mas pareciam não conhecer o resto do grupo e pouca interacção tiveram com os restantes; andaram cerca de 30 a 40 minutos num espaço flat (liso) da pista (próprio para utilização por parte de iniciados, ou treino de manobras mais complexas) após este tempo limitaram-se a se sentar e observar os restantes. Os restantes 4 elementos pareciam estar juntos e utilizavam os diversos espaços da pista consoante as manobras que queriam aperfeiçoar; como não poderia deixar de ser, estava presente o clima de competição entre estes elementos como entre os 2 elementos anteriores. Neste último grupo de 4 elementos era também perceptível o status. O que mais se destacava entre eles beneficiava também de prioridade sobre os outros na utilização da pista, agindo de certa forma como tutor.

Nº de horas de observação – 3 hrs

Tipo de Observação – Passiva

Sexo dos praticantes – 7 praticantes do sexo masculino

11ª Observação:

Data – 05/03/2010

Local – Skateparque Vasco da Gama

Indumentária – Desempenho em termos de treino e insistência em determinadas manobras e locais específicos da pista; espírito de competição sempre presente. (sendo em grande parte uma indumentária definida por certos tipos de marcas de grande influência no Desporto)

Idades – 13 - 25

OS FILHOS DO BETÃO

Desempenho – A interacção entre estes praticantes assumia contornos de competição. Utilização de uma organização que permitia aos praticantes treinarem mantendo a atenção dos outros elementos, fundamentando um clima de competição mesmo nas sessões de treino e tentativa erro.

Nº de elementos – 12

Nº de horas dedicadas – 2 hrs

Linguagem – A linguagem utilizada pelos praticantes era essencialmente linguagem referente à nomenclatura das manobras, gritos de alegria e gritos de raiva devido ao falhanço contínuo; linguagem relativa ao próprio exercício da prática. Utilização de expressões de euforia de gozo de alegria, frustração.

Dinâmicas – Os elementos obedecem a uma lógica de utilização de espaços simbiótica num clima de competição. Este clima parece organizar a própria utilização dos diferentes espaços dentro do *Skateparque*. Neste caso a utilização restringe-se a uma organização que permite o uso singular e individual de cada um dos praticantes.

Nº de horas de observação – 2 hrs

Tipo de Observação – passiva

Sexo dos praticantes – 11 praticantes do sexo masculino e 1 praticante do sexo masculino

12ª Observação:

Data – 20/03/2010

Local – Skateparque Vasco da Gama

Indumentária – Roupas largas (sendo em grande parte uma indumentária definida por certos tipos de marcas de grande influência no Desporto)

Idades – 10 - 33

Desempenho – Alguns dos praticantes optam por utilizar certas partes da pista de modo a treinarem uma manobra ou um leque de manobras específicas. A utilização integral da pista fica a cargo dos mais exímios e locais. As áreas de ocupação por parte de praticantes menos exímios são normalmente as zonas sem obstáculos com chão liso (flat)

Nº de elementos – 7 + 1 (observador)

Nº de horas dedicadas – 3 hrs

Linguagem – Linguagem apropriada a explicação do tipo de truques efectuados; linguagem utilizada de forma a suscitar o sentimento de competição, de gozo de raiva e de incómodo ou dor. De se mencionar efectivamente que estas interacções são sempre acompanhadas por uma enorme quantidade de palavrões. Parecem haver palavrões chave para certos tipos de situações, erros, quedas, etc.

Dinâmicas – As dinâmicas observadas são dinâmicas de competição, de estímulo e apoio. Os praticantes estimulam-se uns tendo como base um clima de competição. Existe também uma apropriação de diferentes espaços consoante o grau de proficiência dos praticantes. Este nível de proficiência determina as condições hierárquicas dentro do grupo.

Nº de horas de observação – 3 hrs

Tipo de Observação – participante

Sexo dos praticantes – 8 praticantes do sexo masculino

Anexo E: Descrição dos locais de observação

1. Skateparque Vasco da Gama

Este Skateparque, foi dos primeiros skateparques de estilo profissional em Portugal. Foi o primeiro campeão Nacional Luís Paulo que o projectou.

O local é amplo construído numa espécie de betão. A zona onde foi construído terá sido numa zona em frente ao rio Tejo anteriormente designada de zona de de Lezírias e consequentemente numa zona de imensa irregularidade o que leva a que este Skateparque esteja sempre num estado decadente, pois o próprio chão do parque começa a partir devido à fragilidade provocada pelos terrenos aonde se encontra assente, provocando por sua vez alguns acidentes entre os praticantes. Algumas zonas da pista encontram-se tão degradadas que já se encontram inutilizadas.

O skateparque foi construído por volta de finais de 1997, nomeadamente pelo impulso de construção gerada pela Expo 98 na zona do Oriente, o que veio a renovar esta zona que anteriormente seria uma zona Industrial que foi progressivamente abandonada acabando por se aparentar mais com uma lixeira. A Expo 98 veio revitalizar toda esta zona desde o poço do Bispo até a Sacavém.

A pista é constituída por uma série de rampas todas num espaço amplo. De um lado temos uma rampa recta que se estende ao longo do parque que se vai alargando até se encontrar com uma outra rampa de grandes dimensões presenteada com um muro (Curb) de um lado e um corrimão do outro. Na outra zona Lateral encontramos duas rampas em V (Spine) colocadas uma seguida à outra de forma a terem ligação. Na lateral de cada uma destas rampas temos também em forma arredondada uma outra rampa que permite que a rampa tenha diferentes vertentes em rampa tanto na sua base lateral como na sua base traseira e dianteira.

À entrada do parque temos uma mini rampa em forma de feijão que tem comunicação com uma outra rampa lateral de forma recta que no seu topo oferece comunicação e acesso às três divisões da lateral do parque, tendo inclusivamente ainda um outro muro que separa o topo desta zona de rampas para uma terceira rampa em forma recta que dá acesso ao chão da pista. Na parte traseira de todo o parque encontramos uma zona plana (Flat) contemplada ainda com umas acentuações em forma de uma pequena onda. Esta zona é geralmente utilizada por praticantes com menos aptidões ou como zona de treino nas rotações dos truques.

2. Skateparque de Odivelas

Este Skateparque foi também um dos primeiros dedicados exclusivamente a desportos radicais na zona de Loures. Terá sido construído ainda antes do Skateparque da Expo, por volta de 1997. É um espaço muito pequeno que leva a que as depressões e supressões estejam um pouco sobrepostas. Por isto mesmo é um Skateparque com características propícias para a prática em grande velocidade. Apesar de este ser um espaço reduzido e um pouco sobreposto é um espaço que foi muito bem desenhado permitindo ao praticante ter um excelente aproveitamento tanto ao nível do seu desenvolvimento como na sua preparação.

O espaço onde se encontra erigido seria anteriormente um local aonde estaria um moinho que por sua vez terá sido reaproveitado e arranjado permanecendo exactamente no centro do Skate parque e cujo o seu acesso é feito através de uma ponte. Esta por sua vez limita uma zona da pista da outra.

O Skateparque encontra-se construído num plano circular com um extremo de 360°. Num dos seus Lados encontra-se uma minirampa em U com a forma de um feijão permitindo fazer a utilização em Snakerun e desta forma acentuar a velocidade. As arestas desta rampa têm comunicação com uma outra rampa rectangular cujo topo plano se estende para três rampas rectas em diferentes vertentes todas elas efectuando ligação com o chão da pista. Uma das outras paredes da minirampa vai se acentuando ingreme até se tornar numa parede com dois níveis, com um degrau inferior e outro superior; no fundo da parede temos uma pequena inclinação que encaixa ao chão da pista; o chão estende-se por cerca de mais 3 metros sem obstáculos. Nesta zona encontramos os praticantes menos experientes e alguns outros que treinam as rotações das manobras.

No topo de um dos lados da minirampa e de cada uma das laterais (esquerda e direita) temos outras duas rampas que fazem comunicação com a outra metade da pista e se encontram directamente com as paredes de uma rampa em U (Halfpipe) de grandes dimensões e cujas suas paredes se inclinam totalmente no seu topo. Esta rampa tem uma altura de cerca de 2 a 2 metros e meio por uma largura de 3. Uma das paredes a meio prossegue com uma minirampa que se estende por uma grande parte da área da outra metade da pista. No final desta secção encontramos uma caixa com encostada a um muro (Curb). Esta caixa tem 3 vertentes que podem ser utilizadas como pontos de elevação de forma a chegar ao topo do muro. As vertentes permitem ainda efectuar manobras de uma vertente para a outra. Numa zona central encontramos uma outra caixa obstáculo em forma rectangular. Na parte traseira do parque encontramos ainda uma piscina (Pool) com cerca de 2 metros de profundidade.

3. Skateparque Ski-Skate – Amadora – Alfragide

Este Skateparque é sem dúvida dos mais recentes em Portugal e também dos Skateparques mais profissionais. Foi construído em 2009 pela Radical Skate Clube. Como o próprio nome do Skateparque indica, este está contemplado também com uma pista de grandes dimensões para os amantes do Ski e do Snowboard. De referir também que este skateparque é um local que é explorado comercialmente tendo no seu interior máquinas de vending um gabinete de aluguer de material e um quiosque de venda de gelados e comida. A entrada é taxada aos praticantes consoante a sua origem; um praticante que resida na área da Amadora – Alfragide apenas paga 2€ enquanto um praticante que não resida nesta zona paga 3€. Estes valores permitem-lhes usufruir do espaço pelo tempo que quiserem, desde a hora de abertura até à hora de fecho. A Radical Skate Clube exige ainda a utilização de protecções dentro do espaço.

A pista em si encontra-se protegida por uma grande tenda. No exterior deste espaço encontramos para além da grande pista de Ski uma minirampa em forma de U (mini-halfpipe).

A Pista é efectivamente um espaço amplo com uma zona central sem obstáculos com zona plana (Flat) que se distribui por ambos os lados da pista indo de encontro a todas as supressões. Esta pista é basicamente dividida a partir desta zona plana. Numa das metades da pista encontramos de ambos os lados duas rampas; uma das rampas é recta contemplada com um muro (Curb) e um corrimão enquanto a outra é arqueada e sem obstáculos. Nesta secção a rampa estende-se em curva estilo curva contra curva (S Turn) até encontrar o muro da outra rampa. Este muro do lado da secção anteriormente descrita encontra-se acabado em rampa, permitindo uma comunicação mediante manobras arrojadas. Ainda deste lado da pista temos uma base superior em canudo e por detrás deste, uma passagem com depressões que mantém a comunicação entre as laterais da metade da pista. Nesta metade encontramos ainda uma piscina (Pool) de forma oval e com uma profundidade de cerca de 2 metros; esta encontra-se situada na cintura interna da metade da pista e permite ainda a comunicação com as rampas adjacentes direccionadas à zona plana da pista que permite um acesso em velocidade à outra metade.

Na outra metade temos comunicação entre as suas laterais sendo uma destas dividida mediante um muro (Curb) de uma secção de rampas adjacentes também estas direccionadas à zona plana e consequentemente permitindo o acesso em velocidade à outra metade da pista. De uma lateral para a outra encontramos rampas com diversas formas e irregularidades tendo quase todas comunicações umas com as outras. Uma das rampas adjacentes direccionada à parte superior desta metade permite ainda acesso a uma outra rampa inferior direccionada à outra lateral da metade. Entre as laterais desta metade encontramos ainda uma secção de muros (Curbs). A lateral inferior tem ainda uma zona plana e ainda mais uma rampa superior que tem comunicação com a lateral superior da metade.

Este Skateparque apresenta-se realmente com uma distribuição altamente planeada que permite uma flexibilidade de passagem e acesso às diferentes zonas da pista. A sua arquitectura complexa é relativamente funcional e apresenta-se sem dúvida um exemplo em como esta se pode moldar às diferentes disposições de cada um dos praticantes.

4. Praça da Figueira

Este local não é de facto um local exclusivo para a prática de desportos radicais, como o caso dos Skateparques contudo a presença constante de praticantes de Skate o faz colocar na rota dos locais conceituados para a prática do skate de rua (Street) em Lisboa. É efectivamente um local de relevância para qualquer praticante.

O interesse fulcral neste local é o facto de este ser um espaço aberto e amplo com uma imensa zona plana (Flat) composta por um chão que permite um grande deslizamento ao skate. No centro desta zona existe uma supressão onde encontra uma estátua. Esta supressão (degrau) oferece as mesmas funcionalidades que um muro (Curb) o que permite aos praticantes treinar uma série de manobras que implicam deslizar sobre esta mesma supressão. Para além disto, o topo da supressão ou degrau é também amplo e visto ser em forma de quadrado permite várias abordagens quanto à sua entrada e saída em condição de acessos e obstáculo. Este espaço é basicamente constituído como anteriormente foi descrito e visto se encontrar situado no centro de Lisboa praticamente numa zona Histórica, este encontra-se sempre com uma concentração enorme de transeuntes, o que por vezes pode originar choques entre os praticantes e os transeuntes. Todavia a presença de praticantes de skate é habitual e quase que percebemos alguma aceitação por parte dos transeuntes o que origina uma certa lógica de presença que vai regular ambos os utilizadores do espaço. Esta lógica de presença é também verificada nos praticantes pois estes também trabalham em conjunto para evitar acidentes com os transeuntes.